



Programa de  
Pós-Graduação em  
**Linguística**

NA FRONTEIRA DA INTOLERÂNCIA: ECOS DE POVOS EM DESLOCAMENTO

SÃO CARLOS  
2020



Universidade Federal de São Carlos

Joice Camila Corsi

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

NA FRONTEIRA DA INTOLERÂNCIA: ECOS DE POVOS EM DESLOCAMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Vanice Maria Oliveira Sargentini

JOICE CAMILA CORSI

São Carlos - São Paulo - Brasil

2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Joice Camila Corsi, realizada em 07/02/2020.

**Comissão Julgadora:**

Profa. Dra. Vanice Maria Oliveira Sargentini (UFSCar)

Profa. Dra. Luzmara Curcino Ferreira (UFSCar)

Prof. Dr. Jocenilson Ribeiro dos Santos (UNILA)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Dedico este trabalho a minha família, Ivan, Lara e Luísa, por retribuírem o meu amor [mesmo nos dias em que eu me trancava no quarto para escrever]; e ao meu pai, por compreender a dimensão do meu sonho e caminhar de mãos dadas comigo.

## **Agradecimentos**

Agradeço à professora Vanice Sargentini, por incontáveis razões. A primeira delas por não me deixar desistir, por me orientar, me aconselhar com firmeza e ternura, me compreendendo até mesmo em momentos que agi como “algoz de mim”. Agradeço pelo abraço acolhedor, pelo sorriso sereno, por seu exemplo como profissional e mulher. Sou grata ainda por todo incentivo, por continuar caminhando ao meu lado, respeitando minhas convicções e partilhando generosamente seu conhecimento comigo.

Agradeço a todos os professores do departamento de Letras, em especial aos professores da área de Análise do Discurso, Baronas, Carlos, Luzmara, Miotello, Lucas, Luciana, Carol, Soila, Monica, pelo exemplo como profissionais e por compreenderem meu momento de maternidade.

Agradeço aos ex presidentes Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff pelas políticas públicas destinadas à educação, cuja existência me permitiram ingressar na universidade e na pós-graduação.

Agradeço a professora Luzmara, ao professor Jocenilson pela leitura e fundamental contribuição neste trabalho.

Agradeço a professora Lívia e ao professor Pedro por terem aceitado ler este trabalho.

Agradeço ao Ivan, pela compreensão, esforço e parceria, por entender meus dias de isolamento e por ser um pai tão maravilhoso para nossas filhas [o que minimizou minhas ausências no decorrer deste trabalho]. Você sempre foi meu porto seguro.

Agradeço a minha filha Lara, por ser tão madura, no auge dos seus 11 anos. Sua companhia, seu amor e sua compreensão foram essenciais para mim. Sem aquele: “*Lara, dá uma olhadinha na Luísa pra mamãe*” nada seria possível. Te amo!

Agradeço a Luísa, esse pedacinho de gente que apareceu de supetão. Enquanto você dava seus primeiros passinhos, suas primeiras palavras, a mamãe escrevia. Te amo!

Agradeço ao meu pai, por desde muito cedo ter me incentivado a estudar e usar o conhecimento como ferramenta para promover a mudança em minha vida.

Agradeço à minha mãe pela confiança depositada em mim, por ser tolerante e me ajudar com as meninas.

Agradeço ao meu irmão, Alan, e minha cunhada, Mari, pelo riso fácil. Vocês fazem a vida parecer mais leve.

Agradeço aos meus demais familiares por acreditarem em mim e pelos elogios [que alimentaram meu ego, muitas vezes desnutrido].

Agradeço à Regiane, pela materna relação e pelos sábios conselhos que me acalmaram nos momentos mais difíceis.

Agradeço à Vanessa, secretária do PPGL pelo atendimento empático e pela paciência.

Agradeço a todos aqueles que cruzaram o meu caminho, com suas crenças, diferenças e similitudes. Vocês me fizeram crescer e conseguir olhar para o outro com mais empatia.

*Não sou nem ateniense, nem grego, mas sim um cidadão do mundo.*

*(Sócrates)*

*Toda a Terra continuava a ter um só idioma e um só conhecimento de palavras (Genesis, 1: 1);*

*Disseram então: “Venham! Vamos construir uma cidade para nós e uma torre cujo topo chegue aos céus, e vamos fazer para nós um nome célebre; assim não seremos espalhados por toda a face da terra” (Genesis, 1: 4);*

*E Jeová disse: “Eles são um só povo, com um só idioma e vejam o que estão fazendo”. Agora nada do que planejem fazer será impossível para eles. (Genesis, 1: 6);*

*Vamos! Desçamos e confundamos o seu idioma, para que não entendam o idioma um do outro. (Genesis, 1: 7) [...]*

*e Jeová os espalhou dali por toda a face da Terra (Genesis, 1: 9)*

## RESUMO

Temos sido alvejados, diariamente, por notícias relacionadas ao fluxo migratório mundial. Como predisse Foucault ([1979] 2010), os antagonismos excessivos nos seios da sociedade têm mobilizado o deslocamento massivo de pessoas. Estados ditatoriais, guerras civis, perseguições políticas ou religiosas, violação dos direitos humanos e até catástrofes naturais são alguns dos fatores que configuram os “*novos fluxos migratórios*” (CAVALCANTI e col. (2019). Embasando-nos pelo entendimento das considerações de Albuquerque Júnior (2016) em torno da prática da xenofobia e suas motivações, e sobre as nuances entre intolerância e tolerância (DUNKER, 2014), interessamos, sobretudo, problematizar a velha máxima da cordialidade do povo brasileiro (BUARQUE HOLANDA, 1995). Objetivamos de forma geral indicar se há mutações nos traços identitários atribuídos aos brasileiros e de forma específica analisar como as possíveis mutações podem ser apreendidas nas formas de discursivização das políticas migratórias, sejam nas determinações semânticas, sejam nas projeções dos discursos de presidentes. Para isso analisaremos como três sujeitos que já usufruíram ou ainda usufruem da condição de Chefes de Estado, Dilma Rousseff, Michel Temer e Jair Bolsonaro empregaram, em circunstâncias de fala pública, os termos utilizados para se referirem a *povos em deslocamento*. Nessa análise observaremos como as imagens identitárias atribuídas por essas três figuras políticas a pessoas em deslocamento estão intrinsecamente relacionadas a questões históricas, que atravessam as formas de cordialidade e sua ausência. Elegemos como recorte inicial o ano de 2015 em razão do número recorde de deslocados (NAÇÕES UNIDAS, 2015), pelo aumento considerável no interesse dos usuários da internet pelos termos ‘refugiados’, ‘migrantes’ e ‘imigrantes’ (GOOGLE TRENDS) e ainda pela irrupção do acontecimento histórico-discursivo, que ficou reconhecido como o símbolo da crise migratória, a morte do menino sírio *Aylan Kurd* (G1, 2015). Basear-nos-emos, para tanto, nas reflexões foucaultianas em torno da dinâmica das condições de emergência dos enunciados, da memória discursiva, das estratégias do poder, entre outras contribuições do autor para emprendermos nossas reflexões. Resultados indicam que o estereótipo do homem cordial está cada vez mais no imaginário e na memória coletiva que nas práticas propriamente ditas. A cordialidade está condicionada às manobras de nossos líderes, às convicções de nossos representantes em diferentes esferas e segue sob o olhar espreito da xenofobia.

Palavras – chave: Discurso, Povos em Deslocamento, Homem Cordial, Mídia, Xenofobia.

## ABSTRACT

We have been targeted daily by news related to the worldwide migration flow. As predicted by Foucault ([1979] 2010), excessive antagonisms within the bosom of society have mobilized the massive displacement of people. Dictatorial states, civil wars, political or religious persecution, human rights violations and even natural disasters are some of the factors that shape the “new migratory flows” (CAVALCANTI e col. (2019). Based on the understanding of Albuquerque Júnior's (2016) considerations about the practice of xenophobia and its motivations, and on the nuances between intolerance and tolerance (DUNKER, 2014), we are mainly interested in problematizing the old saying about Brazilian people’s cordiality (BUARQUE HOLANDA, 1995). In general, we aim to indicate if there are mutations in the identity traits attributed to Brazilians and specifically to analyze how the possible mutations can be apprehended in the forms of discursivization of migratory policies, whether in semantic determinations or projections of presidents' speeches. For this, we will analyze how three subjects who have already experienced or still experience the condition of Heads of State, Dilma Rousseff, Michel Temer and Jair Bolsonaro used, in public speaking circumstances, the terms employed to refer to “people on the move”. In this analysis we will observe how the identity images attributed by these three political figures to people on the move are intrinsically related to historical issues, which pass through the forms of cordiality and its absence. We chose 2015 as a starting point because of the record number of displaced people (NAÇÕES UNIDAS, 2015), the considerable increase in the interest of internet users for the terms 'refugees', 'migrants' and 'immigrants' (GOOGLE TRENDS) and also by the eruption of the historical-discursive event, which was recognized as the symbol of the migratory crisis, the death of Syrian boy Aylan Kurd (G1, 2015). To this end, we will base ourselves on Foucaultian reflections on the dynamics of the emergency conditions of utterances, discursive memory, power strategies, among other contributions of the author to undertake our reflections. Results indicate that the stereotype of the cordial man is deeply rooted in the imagination and collective memory rather than in the practices themselves. Cordiality is conditioned by the maneuvers of our leaders, the convictions of our representatives in different spheres and follows under the watchful eye of xenophobia.

Keywords: Discourse, People on the Move, Cordial Man, Media, Xenophobia.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Capas de jornais mundiais retratando a morte de Aylan Kurdi. ....	p.10
Figura 2- Corpo de Aylan Kurdi.....	p.11
Figura 3- Corpos de pai e filha, afogados no Rio Bravo, Matamoros, em Tamaulipas, México, 2019 .....	p.11
Figura 4- <i>La preuve que L' Europe est Chrétienne</i> .....	p.12
Figura 5- “Dois menus de criança pelo preço de um”.....	p.13
Figura 6- “No que teria se transformado o pequeno Aylan se ele tivesse crescido.....	p.14
Figura 7- Gráfico Google Trends- Refugiado.....	p.15
Figura 8- Gráfico Google Trends- Imigrante, Migrante, Refugiado.....	p.16
Figura 9- Gráfico Global Trends — <i>Forced Displacement in 2017</i> .....	p.18
Figura 10- Gráfico de Refugiados reconhecidos no Brasil de 2010 a 2016.....	p.19
Figura 11- Campanha “ Para os refugiados, o Brasil é uma oportunidade de viver”.....	p.33
Figura 12- Campanha de enfrentamento à xenofobia e à intolerância no Brasil.....	p.34
Figura 13- Comentários na página do <i>facebook</i> do Ministério da Justiça.....	p.35
Figura 14- Campanha de enfrentamento à xenofobia.....	p.37
Figura 15- Campanha de enfrentamento à xenofobia.....	p.37
Figura 16- Campanha de enfrentamento à xenofobia.....	p.37
Figura 17- Campanha de enfrentamento à xenofobia.....	p.37
Figura 18- Campanha de enfrentamento à xenofobia.....	p.38
Figura 19- Campanha de enfrentamento à xenofobia.....	p.38
Figura 20- Gráfico do número de denúncias por xenofobia (2014, 2015) .....	p.39
Figura 21- Campanha de enfrentamento à xenofobia.....	p.40
Figura 22- Campanha de enfrentamento à xenofobia.....	p.40
Figura 23- Twitter contra os nordestinos.....	p.49
Figura 24- Tabela com números de registros de migrantes de longo termo (2010- 2018) .....	p.53
Figura 25- Número de solicitações de reconhecimento da condição de Refugiado.....	p.61
Figura 26- Twitter de Donald Trump Jr.....	p.64
Figura 27- Twitter de Bolsonaro- Caso dos paraguaios.....	p.117
Figura 28- Twitter de Bolsonaro- “Não ao Pacto Migratório”.....	p.118
Figura 29- Twitter de Bolsonaro- 09 de janeiro de 2019.....	p.119

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1. ARQUEOLOGIA DA MIGRAÇÃO E A EMERGÊNCIA DA XENOFOBIA.....	25
1.1 Migrações: A configuração de um dispositivo .....	29
Tolerância: um jogo de toma lá dá cá.....	30
1.3 As faces da intolerância – “Brasil mostra tua cara”.....	32
2. ENTRE A CORDIALIDADE E A XENOFOBIA: UM RECENSEAMENTO DOS TERMOS QUE DESIGNAM PESSOAS EM DESLOCAMENTO .....	43
2.1 O homem cordial em seu nascedouro .....	43
2.2. A passionalidade da cordialidade – o homem cordial e a teorização do conceito .....	44
2.3. Xenofobia.....	46
2.4 Recenseamento de termos atribuídos aos sujeitos em deslocamento.....	50
2.4.1 Gentílicos: Rastros de um passado de exploração .....	52
2.4.2. Refugiados.....	60
2.4.3. Estrangeiros .....	67
2.4.4. Migrantes/Imigrantes .....	73
3. ACOLHIMENTO E REPULSA: A ENUNCIÇÃO DOS CHEFES DE ESTADO NA ONU.....	78
3.1. Organização das Nações Unidas.....	78
3.2. DILMA ROUSSEFF: “Brasil de Braços abertos “ .....	79
3.3. MICHEL TEMER: De cogitável a inegociável.....	90
3.4. JAIR BOLSONARO - Inimigo declarado .....	106

## INTRODUÇÃO

*[...] a humanidade cessa nas fronteiras da tribo, do grupo linguístico, às vezes mesmo da aldeia; a tal ponto, que grande número de populações denominadas primitivas se designam por um nome que significa os homens, ou, às vezes, diremos com mais discrição, os bons, os excelentes, os completos, implicado assim que as outras tribos, grupos ou aldeias não participam das virtudes ou mesmo da natureza humana, mas são, quando muito, compostas de maus, de malvados de símios da terra ou de ovos de piolho. Chegam muitas vezes a privar o estrangeiro deste último degrau de humanidade, convertendo-o num fantasma, ou numa aparição*

*(Lévi-Strauss, 1970, Apud Albuquerque, 2016 p.223)*

A questão da nacionalidade é uma problemática que atravessa os tempos e não se esgota nem mesmo em um cenário mundial que se mobiliza tecnologicamente para tornar cada vez menor as distâncias entre as pessoas. Na contramão de toda proximidade proposta pela tecnologia, as fronteiras territoriais e culturais afastam cada vez mais os homens, que constroem muros, cercas e barreiras e leis que impedem não só a entrada de estrangeiros, mas de toda forma de cultura alheia.

No Brasil, recentemente, uma campanha lançada pela ACNUR em parceria com a rede Globo chamou atenção para a questão do pertencimento a uma nação. Em comemoração ao Dia Mundial do Refugiado, o clipe com a canção “O meu país é a Terra”(YOUTUBE)<sup>1</sup>, foi exibido pelo canal de televisão inúmeras vezes. A letra diz: “o meu país é a terra, o meu país somos todos nós, ninguém nos separa da terra, junte a sua com a nossa voz”. A canção promove uma espécie de negação das etiquetas convencionais de procedência, por usar os substantivos Terra (planeta) e mundo no lugar de substantivos/adjetivos pátrios. Com essa estratégia discursiva, produz-se um efeito de sentido de direito e de liberdade. Os refugiados que aparecem no vídeo e, por consequência, aqueles que se encontram na mesma condição, são empoderados e sua presença no Brasil, ou em qualquer parte do mundo é legitimada, já que reconhecendo o planeta Terra e o mundo como seu país, não há para eles qualquer impedimento no direito de ir, vir ou permanecer.

<sup>1</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=HcxRCghF9QA&list=RDHcxRCghF9QA&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=HcxRCghF9QA&list=RDHcxRCghF9QA&start_radio=1)>. Acesso em 09 de janeiro de 2.020.

O tema das migrações está na ordem do dia. A forte “onda de migração” que tomou o mundo nos últimos anos evidenciou a problemática vivenciada por milhares de pessoas que precisaram, por inúmeros motivos, deixar sua terra natal e buscar acolhida em terras outras.

Essa crise migratória, a maior desde a segunda guerra mundial (ONU) <sup>2</sup>, possibilitou a emergência de discursos plurais, entre eles discursos de ódio. Alguns discursos passam por grandes transformações, por ressignificações, reformulações ao longo da história. São ao mesmo tempo processo e produto. Pelo discurso, realidades são construídas. Seus suportes materiais permitem que se dispersem num contexto social, afiançados pelos dizeres em voga. É por se construírem numa relação tensa, não sem a ação de forças contrárias, não sem silenciar outros discursos e sujeitos num jogo de poder e pelo poder que sua emergência é tão rara.

São esses, os discursos de medo, ódio, que têm ganhado cada vez mais notoriedade no cenário mundial. Realidades antes camufladas pelo pano da hipocrisia ou da pseudo-moral, hoje emergem com a fiança de multidões.

O dia 2 de setembro de 2015 foi possivelmente um dos mais chocantes no que se refere à crise migratória mundial na atualidade. Nesta data, o menino sírio, *Aylan Kurdi*, de apenas três anos, foi uma das vítimas de um naufrágio. O corpo de uma criança refugiada foi encontrado na praia, em um resort turco, após o naufrágio da embarcação que trazia refugiados sírios. Mídias de todo o mundo noticiaram a tragédia e a denominaram como “o marco da crise migratória”, tamanha repercussão do episódio. O acontecimento histórico foi repetido e discursivizado sob as mais variadas perspectivas e se configurou como acontecimento discursivo.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=KFkfmCjzP\\_M](https://www.youtube.com/watch?v=KFkfmCjzP_M)>. Acesso em 09 de janeiro de 2009.

Figura 1- Capas de jornais mundiais retratando a morte de Aylan Kurdi em 2 de setembro de 2015.



Fonte: Jornal O Globo<sup>3</sup>, 2015.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/a-imagem-que-virou-simbolo-da-crise-migratoria-pelo-mundo-17389332>>. Acesso em: 22 de agosto de 2019.

O Jornal brasileiro “O Globo” trouxe em 03/09/2015 a seguinte manchete: “A imagem que virou símbolo da crise migratória pelo mundo.” O veículo de mídia trouxe imagens de alguns dos principais jornais do mundo evidenciando a morte do menino sírio, Aylan Kurdy, vítima de afogamento, ao tentar chegar na Turquia com o pai Abdulá Kurdy. O bote em que a família viajava com destino a ilha de Kos, na Grécia, jamais chegou ao seu destino. Na travessia, além de Aylan, morreram também seu irmão, Galib (de 5 anos), sua mãe, Rihan Kurdi (de 35 anos) e um jovem de 18 anos.

A guerra civil na Síria ou “mini guerra mundial”<sup>4</sup>, como foi classificada pelo jornal americano *The Washington Post*, no ano de 2016, fez milhares de vítimas. Até o fim do ano de 2017, havia cerca de 12,6 milhões de sírios deslocados forçosamente. Desse número, 6,3 milhões eram de refugiados, 146.700 de requerentes de asilo e outros 6,2 milhões de deslocados internos<sup>5</sup>. O conflito entre tropas leais ao regime, grupos rebeldes e curdos ficou ainda mais agravado com a chegada de organizações jihadistas, como o Estado Islâmico.

Os desdobramentos em torno da morte do menino sírio, de seu corpo estendido na areia, e de todo o conjunto de fatores que envolveu esse acontecimento deram origem a uma série de enunciados. O assunto repercutiu e é lembrado até os dias atuais. Muitos jornais relembrou o fato no ano de 2019, após outras duas pessoas morrerem afogadas, na tentativa de entrarem em um país estrangeiro. A morte de Óscar Alberto Martínez Ramírez e de sua filha de 1 ano e 11 meses, no Rio Bravo, cidade de Matamoros, em Tamaulipas, no México, chocou o mundo mais uma vez. A família cruzava a fronteira com os Estados Unidos com o México e tentava chegar à cidade de Brownsville, no Estado do Texas.

Figura 2- Corpo de Aylan Kurdi<sup>6</sup>



Fonte: Revista Veja, 2015.

Figura 3- Corpos de pai e filha, afogados no Rio Bravo, Matamoros, em Tamaulipas, México, 2019.



Fonte: Folha UOL, 2019.

<sup>4</sup>Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160216\\_siria\\_nova\\_guerra\\_tg](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160216_siria_nova_guerra_tg)>. Acesso em: 20 de julho de 2019.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-06/numero-de-refugiados-bate-novo-recorde-e-atinge-685-milhoes>>. Acesso em: 19 de agosto de 2019.

<sup>6</sup>Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/corpo-de-aylan-e-enterrado-na-siria/>>. Acesso em: 19 de agosto de 2019.

As imagens chocantes se assemelham, e ilustram de maneira inquestionável a gravidade em torno das migrações na atualidade.

O semanário francês, *Charlie Hebdo*, ressignificou a trágica morte de *Aylan Kurdi*, em dois momentos distintos: setembro de 2015 e janeiro de 2016.

Figura 4- *La preuve que L' Europe est Chrétienne*



Fonte: TERRA UOL

O cartoon com a legenda, "A prova de que a Europa é cristã. Os cristãos andam sobre as águas. As crianças muçulmanas afundam", publicado pelo semanário francês, apela para o discurso religioso cristão. Embora o cristianismo tenha suas origens na Ásia ocidental, mais precisamente na Palestina, foi na Europa que ele mais ganhou adeptos e se solidificou nos séculos seguintes. No continente se localiza o Vaticano, sede da igreja católica, onde o cristianismo ainda é a religião de maior expressão. Charlie Hebdo ironiza a Europa e os cristãos europeus, muitos destes xenófobos. Ele sugere uma postura arrogante desses cristãos que, representados por Jesus, andam sobre as águas, enquanto Aylan, supostamente muçumano e devoto a Maomé, afunda. O semanário promove uma crítica ferina, não à bíblia ou a Jesus, mas sim à instrumentalização da religião para fins políticos, já que é em nome de um deus e de crenças extremistas, que muitas nações iniciam seus conflitos e disseminam a intolerância.

Na sátira abaixo, o semanário usa novamente, como pano de fundo para fazer uma crítica a sociedade capitalista, o caso do menino sírio, Aylan Kurdi, vítima de afogamento na tentativa de

chegar a terras gregas. O corpo aparece diante de um anúncio da rede de *fast-food*, McDonald's, que diz: “dois menus infantis pelo preço de um”, seguida pelos dizeres “Tão perto do objetivo”! (que seriam da autoria de Aylan). Neste cartoon a ironia é direcionada ao símbolo mor do capitalismo, a rede McDonald's. Uma leitura possível é a de que o semanário está criticando severamente o capitalismo, e o responsabilizando pela morte de milhares de pessoas, simbolizadas pela criança morta na praia, já que esse sistema econômico se caracteriza, entre outras coisas, pela desigualdade social, essa, que produz as migrações.

Figura 5- “Dois menus de criança pelo preço de um “



Fonte: ESTADÃO<sup>7</sup>

Também publicada pelo semanário francês, a sátira abaixo faz menção aos crimes de assédio e agressão praticados contra mulheres na cidade de Cônia, na Alemanha, país que já sediou o maior número de refugiados oriundos da Síria. Segundo as vítimas, cerca de mil homens bêbados com aparência de “árabes ou africanos” assediaram, assaltaram e atacaram sexualmente várias mulheres no centro da cidade, em pleno réveillon de 2015. A charge mostra

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,charlie-hebdo-faz-satira-com-menino-sirio-aylan-kurdi,1762934>>. Acesso em: 17 de agosto de 2019.

dois homens correndo atrás de mulheres com os seguintes dizeres transcritos: "No que teria se transformado o pequeno Aylan se ele tivesse crescido? Apalpador de bundas na Alemanha".

O semanário denuncia a hipocrisia da sociedade europeia cristã por supostamente se compadecer com a morte de uma criança refugiada, simbolizada por Aylan Kurdi, e ignorar por completo e até criminalizar os refugiados adultos.

Figura 6- "No que teria se transformado o pequeno Aylan se ele tivesse crescido



Fonte: EL PAÍS<sup>8</sup>

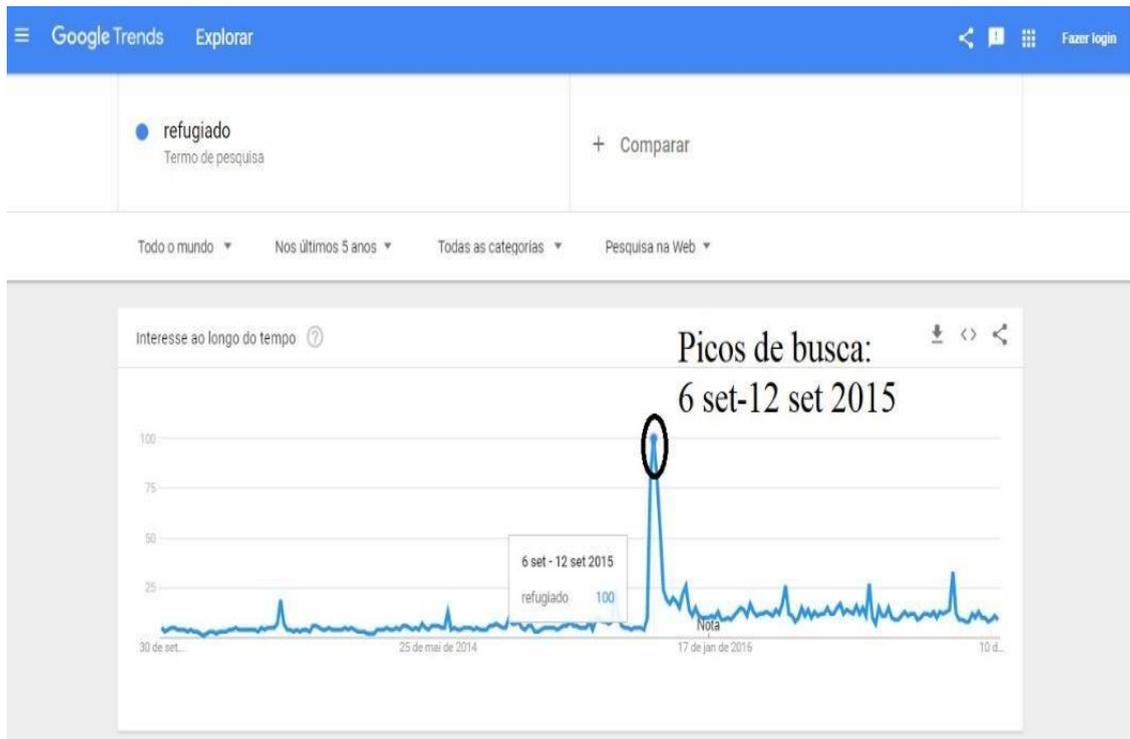
Sátiras como a do semanário Charlie Hebdo, denunciando a xenofobia, a hipocrisia e a intolerância emergem em tempos nos quais o politicamente correto caiu em desuso.

O politicamente correto ganhou o rótulo de “mimimi” e dizeres antes censurados se tornaram dizíveis. Essas enunciações não são produto do acaso. A possibilidade de enunciabilidade e mais, o coro que tais dizeres têm ganhado na atualidade, são produto de relações de poder que se estabelecem em uma sociedade. Toda a aceitação que os discursos de ódio têm recebido, toda a tolerância com relação a questões, outrora intoleráveis, tais como a Guerra na Síria e a morte de Aylan Kurd, retratam uma configuração histórica muito peculiar, e apesar de certa banalização, por parte de algumas mídias, ainda despertam muita curiosidade e comoção. Tais temas foram assunto de inúmeras reportagens, manchete de importantes meios de comunicação. Podemos acompanhar a relevância desses

<sup>8</sup>Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/14/internacional/1452812296\\_877657.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/14/internacional/1452812296_877657.html)>. Acesso em: 26 de julho de 2019.

acontecimentos observando como o número de buscas pelo termo *refugiados* foi maximizado nos dias que se seguiram à tragédia. A ferramenta Google Trends<sup>9</sup> mostra a dimensão que esse assunto ganhou, o que se traduz pelo seguinte gráfico:

Figura 7- Gráfico Google Trends - Refugiado

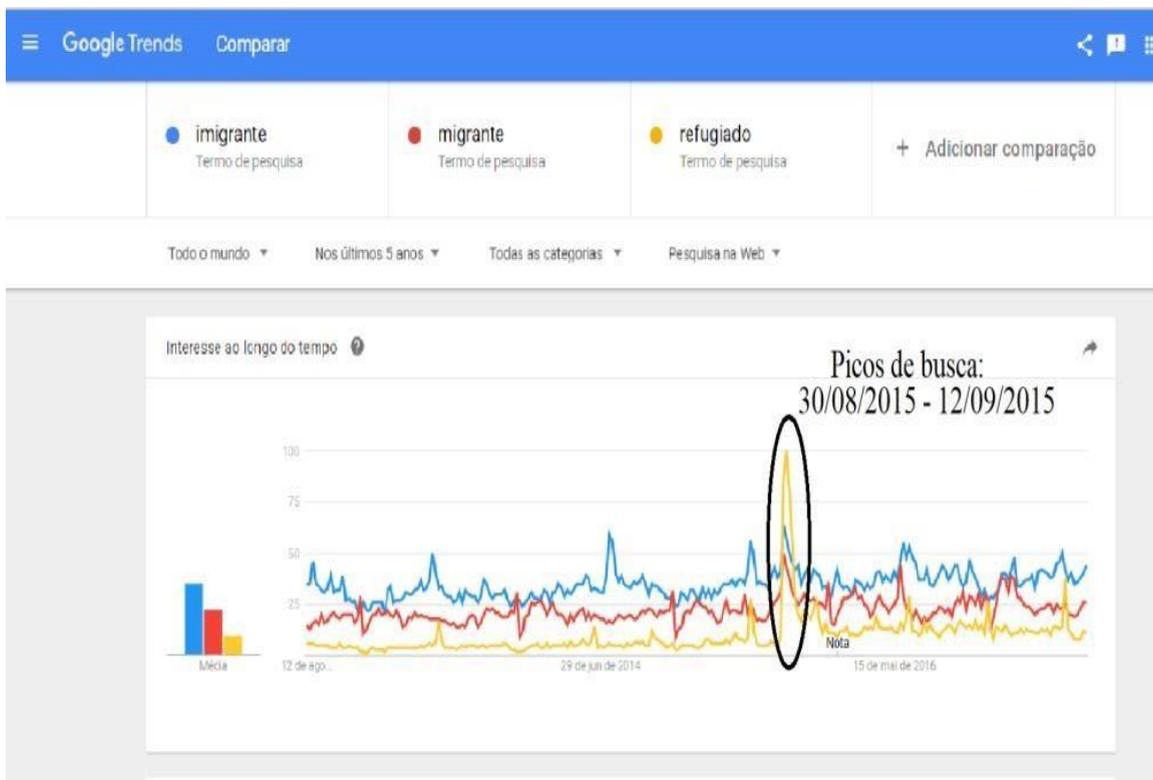


Fonte: Google Trends

O número de buscas pelos termos *migrantes e imigrantes* também saltaram em número no mesmo período. O gráfico abaixo ilustra esse crescimento.

<sup>9</sup>A ferramenta do Google, Google Trends, oferece aos usuários a possibilidade de visualizar os termos mais buscados durante um determinado período de tempo. Esse mecanismo foi utilizado para investigar quando os termos refugiados, imigrantes, migrantes, estrangeiros, e alguns gentílicos apareceram com maior volume de procura no Brasil e no mundo. O maior volume de busca reflete o interesse das pessoas por esses termos, seja qual for o objetivo dessa procura. Notamos que os picos de busca desses termos, apresentados pelos gráficos gerados na ferramenta Google Trends, coincidem com grandes acontecimentos histórico-discursivos.

Figura 8- Gráfico Google Trends –Imigrante, Migrante, Refugiado.



Fonte: Google Trends

Elegemos o ano de 2015 como ponto inicial do nosso recorte, por três razões: o ano foi recordista em número de deslocados, segundo relatório das Nações Unidas<sup>10</sup>; houve um aumento no interesse dos usuários da internet pelos termos: refugiados, migrantes e imigrantes nos últimos cinco anos, retratados pelos dados da ferramenta Google Trends, e ainda pela irrupção do acontecimento histórico-discursivo: a morte de Aylan, criança refugiada vítima de afogamento.

O mundo não se dividiu apenas entre os governos que aceitam receber e subsidiar a estadia de estrangeiros em seus países e aqueles cuja situação foi alvo da criação e reforço de políticas anti-imigração. Embora se sobressaíam os grandes embates, marcados por contradições perceptíveis e escancaradas, que contribuem para tornar-se um poder hegemônico, as pequenas disputas, quase invisíveis e silenciosas também estão presentes. São essas as nuances no interior das formações discursivas, suas intersecções, seus pontos de (des) encontros que fazem com que os discursos não se construam apenas numa relação de dualidade.

<sup>10</sup> Segundo o relatório Global Trends, produzido pela Organização das Nações Unidas, referente ao ano de 2015, o deslocamento global forçado, neste ano, alcançou números recordes. Até o final de 2015, cerca de 65,3 milhões de pessoas foram deslocadas à força em todo o mundo. Isso correspondeu a 5,8 milhões a mais que em 2014. Esses deslocamentos aconteceram em razão de perseguições, conflitos, violência generalizada ou violações de direitos humanos nos países de origem das vítimas. Disponível em: < <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/576408cd7/unhcr-global-trends-2015.html>>. Acesso em: 09 de janeiro de 2020.

Muitos líderes mundiais<sup>11</sup> expressaram apoio às vítimas da repressão política e religiosa, alvos de guerras civis, ataques bélicos, explosões ou atentados terroristas, mas não sem antes imporem suas condições ou exporem suas dificuldades.

Ainda que a migração em massa esteja distante de muitos, mesmo que não conheçamos nenhum protagonista dessas estatísticas, somos alvejados diariamente, por meio dos noticiários e das mais diversas mídias por questões ligadas ao fluxo migratório mundial. Pátrias têm sido devastadas obrigando seus cidadãos a deixarem suas casas, seus países e buscarem outros destinos na tentativa de melhores condições de vida ou simplesmente de sobrevivência.

São cidadãos de diversas nacionalidades, idades e raças, que se tornam alvo de notícias, menções ou estatísticas. No Brasil, país que recebe imigrantes desde seus primeiros suspiros, a cobertura dos acontecimentos tem sido intensa. Diversas mídias têm acompanhado e noticiado a saga de refugiados, migrantes, asilados enfim, de todo cidadão que por motivos de diversas ordens se tornam personagens dessa conjuntura.

A Organização das Nações Unidas (ONU) declarou que, só nas seis primeiras semanas do ano de 2016, mais de 80 mil refugiados e migrantes chegaram ao continente europeu<sup>12</sup>. Entre eles estavam centenas de crianças que atravessam o mar Mediterrâneo em embarcações clandestinas, muitos morreram pelo caminho, e os que chegaram ainda tiveram de lidar com a ausência de políticas e programas de acolhimento que os obrigou a continuar sua saga na busca de uma nação que os acolhesse.

Além da Síria, dados do relatório *Global Trends — Forced Displacement in 2017* (Tendências Globais — Deslocamento Forçado em 2017) mostraram que o Afeganistão foi responsável por colocar o país em segundo lugar no número de refugiados, cerca de 2,6 milhões.<sup>13</sup> A situação no país se agravou após a invasão dos Estados Unidos, em 2001, mas desde muito antes, os afegãos já sofriam com os ataques brutais protagonizados pelo grupo radical Talibã.

A tabela abaixo mostra dados do Relatório Global Trends, do ano de 2017. De acordo com os dados 68% de todos os refugiados até aquela data vinham de apenas 5 países: Síria, Afeganistão, Sudão do Sul, Myanmar e Somália.

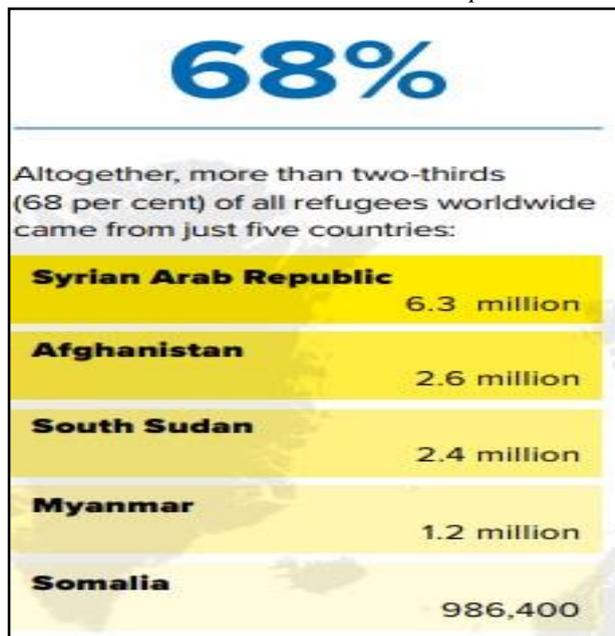
---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2018/09/27/lideres-mundiais-expressam-forte-apoio-ao-novo-acordo-sobre-refugiados-na-assembleia-geral-da-onu/>>. Acesso em: 26 de julho de 2019.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acnur-mais-de-80-mil-refugiados-e-migrantes-chegaram-a-europa-nasseis-primeiras-semanas-de-2016/>>. Acesso em: 26 de julho de 2019.

<sup>13</sup> Disponível em: <<file:///C:/Users/Dell/Pictures/global%20trends%202017.pdf>>. Acesso em: PDFextraído dosite da ACNUR- (Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados <<https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5b27be547/unhcr-global-trends-2017.html>>.

Figura 9- Gráfico *Global Trends — Forced Displacement in 2017*<sup>14</sup>



Fonte: Global Trends, 2017

Outra nação que está figurando na lista de maior êxodo no mundo é a Venezuela. O cenário político, considerado por muitos como ditadura <sup>15</sup>, somado à hiperinflação <sup>16</sup>, tem causado o deslocamento em massa do povo venezuelano. Segundo a Organização das Nações Unidas, já saíram do país, cerca de 4 milhões de venezuelanos. Muitos se dirigiram ao Brasil, país que ocupa a quinta posição no ranking que contabiliza os países aos quais esses venezuelanos têm se direcionado.

O gráfico abaixo ilustra o número de refugiados reconhecidos pelo Brasil desde o ano de 2010. O número de pedidos reconhecidos e aqueles encaminhados para reassentamento: pedido de pessoas cujas necessidades específicas não podem ser resolvidas nos países onde buscaram proteção e são reassentados em um terceiro país, como a única solução segura e viável para suas vidas.

<sup>14</sup> Disponível em: < file:///C:/Users/Dell/Pictures/global%20trends%202017.pdf >. Acesso em: 28 de julho de 2019.

<sup>15</sup> Disponível em: < https://exame.abril.com.br/mundo/nao-ha-formula-magica-para-sair-da-ditadura-na-venezuela- diz-chefe-da-oea/>. Acesso em: 22 de agosto de 2019.

<sup>16</sup> Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/01/internacional/1543620926\_936674.html> . Acesso em: 20 de agosto de 2019.

Figura 10- Gráfico de Refugiados reconhecidos no Brasil de 2010 a 2016



Em 9 de abril de 2019, a ACNUR publicou uma matéria intitulada de “5 dados sobre refugiados que você precisa conhecer”<sup>18</sup>, os tópicos são:

- **Mais de 68,5 milhões de pessoas foram forçadas a deixar suas casas em todo o mundo por conta de conflitos, perseguições ou violência generalizada.** Dos 68,5 milhões de pessoas deslocadas a força; 25,4 milhões são refugiadas, 40 milhões estão deslocadas internamente em seus países e 3,1 milhões são solicitantes de asilo.
- **O número de refugiados cresceu mais de 50% nos últimos 10 anos: já são 25,4 milhões em todo o mundo.**
- **Mais de metade dos refugiados são crianças.**
- **57% dos refugiados do mundo vêm apenas de três países: Síria, Afeganistão e Sudão do Sul.**
- **Os três países que mais acolhem refugiados são a Turquia, o Paquistão e a Uganda. Juntos, eles já receberam mais de 6,3 milhões de pessoas.**

<sup>17</sup> Disponível em: < <https://www.slideshare.net/justicagovbr/sistema-de-refugio-brasileiro-balano-at-abril-de-2016>> Acesso em: 30 de agosto de 2019.

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2019/04/09/5-dados-sobre-refugiados-que-voce-precisa-conhecer/>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019.

São todos esses números assustadores e seus desdobramentos nas mídias do mundo que nos alertam para a relevância desse tema. A urgência é tão grande que diversas instituições têm se mobilizado para a criação de novas políticas em torno da temática das migrações. ONGs, Estados e a própria ONU têm buscado uma saída para a recolocação dos migrantes, soluções que respeitem os direitos humanos.

A aversão aos estrangeiros, ou mesmo a recusa em recebê-los, têm tornado alguns países alvos de críticas da ONU. O jornal português Público publicou o entendimento da Organização das Nações Unidas sobre o assunto das migrações, segundo a organização “O direito de pedir asilo é um direito humano inalienável<sup>19</sup>”.

Muitos sites têm usado o termo imigrante para se referirem aos sírios, e outras populações que saíram de sua pátria por motivos de força maior. No entanto, é preciso estar atento para os usos e os sentidos que designam cada tipo de deslocamento. De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR), os refugiados:

São pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados (ACNUR)<sup>20</sup>

Em uma matéria com o título “Qual a diferença entre ‘refugiados’ e ‘migrantes’”? O site das nações unidas destaca as especificidades da terminologia de refugiado:

Refugiados são especificamente definidos e protegidos no direito internacional. Refugiados são pessoas que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de “proteção internacional”.

As situações enfrentadas são frequentemente tão perigosas e intoleráveis que estas pessoas decidem cruzar as fronteiras nacionais para buscar segurança em outros países, sendo internacionalmente reconhecidos como “refugiados” e passando a ter acesso à assistência dos países, do ACNUR e de outras organizações relevantes.

Eles são assim reconhecidos por ser extremamente perigoso retornar a seus países de origem e, portanto, precisam de refúgio em outro lugar. Essas são pessoas às quais a recusa de refúgio pode ter consequências potencialmente fatais para suas vidas. (NAÇÕES UNIDAS BRASIL)<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://www.publico.pt/2015/06/17/mundo/noticia/hungria-quer-construir-muro-de-quatro-metros-para-travar-imigrantes-1699314>>. Acesso em: 29 de julho de 2019.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>>. Acesso em: 29 de julho de 2019.

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/qual-a-diferenca-entre-refugiados-migrantes/>>. Acesso em: 29 de julho de 2019.

A ONU afirma que não existe uma definição internacional legal, que seja unânime, para o termo “migrante”. No entanto, destaca uma compreensão generalista sobre o termo migração. *“Migração’ é comumente compreendida implicando um processo voluntário; por exemplo, alguém que cruza uma fronteira em busca de melhores oportunidades econômicas”*. (NAÇÕES UNIDAS BRASIL)<sup>22</sup>. Ainda segundo a ONU, o termo “migrantes” deve ser usado para as pessoas que não se deslocam por perseguição ou ameaças, mas que buscam por melhores oportunidades, por proximidade com a família, enfim, são aqueles que continuam recebendo a proteção de seu país de origem.

Apátrida, segundo a Convenção<sup>23</sup> sobre o estatuto dos apátridas, aprovada em Nova Iorque, em 28 de Setembro de 1954, *“designará toda a pessoa que não seja considerada por qualquer Estado, segundo a sua legislação, como seu nacional.”*

Toda a discussão em torno das definições para esses termos não é despropositada. A escolha da terminologia traz consigo especificidades para cada uma das condições. Os imigrantes, por exemplo, têm a opção de retornar a seus países em segurança, o que não é o caso dos refugiados, que necessitam de um tratamento diferente, visto que, para eles o retorno é inseguro e por vezes uma sentença de morte, portanto carecem de uma proteção específica no escopo dos direitos humanos.

A condição de refugiado, ou mesmo a dos migrantes de maneira geral é rodeada de muita incerteza. As pessoas em deslocamento enfrentam vários desafios, desde o momento em que decidem sair de seus países, pelas mais diversas motivações, também durante o trânsito, que na maioria das vezes é marcado pela fome, exaustão e risco de vida, até a chegada em seu local de destino, quando conhecem a desumanidade dos discursos xenófobos.

Quais são os gatilhos para a crescente onda de migração? Como o estrangeiro é recebido? Quais sentimentos ele desperta no nacional e por quê? De que maneira podemos identificar a xenofobia sendo praticada, seja ela de maneira escancarada ou velada? Essas são algumas questões importantes para compreender a dinâmica das migrações e as relações estabelecidas entre os povos em deslocamento e, embora tais perguntas extrapolem o problema central desse trabalho, passaremos por elas, em alguma medida, inevitavelmente.

---

<sup>22</sup>Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/qual-a-diferenca-entre-refugiados-migrantes/>>. Acesso em: 27 de julho de 2019.

<sup>23</sup> Disponível em: [https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_sobre\\_o\\_Estatuto\\_dos\\_Apatridas\\_de\\_1954.pdf?view=1](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_sobre_o_Estatuto_dos_Apatridas_de_1954.pdf?view=1)>. Acesso em: 27 de julho de 2019.

Para nos auxiliar em nossa reflexão recorreremos às frutíferas abordagens teóricas de Michel Foucault. Segundo o autor, os genocídios e as perseguições étnicas que marcaram o século XX, tais como a do povo judeu, e dos poloneses, mortos a mando de Hitler, dariam lugar a outros fenômenos. Ele destaca os antagonismos excessivos nos seios da sociedade, o aumento dos Estados ditatoriais, o desmoronamento do aparelho do Estado, em virtude do deslocamento maciço da população, e as novas demandas pela mão de obra do Terceiro Mundo como causas para os deslocamentos de pessoas. O autor ainda destacou o seu temor quanto à persistência de tais condições, que estão sempre acompanhadas de dor e mortes (FOUCAULT, 1979 in MOTTA, 2010). Suas reflexões ainda nos possibilitam pensar como as relações de poder mediam todas as relações humanas, a de dominante e dominado, colonizador e colonizado, estrangeiro e nacional. Embora exista aversão aos estrangeiros, em muitos locais, brasileiros nativos, desfrutam de semelhante intolerância, seja pela sua condição socioeconômica, gênero ou qualquer outra questão. Não é por estar dentro de suas fronteiras, que todos os brasileiros gozam plenamente dos direitos que o Estado deveria lhe garantir por lei. Muitos migrantes, recebem melhor tratamento no Brasil que os próprios nativos. Isso fica evidente quando pensamos, por exemplo, em grandes executivos, diplomatas, ou mesmo em turistas de maneira geral. Percebemos também que, durante toda a história brasileira, o tratamento a africanos e europeus não se deu de maneira semelhante. Assim como muitos nordestinos sentem o peso do preconceito todos os dias.

Os poderes, segundo Foucault, não estão centrados apenas nas instituições ou nas formas jurídicas, o poder se dispersa em microesferas, em micro relações desde as camadas mais aparentes da sociedade até aquelas de menor visibilidade. (FOUCAULT, 1989). Dessa maneira, é possível compreender não apenas os discursos em voga, discursos de xenofobia, intolerância, mas, sobretudo as condições histórico-sociais que possibilitaram a emergência desses.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2016), também lançou seu olhar para um dos grandes movimentos do século XXI. Com as migrações se intensificando, o autor nos oferece uma luz sobre um dos grandes problemas da contemporaneidade, a xenofobia. Em seu livro “Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro” ele aborda o problema de maneira global e demonstra as causas e as consequências dessa prática. Entre os questionamentos ele também aponta os antagonismos presentes na relação entre o estrangeiro e o nacional, tais como o medo e o desejo, a repulsa e a curiosidade, por exemplo. Suas considerações nos servem para entender o mecanismo que alimenta discursos de ódio contra os estrangeiros.

Christian Ingo Lenz Dunker também nos apresenta uma reflexão a respeito da intolerância. O autor argumenta a desconstrução da máxima que coloca a cordialidade, a amizade como cura para a intolerância. Evidencia como o discurso do intolerante é o discurso da tolerância parcial (DUNKER, 2014), o que nos auxiliará na tarefa de compreender como os discursos de tolerância em torno das

migrações é de alguma maneira cercado por restrições, sanções e condições. E ainda nos dará subsídio teórico para, em alguma medida, responder as indagações que se seguem. O brasileiro foi e continua cordial? Essa suposta cordialidade está presente nos três últimos governos? Quais enunciados afirmam ou negam essa cordialidade? Quais políticas públicas sustentam essa cordialidade? A postura cordial oscila de um governo a outro? Essas são as questões que motivam e justificam nossa pesquisa. Diante de toda a configuração apresentada em torno da temática das migrações na atualidade, como estatísticas, designações, definições, discursos de tolerância e intolerância, interessa-nos, sobretudo, investigar se o brasileiro continua fazendo jus à fama de cordial. Objetivamos de forma geral indicar se há mutações nos traços identitários atribuídos aos brasileiros e de forma específica analisar como as possíveis mutações podem ser apreendidas nas formas de discursivização das políticas migratórias, sejam nas determinações semânticas, seja nas projeções dos discursos de presidentes. Para responder de maneira satisfatória à questão norteadora desse trabalho elencamos alguns tópicos a serem explorados.

Investigaremos como três sujeitos que usufruem ou que já usufruíram da condição de chefes de Estado (Dilma Rousseff, Michel Temer e Jair Bolsonaro) se posicionam ou se posicionaram discursivamente frente aos povos em deslocamento e como as imagens indentitárias atribuídas por eles a esses povos estão intrinsecamente relacionadas a questões históricas, que atravessam as formas de cordialidade e sua ausência. Observaremos as condições de produção dessas enunciações, cotejando os discursos proferidos nas sessões da Assembleia Geral das Nações Unidas com aqueles produzidos em outras circunstâncias de fala formal (no exercício das funções que ocupam ou ocupavam). Antes de empreender nossa análise dos enunciados dos Chefes de Estado, faremos um recenseamento dos termos utilizados para designar as pessoas em deslocamento, tais como refugiados, imigrantes, migrantes, estrangeiros, e alguns gentílicos. Neste levantamento pretendemos agrupar os enunciados com a ocorrência de cada termo para que possamos capturar as dispersões e regularidades em suas enunciabilidades, por meio dos deslizamentos de sentido que apresentem. Pretendemos, simultaneamente analisar como o emprego dos termos e suas derivas revelam discursos de tolerância, intolerância, xenofobia, culminando nas formas de cordialidade e de sua ausência. Nosso trabalho se dividirá em três capítulos. O primeiro é de teor mais teórico, intitulado de “Arqueologia da migração e a emergência da xenofobia”. Nele relacionaremos nosso tema aos conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, pontuando como os discursos produzidos sobre o migrante na atualidade encontram eco em discursos anteriores. O segundo capítulo trará uma reflexão sobre a noção de cordialidade, do estereótipo de *homem cordial* e a prática da xenofobia. Demonstraremos como a intolerância se manifesta não só contra os estrangeiros, mas também contra os locais, como é o caso dos nordestinos.

Traremos um agrupamento de enunciados que abordam os termos mais comuns utilizados para designar pessoas em deslocamento, tais como: migrante, imigrante, refugiado, estrangeiro e alguns gentílicos (haitianos, bolivianos, cubanos e venezuelanos), para dar um panorama de como a xenofobia e o racismo estão intimamente relacionados. No capítulo três analisaremos enunciados relacionados ao tema das migrações na atualidade, proferidos pelos três últimos presidentes do Brasil, Dilma Rousseff, Michel Temer e Jair Bolsonaro, em situação de fala formal. Analisaremos os discursos dos Chefes de Estado nas sessões da Assembleia das Nações Unidas, cotejando-os com seus outros pronunciamentos a respeito da mesma temática.

## 1. ARQUEOLOGIA DA MIGRAÇÃO E A EMERGÊNCIA DA XENOFOBIA

*"Não somos, aqui, outra coisa que homens privados que não podem falar senão a esse título, e a falar juntos, sobre uma certa dificuldade comum a suportar o que se passa. Sei-o bem, e é preciso encaminhar-se na direção da evidência: em relação às razões que fazem com que homens e mulheres prefiram deixar seu país a ali viver, não se pode fazer grande coisa. O fato está fora de nosso alcance."<sup>24</sup>*

*Michel Foucault*

A história das migrações, tal qual propõe uma historiografia tradicional, é milenar. Os nômades se deslocavam por inúmeros territórios. Exploravam a terra e seus recursos, que uma vez esgotados, obrigava-os a um novo deslocamento. Precisavam encontrar uma região que oferecesse condições necessárias para sua sobrevivência. Mas, uma vez sedentários, esses grupos começaram a desenvolver a noção de propriedade, o que culminou na ideia pertencimento. A partir daí a estigmatização do nomadismo e da imigração se disseminou. Migrar deixou de ser uma condição natural de toda a humanidade, e passou a ser apenas de algumas minorias, e as razões para a migração na atualidade se diferem daquelas dos povos primitivos.

Durante um curso no *Collège de France*, (1982/1983) que mais tarde se tornou livro, Michel Foucault problematizou a noção da cidadania grega, mostrando um fundamento ético esquecido na democracia, a coragem da verdade (parresia). No livro "O governo de si e dos outros" (FOUCAULT, 2010), o autor revisitou o texto clássico, "Íon", pela visão de Aristóteles, na "Constituição de Atenas"; o Íon' da tragédia de Eurípides; e a tragédia escrita por Sófocles, "Creusa". As versões de "Íon", segundo analisa Foucault, divergem justamente pela questão da nacionalidade, ideia milenar que atravessa a humanidade. O "Íon" emigrante, imigrante que revoluciona e reorganiza Atenas, mais tarde, dá lugar a "Íon" um autóctone de ascendência pura e sem mácula, graças a arranjos familiares costurados por Eurípides na sua versão da tragédia. (FOUCAULT, 2010, p. 73,74). O clássico

---

<sup>24</sup> Dits et Écrits, tome IV, texte n° 355, Michel Foucault

abordado por Foucault retrata como na Grécia Antiga, país considerado berço da civilização ocidental, a noção de pertença, de nacionalidade já era extremamente relevante.

No entanto, a história como sinônimo de um contínuo, de um amontoado de fatos que se encadeiam e se sucedem numa cronologia inquestionável, ou mesmo as verdades contadas ao longo dos séculos, supostamente reflexos fidedignos dos fatos sociais e de suas práticas, são recusadas por Foucault (1986). Esses incontáveis estudos que se baseiam nos ditos e registros de grandes homens, exploradores, descobridores, escritores, que personificam as grandes instituições das quais são ao mesmo tempo fundadores e reprodutores de discursos, são para Foucault, apenas recortes da história, versões. Cartas, livros, ofícios, imagens, pinturas, e todas as obras cristalizaram-se ao longo dos séculos e receberam o status de fatos históricos. A forma como esses materiais se produziram, as circunstâncias em que se conceberam tiveram pouca importância para os historiadores tradicionais.

Tratar os documentos históricos como espelho dos acontecimentos foi por muitos anos a mais comum, senão a única maneira de se fazer história.

Essa naturalização dos saberes que se apresentavam como verdades absolutas são fortemente questionadas por Foucault, no decorrer de suas produções. O autor ([1969, 1987]) propôs um novo olhar sobre a história, uma desnaturalização de saberes arraigados na humanidade. Segundo ele, a complexidade histórica não pode ser resumida por uma ótica unilateral, ou mesmo pela busca de continuidades e relações de causalidade. Para Foucault ([1969, 1987]), o próprio documento é resultado de um jogo de poder, produto de um discurso de dominação. Propõe que tratemos os documentos e suas cristalizações como monumentos. Este que não é congelado, não é composto de uma única face, mas é sobretudo um recorte de um objeto, um agrupamento construído pela peneira do historiador. Essa forma de olhar para o documento possibilita compreender que ele é produto de interpretação

[...] em nossos dias, a história é o que transforma documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos. Havia um tempo em que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; que poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento. (FOUCAULT, 2009, p. 8)

Nesta lógica, objetos não existem *a priori*, são construídos discursivamente. Tomar o objeto como monumento implica admitir sua parcialidade, nunca uma totalidade que permita generalizações esgotamentos ou sacralizações. Deve-se reconstruí-lo, reagrupá-lo, isolá-lo como acontecimento, a

fim de olhar para esse objeto e observá-lo no tocante as suas condições de produção, de aparição. Por isso ele deixa de ser lido como documento e passa a ser lido como monumento. (ROCHA, D. 2012).

Foucault mostra como sua análise envolve uma mudança de terreno. Tomando como exemplo os dois modos como a tradição faz a descrição das plantas e dos animais, Foucault (1969 [1986]) explica o conceito de discurso. Em uma análise baseada na unidade do sistema de pensamento haveria apenas dois modos de descrever as plantas e animais. 1) Parte-se das plantas e animais para se dizer sendo eles aquilo que são, como as pessoas de determinado século os viram e os descreveram. O que observaram. O que omitiram. Ou ainda 2) ao se recensear as palavras e os conceitos que em determinada época se dispõem, como poderá vir a se definir as plantas e os animais? Foucault propõe, baseado no sistema das regras de formação discursiva que implica o sistema de dispersão, analisar o discurso que explica o porquê de tal objeto ser visto ou omitido, ser expresso por determinada modalidade enunciativa, responder ou não a conceitos já existentes, sustentar-se em dada teoria para justificar sua formação estratégica (temas e teorias) (SARGENTINI, 2019).

Durante a década de 1960, a Análise de Conteúdo destacou-se como campo teórico e se propunha a desvendar o texto, decifrá-lo, para então alcançar a real ideia do autor, a verdade do texto. Somente um bom leitor, atento às “pistas” que o texto oferecia, poderia alcançar tal façanha. Desvendar as camadas, os vários véus do texto e então, após seu trabalho minucioso, alcançar a saída de um labirinto minuciosamente arquitetado. Rocha (2012), comparou a prática de decifrar o texto do analista de conteúdo com o mito grego de Édipo. “*Decifra-me ou devoro-te*”. Segundo o autor, assim como Édipo, iludido pela recompensa que a verdade lhe traria ao desvendar o enigma da esfinge, a escola conteudista alcançaria também sua recompensa ao dedicar-se com perícia a esmiuçar o texto. Rocha (2012) destaca os fracassos de ambos nessa empreitada. A ilusão da verdade foi tão infrutífera e equivocada para Édipo quanto foi para o analista de conteúdo. O primeiro, casa-se com a própria mãe, restando-lhe apenas a “autopunição e o exílio”, enquanto o segundo vê se esgotarem seus esforços ao perceber que uma unidade de análise tem em suas veredas muito mais emaranhados do que podia supor. Segundo Rocha (op. cit., p. 48-49), esse analista da decodificação de textos, descobre que a verdade que julgava estar oculta numa camada mais profunda da materialidade do texto é de antemão atravessada pelo seu olhar, também enviesado por olhares outros, por discursos prévios, históricos, frutos de relações de poder que se estabelecem no seio da sociedade, discursos que se tornam enunciáveis e que, portanto, não são recompensa pela tarefa bem cumprida do analista de conteúdo. Este se surpreende ao perceber que sua leitura

[...] é proporcional às lentes que ele próprio fabrica para proceder à leitura dos textos – uma verdade inventada pelas grades semânticas que ele próprio constrói, magicamente tornadas ‘naturais’ como num movimento de esquecimento desse seu momento prévio de invenção” (op. cit., p. 49).

Interessa-nos então, na esteira de Foucault, tentar compreender como o problema com as migrações se configura, não apenas olhar para o fato cristalizado, para estatísticas ou apenas para a forma como os textos em torno dessa temática se apresentam. Assim como propôs Foucault, olharemos para a forma como esses dados se produziram, quais condições históricas possibilitaram a emergência de discursos pró e contra migrantes e refugiados, e que discursos atravessam as relações que se estabelecem entre esses estrangeiros e nacionais.

Para compreender o fenômeno das migrações, em especial na atualidade é de extrema relevância entender os gatilhos para esses deslocamentos massivos. Foucault (1979) ao ponderar, em entrevista, sobre a natureza da onda de refugiados vietnamitas e cambojanos, projeta as condições históricas que para ele, num futuro próximo, seriam as razões para novos deslocamentos em massa. Entre eles o autor destaca o aumento dos Estados ditatoriais. Segundo Foucault esse seria um problema crescente. A difícil condição do povo frente a um Estado ditador, opressor, repressor e empobrecido seria a razão pela qual muitas pessoas decidiriam, nas palavras do autor, “*escapar do inferno*” (FOUCAULT, 1979, p.287). De fato, esse primeiro fenômeno tem sido responsável por grande parte do deslocamento de pessoas pelo mundo. Países como a Síria, a Somália<sup>25</sup>, o Sudão do Sul<sup>26</sup> vivem uma ditadura, e mais recentemente a Venezuela<sup>27</sup>, que estaria no entremeio de um regime autoritário e uma ditadura<sup>28</sup>, segundo alguns aliados de Juan Guaidó, líder da oposição ao governo de Nicolás Maduro. Esses países, são na atualidade, alguns dos que mais se destacam pela quantidade de refugiados.

Outro tópico apontado por Foucault e desencadeador de movimentos de deslocamento em massa seria a questão dos grandes antagonismos presentes nos seios de uma mesma sociedade. Muitos Estados se construíram sobre as bases de fronteiras sociais bem delimitadas, herança de períodos coloniais. E com o advento do Estado essas classes pré-estabelecidas, outrora estanques, se misturaram, criando uma nova configuração social. A miscigenação de etnias, línguas e religiões acabariam, segundo o autor, culminando em “tensões graves”, que poderiam pressionar e causar o

---

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/jogo-de-forcas-mundial-as-guerras-que-continuam-em-2019/>>. Acesso em: 26 de julho de 2019.

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/ditador-do-sudao-e-removido-do-cargo-por-militares/>>. Acesso em: 26 de julho de 2019.

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/venezuela-de-maduro-assume-ser-uma-ditadura-21144834>>. Acesso em: 26 de julho de 2019.

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/mundo/a-venezuela-da-mais-um-passo-rumo-ao-autoritarismo/>>. Acesso em: 26 de julho de 2019.

desmoronamento do aparelho do Estado, acarretando assim num deslocamento numeroso de pessoas (FOUCAULT, 1979).

Por último Foucault problematiza a nova demanda por mão de obra estrangeira. Se antes a procura por essa força de trabalho era essencial para a manutenção e crescimento dos países mais desenvolvidos, com a ascensão da tecnologia muitos imigrantes poderiam se ver “pressionados” a retornar a seus países de origem.

O temor de Foucault se concretizou, o que ele disse em 1980, o então presságio é a realidade vivenciada por refugiados e migrantes de toda natureza no século XXI. Somados a esses fatores, podemos destacar ainda algumas catástrofes naturais. Como aconteceu no Haiti, no ano de 2010, quando um terremoto que devastou o país obrigou milhares de pessoas a buscar condições dignas de sobrevivência em outras nações.

### 1.1 MIGRAÇÕES: A CONFIGURAÇÃO DE UM DISPOSITIVO

Com o grande fluxo migratório, novas demandas surgiram, e com elas muitas práticas sociais que pretendem subsidiar essa nova realidade. Desde o pedido de refúgio até as formas de inserção do estrangeiro na sociedade em que pretenda se integrar. Refletindo sobre essas ações que envolvem os deslocados e os nacionais, recorreremos ao conceito de ‘dispositivo’, presente na obra foucaultiana. Os dispositivos se configuram em resposta a uma necessidade histórica, uma urgência, ou seja, um fenômeno social dispara uma série de práticas discursivas e não discursivas, na medida em que um acontecimento discursivo funciona como gatilho. O dispositivo em Foucault nasce na passagem da arqueologia para a genealogia. No dispositivo Foucault pondera não somente sobre as práticas discursivas (linguagens em geral, textos, imagens, pinturas), mas também as práticas sociais de modo geral.

O fenômeno das migrações desencadeou uma série de práticas, uma rede de enunciados, que demonstram a existência de um dispositivo das migrações na atualidade. Nas palavras de Foucault

O dispositivo é um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 2000, p. 244).

Pensar o fluxo migratório como dispositivo, nos leva a observar as migrações em sua multidimensionalidade, o que nos possibilita descobrir como as subjetividades se produzem, não só pelo dizer, mas também pelo fazer dos sujeitos. Por um lado, observamos o discurso da intolerância ou da xenofobia, alicerçado sobre o pretexto da preservação da sanguinidade, da oposição à

miscigenação de povos, da preservação da cultura (enquanto práticas religiosas, artísticas, alimentares), da manutenção do território e dos postos de trabalho, da preservação da segurança nacional, entre outros fatores que alimentam o discurso xenófobo. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2016).

Em seu oposto está localizado o discurso dos direitos humanos, que se sustenta, em parte, pelas políticas públicas, pelas organizações não governamentais e pela instância jurídica. Tal discurso se caracteriza pela criação e atualização de leis e estatutos, pela concessão de vistos humanitários, pedidos de refúgio, de exílio, entre outras formas jurídicas de inserção do estrangeiro no país de destino. Em outras palavras, esse discurso se define pelo ideal “é preciso acolher”, e, “não só acolher, mas também os inserir na sociedade, para que gozem de direitos plenos do cidadão nacional”, já que a Declaração Universal dos Direitos Humanos não separa os cidadãos por sua raça, cor, etnia, gênero ou nacionalidade, referindo-se apenas a sua condição de humanidade.

Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos (art. I da Declaração Universal) e sobre o pressuposto de que todo homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidas nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição (art. II § Iº) (SOARES, 2014)<sup>29</sup>

Para tratar do funcionamento do dispositivo, Sargentini (2015) propõe uma abordagem didática desse percurso. A autora aponta três tópicos em que se sustentam a dinâmica do dispositivo: a) processo de acontecimentalização, que se constrói não por uma “*ruptura historicamente consolidada*”. *O olhar do pesquisador produz a ruptura das evidências e aí se constrói o acontecimento*”, b) a emergência da questão de pesquisa dentro de um regime de práticas, em que essas se relacionem, e c) na análise que “*volta-se para essas práticas discursivas em rede entrelaçadas por elementos heterogêneos*”. (SARGENTINI, 2015).

## 1.2 TOLERÂNCIA: UM JOGO DE TOMA LÁ DÁ CÁ.

No artigo “As manhãs cinzentas da tolerância- ou por que os brasileiros não saem às ruas, Sargentini (2019) faz uma reflexão do motivo pelo qual, diante de um contexto social tão problemático no Brasil, oriundo de questões localizadas nos três poderes - executivo, legislativo e judiciário, as pessoas, não saem de forma radical às ruas para se manifestarem. Reflete sobre os modos

---

<sup>29</sup> Soares, G. F. S. (2004). Os direitos humanos e a proteção dos estrangeiros. *Revista Da Faculdade De Direito, Universidade De São Paulo*, 99, 403-460. Recuperado de: < <http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67631>>. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67631/70241>>. Acesso em: 09 de agosto de 2019.

de objetivação e subjetivação que provocam a aderência das pessoas a movimentos populares e às manifestações. A autora lança mão de alguns conceitos teóricos na empreitada. Mobiliza a noção de subjetivação (PRADO FILHO, K A e TETI, M.M., 2013) para evidenciar que as formas pelas quais os sujeitos são objetivados ou subjetivados respondem a relações de poder. Traz a noção foucaultiana de dispositivo, na medida que o considera condição para o discurso e vice-versa. Noção que abarca em sua dimensão não somente a materialidade dos discursos, textos, imagens, palavras, práticas, mas que traz no seu bojo a possibilidade de observar de forma privilegiada as “relações de poder e as formas de controle na sociedade” (SARGENTINI, 2019)

A autora evoca um curto artigo de Foucault, *As manhãs cinzentas da Tolerância* (FOUCAULT, 1977, in MOTTA, 2009) escrito com o objetivo de resenhar o filme *Comizi d'Amore*, do cineasta Pasolini, filmado em 1963 e apresentado na Itália em 1965. Esse artigo, segundo Sargentini, a auxilia a compreender a maneira como os pensamentos mais conservadores e os pensamentos progressistas -- sintetizadas nas expressões: *o que estão fazendo do seu direito?* e *o que será dos nossos direitos*, possibilitam destacar as raízes da intolerância presentes nos discursos de ódio associados ao discurso político. A fim de ilustrar a dinâmica do funcionamento do dispositivo da cordialidade / tolerância / intolerância nas manifestações, a autora recorre a uma matéria da Folha de São Paulo, publicada, no dia 16 de agosto de 2015, intitulada “As caras do protesto”. A matéria entrevistava pessoas de diferentes perfis que teriam saído para protestar na Avenida Paulista em São Paulo, contra a corrupção e a favor do impeachment da então presidente, Dilma Rousseff. A publicação supostamente retrataria a realidade das manifestações. Dentre os 42 entrevistados puderam se notar regularidades. O tema impeachment e corrupção foram recorrentes.

Segundo a autora, as manifestações ou a ausência delas, têm relação direta com as raízes da intolerância, esta que está intrinsecamente atravessada pelos jogos de poder. O tolerante é alguém cujo poder não vê ameaçado, tolera até o momento em que não se vê intimidado, a tolerância é por essência condicional. O discurso do intolerante é o discurso do ódio, enquanto o do tolerante o da cordialidade, e ambos estão inscritos no mesmo dispositivo.

É possível capturar o funcionamento desse dispositivo atentando para a forma como se dão os dizeres desses manifestantes, A estrutura recorrente pode resumir-se pela seguinte construção sintática: *X não é o que eu queria, mas...* Uma negação qualquer, seguida de uma oração adversativa marcada pela conjunção, “mas”.

A relação da tolerância teria a mesma dinâmica. Tolerar-se uma primeira proposição (Tolerância) e na sequência negar-a, total ou parcialmente (Intolerância) - como nos exemplos usados pela autora: “a) *Todos são corruptos, mas tem quem roube menos.* b) *A corrupção pegou todos [os políticos], mas quem plantou a semente foi o PT.*” A tolerância é expressa por um consenso, uma

afirmação que supostamente é compartilhada pela maioria, o que é normalmente aceito ou tolerado, seguido por uma negação que seria o argumento intolerante.

Cabe então aos comentadores amplificarem esse discurso de intolerância. Este dispositivo que se configura é compartilhado para toda uma nação e o que, a princípio, tratava-se apenas de um pretense registro das emoções dos manifestantes, atua como pretexto para se alcançar um “*ardor cívico*”.

### 1.3 AS FACES DA INTOLERÂNCIA – “BRASIL MOSTRA TUA CARA”.

*Brasil, mostra a tua cara  
Quero ver quem paga pra gente ficar  
assim Brasil, qual é teu negócio  
O nome do teu  
sócio Confia em  
mim*

CAZUZA

O Brasil foi um dos países que vivenciou ao longo de toda sua história o encontro com o estrangeiro. Desde a colonização, até os dias atuais, nosso país tem sido destino de cidadãos de diversas nacionalidades pelos mais variados motivos. O ano de 2015, como mencionamos na introdução desse trabalho, foi recordista no número de deslocados (NAÇÕES UNIDAS, 2016).<sup>30</sup> Os deslocamentos forçados<sup>31</sup>, a guerra na Síria, alavancaram o número de refugiados no século XXI. Movido por essa demanda mundial, o Brasil lançou neste mesmo ano duas campanhas relacionadas ao tema das migrações. A primeira delas foi lançada no dia 19 de agosto de 2015 e veiculada nas redes sociais. As hashtags #refugiados e #CompartilheHumanidade (esta última em parceria com a Organização das Nações Unidas) trouxeram depoimentos de refugiados de inúmeras partes do mundo. Segundo o então secretário nacional de Justiça do ministério, Beto Vasconcelos, a campanha “*Trata-se de um esforço a mais para conscientizar nossa sociedade sobre a assistência humanitária e sobre o nosso papel solidário diante de tragédias que afetam uma grande parcela da humanidade*” (MIGRAMUNDO, 2015)<sup>32</sup>. Abaixo destacamos algumas imagens da campanha.

<sup>30</sup> Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acnur-deslocamento-forcado-atinge-recorde-global-e-afeta-653-milhoes-de-pessoas/>>. Acesso em: 09 de janeiro de 2020.

<sup>31</sup> O deslocamento forçado é um tipo de migração caracterizada pela necessidade vital dos deslocados. As vítimas desses deslocamentos precisam deixar seus lares, abandonar suas cidades e países, para escapar das consequências de guerras, perseguições ou conflitos violentos.

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://migramundo.com/refugiados-no-brasil-passam-de-8-000-segundo-conare-governo-lanca-campanha-de-conscientizacao/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

Figura 11- Imagens da Campanha “ Para os refugiados, o Brasil é uma oportunidade de viver”



Fonte: Ministério da Justiça e Segurança Pública<sup>33</sup>

Em outubro do mesmo ano, o Ministério da Justiça<sup>34</sup> anunciou a criação de outra campanha, dessa vez, contra a xenofobia. Segundo o governo brasileiro, representado por Beto Vasconcelos,

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/JusticaGovBr/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/10/ministerio-anuncia-campanha-contraxenofobia-e-verba-refugiados.html>>. Acesso em:

então secretário Nacional de Justiça e presidente do Comitê Nacional para os Refugiados, “*o objetivo é o enfrentamento à xenofobia, ao preconceito, ódio e racismo, para além disso trazer a consciência da nossa identidade, da nossa história, construída, forjada em fluxos migratórios*” O slogan da campanha era “ Brasil, a imigração está no nosso sangue”, e o governo fazia uso das seguintes hashtags: #EuTambémSouImigrante e #XenofobiaNãoCombina.

A campanha teve muita repercussão negativa e despertou a fúria de muitos leitores que se manifestaram na página do *facebook* do Ministério da Justiça e Cidadania. Eles afirmaram que o governo estaria confundindo imigração com escravidão. Isso se justificaria, segundo os internautas, pelo fato dos angolanos e ganeses, nacionalidades dos descendentes apresentadas pela frase, terem vindo para o Brasil traficados e escravizados.

Figura 12- Campanha de enfrentamento à xenofobia e à intolerância no Brasil



Fonte: Página do Facebook do Ministério da Justiça<sup>35</sup>

O enunciado “*Há cinco séculos, ‘imigrantes’ de todas as partes do mundo ajudam a construir nosso país*” (localizado no alto, do lado direito da figura), associado à imagem de um brasileiro, descendente de um avô angolano e um bisavô ganês, trouxe à tona a memória da escravidão, já que angolanos e ganeses foram escravizados no Brasil. Os internautas então publicaram:

<sup>35</sup>Disponível em: <<https://www.facebook.com/JusticaGovBr/photos/a.264848146991103.1073741828.262699747205943%20/642609782548269/?type=3&theater>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019.

Figura 13: Comentários na página do *facebook* do Ministério da Justiça e Cidadania<sup>36</sup>



Fonte: Página do Facebook do Ministério da Justiça<sup>37</sup>

A Revista Exame (2015)<sup>38</sup> também deu visibilidade para o caso, reafirmando a existência de uma inadequação na forma de se referir ao movimento de seres humanos, e que seria necessário distinguir tráfico de pessoas de movimento migratório. Na mesma reportagem, uma fala do professor de História da PUC-SP, Luiz Antônio Dias, especialista em estudos afro-brasileiros, destacou

Cronologicamente, os ascendentes do menino da campanha realmente não poderiam ser escravos, mas a peça mexe com uma questão simbólica, faz menção aos antepassados negros dos brasileiros e nesse caso a grande referência é a escravidão. É uma falta de sensibilidade.

<sup>36</sup> Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/brasil/campanha-da-justica-sobre-xenofobia-causa-revolta-nas-redes/>>. Acesso em: 13 de agosto de 2019.

<sup>37</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/JusticaGovBr/photos/a.264848146991103.1073741828.262699747205943%20/642609782548269/?type=3&theater>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019.

<sup>38</sup> Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/campanha-da-justica-sobre-xenofobia-causa-revolta-nas-redes/>>. Acesso em: 13 de agosto de 2019.

Não se pode sugerir que escravidão e migração sejam semelhantes. Nem reforçar o mito de escravos felizes ou de democracia racial. O melhor caminho seria retirar a propaganda do ar.

O discurso antirracismo tem ganhado força na sociedade atual. Vemos inúmeras práticas sociais que avalizam esses discursos. Há uma emergência de enunciados que evidenciam o orgulho de ser negro, a valorização do biótipo e da cultura por exemplo. O Estatuto da Igualdade Racial<sup>39</sup> (2010) e a Lei de Cotas<sup>40</sup> (2012) são exemplos da ascensão do discurso de igualdade de direitos, e do reconhecimento pelos anos de exploração e discriminação. Os direitos constitucionais, já conquistados, garantem ainda a criminalização de discursos racistas, alicerçados na lei 7.716.

Uma amostra do poder exercido por esses discursos fez com que o Ministério da Justiça também respondesse aos comentários, desculpando-se pelo ocorrido

Com relação às manifestações a respeito da campanha contra a xenofobia que trouxeram à tona a triste história da escravidão no Brasil, lamentamos que a postagem feita ontem tenha levado a interpretações que associavam escravidão e imigração. Essa absolutamente não era a intenção, e por esse motivo pedimos desculpas.

O foco da campanha contra a xenofobia é justamente sensibilizar quanto à importância de enfrentar toda forma de ódio, preconceito, intolerância e racismo, além de mostrar que a sociedade brasileira é composta de descendentes de imigrantes de todas as partes do mundo, que ajudaram a construir o país que conhecemos hoje.

Convidamos a todos para que acompanhem os próximos posts da campanha, que abordará várias histórias de brasileiros e brasileiras que são descendentes de pessoas das nacionalidades as mais diversas – africanas, latino-americanas, europeias, asiáticas – que decidiram construir suas vidas no Brasil<sup>41</sup>.

O ministério afirmou ainda que a imagem que causou tanta polêmica era apenas uma das nove imagens que comporiam a campanha. De fato, outros quadros da campanha foram publicados.

<sup>39</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm). Acesso em: 13 de agosto de 2019

<sup>40</sup> Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm)>. Acesso em: 13 de agosto de 2019.

<sup>41</sup> Disponível em: Ministério da Justiça e Cidadania (Página do facebook) <<https://www.facebook.com/JusticaGovBr/photos/a.264848146991103.1073741828.262699747205943/642609782548269/?type=3&theater>>. Acesso em: 13 de agosto de 2019.

Figura 14- Campanha de enfrentamento à xenofobia.<sup>42</sup> Figura 15- Campanha de enfrentamento à xenofobia<sup>43</sup>



Figura 16: Campanha de enfrentamento à xenofobia <sup>44</sup> Figura 17: Campanha de enfrentamento à xenofobia <sup>45</sup>



<sup>42</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/JusticaGovBr/photos/a.264848146991103.1073741828.262699747205943/647077072101540/?type=3&theater>>. Acesso em: 13 de agosto de 2019.

<sup>43</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/JusticaGovBr/photos/a.264848146991103/647891468686767/?type=3&theater>>. Acesso em: 13 de agosto de 2019.

<sup>44</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/JusticaGovBr/photos/a.264848146991103.1073741828.262699747205943/649949601814287/?type=3&theater>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019.

<sup>45</sup> Disponível em: Ministério da Justiça e Cidadania (Página do facebook)

<<https://www.facebook.com/JusticaGovBr/photos/a.264848146991103.1073741828.262699747205943/646144152194832/?type=3&theater>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019.

Figura 18: Campanha de enfrentamento à xenofobia <sup>46</sup> Figura 19: Campanha de enfrentamento à xenofobia <sup>47</sup>



Fonte: Figuras 14, 15, 16, 17, 18, 19 - Página do Facebook do Ministério da Justiça

No lançamento da segunda campanha, *"Brasil, a imigração está no nosso sangue"* o secretário, Beto Vasconcelos, deu a seguinte declaração:

Manifestações de xenofobia são manifestações pontuais. Nós acreditamos que se dão por falta de informação. Por isso essa campanha tem por objetivo informar e aí sensibilizar as pessoas sobre a inadequação, o quanto é desprezível manifestações de xenofobia, de preconceito ou de ódio" (BETO VASCONCELOS)

Dados mostram que Beto Vasconcelos equivocou-se ao afirmar que as manifestações de xenofobia são pontuais, já que, segundo uma nota pública divulgada pelo Presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, as denúncias de xenofobia no disque 100 cresceram 633% no ano de 2015 (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2016)<sup>48</sup>

<sup>46</sup> Ministério da Justiça e Cidadania (Página do facebook) Disponível em: <<https://www.facebook.com/JusticaGovBr/photos/a.264848146991103.1073741828.262699747205943/644997408976173/?type=3&theater>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019.

<sup>47</sup> Ministério da Justiça e Cidadania (Página do facebook) Disponível em: <<https://www.facebook.com/JusticaGovBr/photos/a.264848146991103.1073741828.262699747205943/649949285147652/?type=3&theater>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019.

<sup>48</sup> Disponível em: <[https://www.google.com/url?sa=i&source=images&cd=&ved=2ahUKewiPIN2R-vfmAhUVK7kGHVovBQAQjB16BAgBEAM&url=https%3A%2F%2Fwww2.camara.leg.br%2Fatividade-legislativa%2Fcomissoes%2Fcomissoes-permanentes%2Fcdhm%2Fnoticias%2Fregistro-de-casos-de-odio-cresceu-dez-vezes-entre-2014-e-2015&psig=AOvVaw1ks84ealtLop\\_QVb56iJ-&ust=1578708629982962](https://www.google.com/url?sa=i&source=images&cd=&ved=2ahUKewiPIN2R-vfmAhUVK7kGHVovBQAQjB16BAgBEAM&url=https%3A%2F%2Fwww2.camara.leg.br%2Fatividade-legislativa%2Fcomissoes%2Fcomissoes-permanentes%2Fcdhm%2Fnoticias%2Fregistro-de-casos-de-odio-cresceu-dez-vezes-entre-2014-e-2015&psig=AOvVaw1ks84ealtLop_QVb56iJ-&ust=1578708629982962)>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

Figura 20- Gráfico do número de denúncias por xenofobia (2014, 2015)

GRUPO	2014	2015	Diferença
Criança e Adolescente	91582	80437	-12%
Pessoa Idosa	27272	32238	18%
Pessoa com Deficiência	8636	9656	12%
Pessoa em Restrição de Liberdade	4053	3564	-12%
LGBT	1024	1983	94%
População em Situação de Rua	515	682	32%
Intolerância religiosa	149	556	273%
Apologia e incitação ao crime	47	1770	3666%
<b>Xenofobia</b>	<b>45</b>	<b>330</b>	<b>633%</b>
Igualdade Racial	18	1064	5811%
Outros	1558	3704	138%

Fonte: Câmara dos deputados

A argumentação da campanha busca conquistar o respeito do brasileiro pelo estrangeiro tendo como base o argumento de identificação, por sermos por essência um povo miscigenado. A campanha sugere que não devemos ser xenófobos porque somos fruto de misturas étnicas. Logo, nossos ancestrais já passaram por isso. De acordo com o psicanalista Dunker (2014), o discurso do intolerante é sempre o da tolerância parcial. Como se só aceitássemos aquilo que já estivesse incluído no nosso cotidiano. O fato de a campanha mostrar, na primeira de suas nove imagens de divulgação um personagem natural do Brasil e, de descendência estrangeira, associados ao slogan “A imigração está no nosso sangue” tenta convencer o leitor pela empatia, como que dissessem “seus avós” já estiveram nessa condição de imigrante, então aceite, tolere, respeite. Embora o apelo seja extremamente plausível, o argumento relevante, e a iniciativa em se criar tais campanhas demonstrem uma preocupação genuína do governo Dilma com o acolhimento ao estrangeiro no Brasil, a retórica empreendida na segunda campanha apela para a tolerância, para a aceitação do outro condicionada por uma questão anterior, uma peculiaridade histórica.

É possível fazer uma analogia entre os dizeres da campanha “Meu avô é angolano, meu bisavô é ganês. Brasil. A Imigração está no nosso sangue” com o seguinte trecho:

“Note que não tenho problemas com negros, até tenho uma senhora assim que trabalha há muitos anos para nós, e agora faz parte da família. Não tenho nada contra negros” (DUNKER, 2014, p.40).

Ambos partilham de uma aparente ausência de preconceito, mas o ponto central deriva justamente deste discurso pseudo-tolerante.

O problema decorrente desta reunião é que ela libera como uma espécie de antídoto natural contra a intolerância à recuperação de processos na ordem da convivialidade, da amizade, e

da cordialidade. Bastaria que o intolerante se aproximasse, entendesse as regras que presidem a comunidade do outro e partilhasse a forma de vida sobre a qual recai sua intolerância para que sua disposição, preconceituosa e baseada na supressão ou interdição de experiências pessoais, se desvanecesse. (DUNKER, 2014, p.40)

Outro ponto importante a ser mencionado é que na primeira imagem da “Campanha de enfrentamento à xenofobia e à intolerância no Brasil” (Figura 17), o slogan, “*Brasil, a imigração está no nosso sangue*”, aparece na imagem, o que não acontece nas demais figuras da campanha. Em seu lugar vemos a *hashtag* #EuTambemSouImigrante. Esta pode ter sido uma tentativa de tornar a argumentação menos visceral. Falar de sangue, quando o tema é a miscigenação, o combate à xenofobia, pode, como já vimos, trazer à tona as memórias da escravidão. Com essas ressignificações todo um campo semântico emerge, a exemplo, o *sangue derramado*, como símbolo do preço pago por muitos povos para que o Brasil fosse hoje esse país tão diversificado.

Figura 21: **Campanha de enfrentamento à xenofobia**<sup>49</sup> Figura 22: **Campanha de enfrentamento à xenofobia**<sup>50</sup>



<sup>49</sup> Ministério da Justiça e Cidadania (Página do facebook) Disponível em: <<https://www.facebook.com/JusticaGovBr/photos/a.264848146991103.1073741828.262699747205943/642609782548269/?type=3&theater>>. Acesso em: 27 de julho de 2019.

<sup>50</sup> Ministério da Justiça e Cidadania (Página do facebook) Disponível em: <<https://www.facebook.com/JusticaGovBr/photos/a.264848146991103.1073741828.262699747205943/644996318976282/?type=3&theater>>. Acesso em: 27 de julho de 2019.

A retirada do *slogan* da campanha contra a xenofobia não se dá sem razão. É o retrato de como o discurso responde a uma série de interdições que controla o que pode e deve ser dito. A aula inaugural de Michel Foucault, no Collège de France, deixou como legado “A Ordem do Discurso”, momento em que o autor nos apresenta sua reflexão acerca dos mecanismos de repressão social;

É claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é o interdito. Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja. (FOUCAULT, 1996)

Percebemos como as grandes instituições, nesse caso o governo, na figura do Ministério da Justiça, foi pressionado pelos internautas a reavaliar a campanha.

Os discursos que circulam numa sociedade, embora aparentem trânsito livre, são essencialmente, produtos de “filtragem”. Discursos que respondem ao crivo social para então encontrar condições de enunciabilidade.

A vontade de verdade, procedimento de exclusão ao qual Foucault mais se atentou, segundo ele por se tratar daquele que atravessa tanto a palavra proibida quanto a segregação da loucura, é um mecanismo que atua sobre os discursos e “[...] tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção. (FOUCAULT, 1996, p.18). A vontade de verdade, apoia-se sobre um suporte institucional que impera em dada conjuntura

[...] é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros da edição, das bibliotecas, como a sociedade de sábios de outrora, os laboratórios /hoje. Mas ela é também reconduzida, mas profundamente, sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (FOUCAULT, 1996, p.17).

Essa campanha foi tão comentada, justamente por confrontar-se com a vontade de verdade de uma parcela da nossa sociedade, minorias que resistem bravamente para resgatar a dignidade dos povos explorados historicamente.

A migração é, portanto, um dispositivo complexo submetido ao espaço e ao tempo. Se todo o discurso depende de um dispositivo, assim como todo dispositivo sustenta-se em discursos, observamos mutações discursivas que se dão no Brasil, uma vez que ora atribui-se ao brasileiro a face de cordialidade, ora se desnuda essa imagem para que se aponte os desrespeitos que por séculos foram mantidos e ainda precisam ser superados.

No próximo capítulo, buscaremos problematizar a questão da cordialidade. Nele faremos uma apresentação do conceito de homem cordial. Destacaremos como alguns intérpretes do Brasil definiram essa expressão, que se converteu em fundamento filosófico. Como os intérpretes do Brasil

divergem com relação à natureza do povo brasileiro, que sustenta desde seus primeiros suspiros o complexo de “vira-lata”.

É nosso intuito mostrar como a xenofobia tem uma ligação estreita com a baixa autoestima, com a insegurança que o desconhecido, na figura do estrangeiro, provoca no brasileiro e nos nacionais de maneira geral. Por fim, faremos um recenseamento dos termos utilizados para designar pessoas em deslocamento, a fim de verificar como os enunciados de hoje, evidenciam as problemáticas históricas de outrora, que são rememoradas, ressignificadas e até recusadas.

## 2. ENTRE A CORDIALIDADE E A XENOFOBIA: UM RECENSEAMENTO DOS TERMOS QUE DESIGNAM PESSOAS EM DESLOCAMENTO

### 2.1 O HOMEM CORDIAL EM SEU NASCEDOURO

O “Homem Cordial”, enquanto expressão, nasceu de uma carta escrita pelo poeta, Rui Esteves Ribeiro de Almeida Couto, na década de 1930 ao então embaixador do México no Brasil, Alfonso Reyes. O embaixador, que também era poeta e um intelectual da época, pensando em estimular o intercâmbio entre artistas, decidiu editar, a revista *Monterrey: Correo Literario de Alfonso Reyes*.

Manuel Bandeira, muito amigo de Couto, que na ocasião era funcionário do Consulado do Brasil em Marselha, enviou-lhe os três primeiros números, dos catorze que seriam publicados pela revista *Monterrey*. “Couto, de temperamento vibrante, e especialmente animado sempre que se tratasse de ligações intelectuais ultramarinas, espontaneamente escreveu a Reyes cumprimentando-o pela iniciativa”. Agradecido pela carta, Reyes publicou um trecho da correspondência com o título de “*El Hombre Cordial, producto americano*”, na seção “Epistolário” da *Monterrey*. (BEZERRA, 2005, p.123)<sup>51</sup>

O verdadeiro americanismo repele a ideia de um indianismo, de um purismo étnico local, de um primitivismo, mas chama a contribuição das raças primitivas ao homem ibérico; de modo que o homem ibérico puro seria um erro (classicismo) tão grande como o primitivismo puro (incultura, desconhecimento da marcha do espírito humano em outras idades e outros continentes). É da fusão do homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas que deve sair o ‘sentido americano’ (latino), a raça nova produto de uma cultura e de uma intuição virgem – o Homem Cordial. Nossa América, a meu ver, está dando ao mundo isto: o Homem Cordial. O egoísmo europeu, batido de perseguições religiosas e de catástrofes econômicas, tocado pela intolerância e pela fome, atravessou os mares e fundou ali, no leito das mulheres primitivas, e em toda a vastidão generosa daquela terra, a Família dos Homens Cordiais, esses que se distinguem do resto da humanidade por duas características essencialmente americanas: o espírito hospitaleiro e a tendência à credulidade. Numa palavra, o Homem Cordial. (Atitude oposta do europeu: a suspicácia e o egoísmo do lar fechado a quem passa). (Como é bom, nos *pueblos* e aldeias da nossa América, no seu México como no meu Brasil, mandar entrar o caixeiro-viajante francês que vende peças de linho, ou o engenheiro alemão que está estudando a geologia local, e convidá-lo para almoçar! A gente grita logo lá para dentro: – Ó fulana, manda matar uma galinha!

O fato, porém, é que se não somos latinos, nós, oriundos da aventura peninsular celtibérica em terras americanas (alimentada pelas redes nupciais de índias bravias e pela sensualidade dócil de negras fáceis), se não somos latinos, somos *qualquer coisa* de muito diferente pelo espírito e pelo senso da vida cotidiana. Somos povos que gostam de conversar, de fumar parados, de ouvir viola, de cantar modinhas, de amar com pudor, de convidar o estrangeiro a entrar para tomar café, de exclamar para o luar em noites claras, à janela: – Mas que luar magnífico! Essa atitude de disponibilidade sentimental é toda nossa, é ibero-americana... Observável nos nadas, nas pequeninas insignificâncias da vida de todos os dias, ela toma

<sup>51</sup> Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/media/prosa44c.pdf>>. Acesso em: 27 de julho de 2019.

vulto aos olhos do crítico, pois são índices dessa Civilização Cordial que eu considero a contribuição da América Latina ao mundo.”<sup>52</sup>

Ribeiro Couto

A carta destaca duas das principais características do homem cordial: o espírito hospitaleiro e a tendência à credulidade. Talvez, a qualidade que tenha sobrevivido e se cristalizado como essencial e prototípica do homem cordial seja justamente a do espírito hospitaleiro.

## 2.2. A PASSIONALIDADE DA CORDIALIDADE – O HOMEM CORDIAL E A TEORIZAÇÃO DO CONCEITO

A feliz expressão de Ribeiro Couto, ‘homem cordial’, se tornou conhecida através da apropriação feita por Sérgio Buarque de Holanda. Em seu livro, *Raízes do Brasil*, de 1936, no quinto capítulo, intitulado, “O homem cordial”, o autor problematizou as características dessa expressão que ganhou em sua interpretação uma fundamentação sociológica.

Diferentemente de Couto, que atribui à expressão características relacionadas à hospitalidade dos habitantes do Brasil, Buarque de Holanda encara o ‘homem cordial’ de maneira estritamente etimológica, relacionando-o àquilo que “nasce do coração”, ou seja, que provém da esfera do íntimo, do privado.

Esse sentimento colaboraria para a tendência de fazer da esfera pública uma extensão da esfera privada, o que explicaria nossa propensão a entendimentos de leis, em prol de interesses próprios, o que justificaria nosso hábito de beneficiar os ‘nossos’ em cargos, posições ou circunstâncias em que a razão, as leis e o mérito deveriam se sobrepor.

Por inúmeras vezes presenciemos situações em que alguém é beneficiado por seu parentesco ou amizade. O homem cordial, segundo Buarque de Holanda, é movido pelo coração e, portanto, é bom e mau a um só tempo. A cordialidade, em sua compreensão, expressaria a herança permanente de padrões arcaicos de convívio humano, presentes no meio rural e patriarcal.

A polidez que supostamente seria uma característica inerente ao brasileiro, na verdade seria uma máscara, um comportamento dissimulado que usamos, quando por algum motivo, não podemos recorrer aos sentimentos genuínos.

---

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://www.correioims.com.br/carta/origem-do-conceito-de-homem-cordial/>>. Acesso em: 29 de julho de 2019.

O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade. E é tão característica, entre nós, essa maneira de ser, que não desaparece sequer nos tipos de atividade que devem alimentar-se normalmente da concorrência. (HOLANDA, 1995, p.148-149)

Dessa maneira, diferentemente do homem cordial de Ribeiro Couto, sempre hospitaleiro, a cordialidade de que trata Sérgio Buarque de Holanda é de natureza passional, emocional, que pode tratar de comportamentos positivos ou negativos com relação ao outro.

Embora as considerações de Sérgio Buarque de Holanda tenham fundamento sociológico, na expressão ‘homem cordial’ o que aparentemente permaneceu na memória nacional é a sua primeira interpretação, a do estereótipo do homem de espírito hospitaleiro, a que se referia Couto, na carta.

Jessé Souza (2018) faz fortes críticas a Sergio Buarque de Holanda e a sua leitura do homem cordial. Ele recusa a questão central de Buarque, que coloca o brasileiro como um povo que extrapola os limites do privado para público (Estado), atribuindo a nós uma propensão à corrupção. Ele afirma que o interesse em nos objetivar como vira-latas, responde a interesses maiores, que endeusam americanos e europeus

[...] a ideia negativa do homem emotivo e potencialmente corrupto – como singularidade brasileira, já que dividiria o mundo entre amigos e inimigos e não de modo impessoal, que Buarque imagina, numa idealização descabida e infantil, existir em algum lugar. O Estado patrimonialista seria a principal herança do homem cordial e principal problema nacional. Está criada a ideologia do vira-lata brasileiro. Inferior, posto que percebido como afeto e, portanto, como corpo se opondo ao espírito do americano e europeu idealizado, como se não houvesse personalismo e relações pessoais fundando todo tipo de privilégio também nos Estados Unidos e na Europa. A emoção nos animalizaria enquanto o espírito tornaria divinos americanos e europeus. Como seres divinos, os americanos seriam seres especiais que põem a impessoalidade acima de suas preferências pessoais, explicando com isso a excelência de sua democracia. (SOUZA, 2018, p.17).

É importante compreender as heranças históricas que carregamos. O Brasil se constituiu sobre as bases de um sistema de colonização e de escravidão. A primeira tradição nos deixou como legado um sentimento de submissão, pois nos foram impostas a cultura, a religião, a política e até a língua, de nossos colonizadores. A subserviência é um “fantasma” que nos rodeia.

Da escravidão, herdamos o sentimento de extrema servidão, tão bem descrito por Jessé Souza em seu livro: *“A elite do atraso: da escravidão à Lava-Jato”* (2018). Aos negros são imputados os trabalhos mais sacrificantes e de menor remuneração. São em grande maioria pobres, vítimas de discriminação, racismo e jogados à margem da sociedade nas periferias das grandes cidades. Sua condição é naturalizada como reflexo de um inconsciente coletivo. Se outrora os negros trabalhavam de graça, se eram submetidos a toda forma de exploração física e moral, porque agora teria de ser diferente? Esse imaginário social se manifesta no comportamento de muitas pessoas, que ainda se surpreendem ou se incomodam ao ver negros bem-sucedidos, ocupando cargos de prestígio, ocupando

espaços que outrora não ocupavam, ou mesmo na recusa que muitos têm as cotas raciais e sociais de maneira geral.

Submissos e servis. Essas duas tradições podem justificar nossa cordialidade/hospitalidade frente ao estrangeiro. Cordiais e hospitaleiros com aqueles que nos tocam pela sua superioridade de colonizador e senhor. E tolerantes/intolerantes quando estamos diante de iguais: colonizados e servis tais como outros povos ditos de “terceiro mundo”, pobres e negros.

### 2.3. XENOFOBIA

Uma das definições do termo ‘xenofobia’ é descrita por Albuquerque Júnior (2016) no livro, “Xenofobia- medo e rejeição ao estrangeiro”. A produção aborda a xenofobia em sua multidimensionalidade; quais suas motivações; quais suas formas; como se dá a sua disseminação; e também suas implicações na atualidade. Segundo o autor,

A palavra xenofobia vem do grego, da articulação das palavras *xénos* (estranho, estrangeiro) e *phobos* (medo), significando, portanto, um medo, a rejeição, a recusa, a antipatia e profunda aversão ao estrangeiro. Ela implica uma desconfiança e preconceito em relação às pessoas estranhas ao território, ao meio, à cultura, a que pertencem aquele que julga, que observa, que se considera como estando em seu lugar. A xenofobia implica uma delimitação espacial, uma territorialidade, uma comunidade, em que se estabelece um dentro e um fora, uma interioridade e uma exterioridade, tanto material quanto simbólico, tanto territorial quanto cultural, fazendo daquele que vem de fora desse território ou dessa cultura um estranho ao qual se recusa, se rejeita com maior ou menor intensidade. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, p.9, 2016)

O estrangeiro, segundo o autor, é visto por muitos com suspeita, com estranhamento, pois sua cultura, suas atitudes e valores não estão alinhados a dos povos que o recebem. Ele é visto com um certo déficit de humanidade, por não possuir a mesma carne, mesmo corpo, estatura, proporções, traços cor, gestos, movimentos, performances. É possível considerar que aquele ser diferente é inferior e por isso o sentimento despertado por ele é, muitas vezes o de rejeição. Albuquerque (2016) citando Freud relata que o estranhamento desse outro, a forma como muitas vezes enxergamos o estrangeiro, como alguém ameaçador, como alguém que não partilha das mesmas qualidades humanas, estão relacionadas a emoções primitivas, embora tenhamos passado pelo processo civilizatório. Mas, a ambiguidade inerente ao ser humano faz com que muitas vezes, olhemos para o estrangeiro com curiosidade, com desejo e fascínio.

Como vimos, no capítulo anterior desse trabalho, no ano de 2015, as denúncias contra crimes

de xenofobia aumentaram 633% no Brasil. (O GLOBO) <sup>53</sup> . No entanto, embora os números denunciem a intensidade da prática, muitos estrangeiros afirmam não saber como denunciar, ou mesmo afirmam serem orientados a não denunciar para evitar transtornos com autoridades do Brasil. (NOTICÍAS R7) <sup>54</sup> . Segundo Rogério Sottili, secretário de Direitos Humanos, os haitianos, os palestinos e até mesmo os nordestinos que vão para o sul do país são vítimas de xenofobia (O GLOBO)<sup>55</sup>

Os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716<sup>56</sup>, de 5 de janeiro de 1989, define em seu Art. 1º que “*Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.*” E no "Art. 20., afirma que “ *praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional*” são crimes, cuja pena é reclusão de um a três anos e multa.

É comum ouvir dos turistas que o país tem uma população alegre, que “abraça” o visitante e faz o possível para tornar sua permanência prazerosa. Porém, na contramão desse clima de hospitalidade com o turista, crimes de ódio contra estrangeiro têm sido cada vez mais constantes em nosso país. Não são raras as aparições dos imigrantes nos meios de comunicação, relatando a violência sofrida, os maus tratos, o descaso, e o preconceito de toda ordem. O que se notícia não dá conta de retratar todas as mazelas sofridas por esses grupos.

Um caso prototípico de xenofobia foi noticiado pela revista Carta Capital, em 14 de novembro de 2015. Na ocasião a publicação problematizou o fatídico assassinato de Fetièrre Sterline e a vida de outros haitianos moradores da cidade de Navegantes, no estado de Santa Catarina. O título da reportagem traduz o sentimento de muitos dos imigrantes haitianos.

“*O Haiti não é Aqui*” (CARTA CAPITAL, 2015). A vítima teria sido chamada de “*macici*”, termo crioulo na língua nativa dos haitianos, para homossexual. Na sequência atacada por um grupo de cerca de dez adolescentes, espancada e esfaqueada diversas vezes no peito.

---

<sup>53</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/denuncias-de-xenofobia-no-disque-100-crescem-633-em-2015-18554954>>. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

<sup>54</sup> Disponível em: < <https://noticias.r7.com/internacional/xenofobia-ainda-e-dificil-de-ser-denunciada-no-brasil-23072018>>. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

<sup>55</sup> Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/denuncias-de-xenofobia-no-disque-100-crescem-633-em-2015-18554954>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2020.

<sup>56</sup> Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1964. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9459.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9459.htm)>. Acesso em: 13 de agosto de 2019.

Outro haitiano conta que muitos aqui, no Brasil, o chamam de "macaco" e de outras coisas assim. Um dos estrangeiros relatou que, em uma dessas situações, um grupo de crianças, rindo muito, perguntou se ele não tinha sabonete, referindo-se à cor escura de sua pele. O preconceito, segundo esses estrangeiros, se manifesta de diversos modos: como por exemplo quando os chamam de gays. (TERRA, 2014)<sup>57</sup> .

É possível notar como alguns brasileiros usam argumentos e declarações preconceituosas contra os estrangeiros. Mas migrantes não são as únicas vítimas da discriminação. Por mais absurdo que pareça podemos observar a xenofobia, intolerância sendo praticada até mesmo entre os cidadãos de nacionalidade brasileira. No cenário das eleições presidenciais do ano de 2014, provocações e declarações criminosas contra os nordestinos foram amplamente difundidas. Sob a alegação de que os nordestinos teriam sido os responsáveis pela reeleição da então presidenta Dilma Rousseff, desaprovada por parte da população, após a notícia de sua vitória nas urnas, muitas pessoas se manifestaram de forma agressiva, visto o teor de ameaça das mensagens publicadas em diferentes redes sociais, entre elas o *Twitter*.

---

<sup>57</sup> Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/imigrantes-haitianos-sofrem-racismo-e-xenofobia-no-brasil,a55e260ac95f5410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 29 de agosto de 2019.

Figura 23- Twitter - Declarações contra os nordestinos



Fonte: Terra

As declarações mostraram não apenas a insatisfação de alguns eleitores com a reeleição de Dilma. Elas evidenciam o repúdio aos nordestinos.

Nos *Twittes* destacados, a forma como os nordestinos são mencionados nos revelam o preconceito contra essa população. São chamados de “ignorantes”, “escrotos”, e outras denominações, no entanto, é possível notar como em todos esses *twittes* a discriminação se sustenta pela questão político- ideológica, ou pelo menos pela forma como são interpelados: “sangue sugas do governo petista”. Essa recorrência tem em suas raízes não apenas as memórias dos anos de governo do PT no Brasil, e das políticas públicas destinadas a toda a população brasileira. O preconceito contra o nordestino tem raízes no racismo. Grande parcela da população das regiões norte e nordeste é

composta por mulatos, negros, descendentes de índios. Vitimados pela miséria, alijados de escola, de direitos fundamentais, serviram de mão de obra expropriada pelas regiões sul e sudeste do país. Embora tenham contribuído com o desenvolvimento das grandes metrópoles, contribuindo com sua mão de obra barata, foram vistos como causa principal da pobreza nesses locais. São estigmatizados, tomados por ignorantes, mão de obra braçal, justamente porque muitos ignoram que o Nordeste se destaca pelo seleto grupo de intelectuais: poetas, escritores, atores e outros profissionais que engrandecem a cultura nacional.

A estigmatização de povos em deslocamento pode ser apreendida, dentre outras formas, pelos modos de designação desses sujeitos, é o que analisaremos a seguir.

#### 2.4 RECENSEAMENTO DE TERMOS ATRIBUÍDOS AOS SUJEITOS EM DESLOCAMENTO

Nesta sessão pretendemos apresentar os principais termos que designam os povos em deslocamento, observar os deslizamentos que tais designações sofrem em virtude dos sujeitos e das condições de produção nas quais se inserem. Trata-se de uma apresentação comentada, em que problematizaremos alguns enunciados com ocorrências dos termos que designam pessoas em deslocamento. Acreditamos ser importante esclarecer como foi feita a escolha desse pequeno corpus, visto que esse recorte não se deu de maneira aleatória.

Fizemos nosso levantamento, num primeiro momento, pelo Google. No entanto, embora o buscador oferecesse uma imensidão de ocorrências, e trouxesse principalmente as mais recentes, não era possível estabelecer critérios, períodos de maneira satisfatória. Decidimos então pelos portais de notícia, TERRA, UOL, G1. Optamos por esses pois oferecem uma grande variedade de notícias a respeito da temática abordada, atendendo aos critérios de heterogeneidade e representatividade. Oferecem como especificidade a possibilidade de acesso à busca por sequências discursivas eleitas pelo leitor e elencadas em ordem cronológica, da data mais recente a mais antiga, permitindo o acesso a textos de diferentes momentos históricos. Mas, novamente percebemos que esse não poderia ser nosso caminho, justamente pela heterogeneidade dos enunciados apresentados, entre eles dados estatísticos, notícias policiais, textos de ONG's, relatos de experiência, notícias internacionais, muitas vezes dissonantes do nosso objetivo, enfim, não encontrávamos uma linha coerente para estabelecer nosso corpus. Decidimos ampliar a busca e pesquisar as ocorrências dos termos em outras publicações digitais de grande repercussão nacional, Carta Capital, Veja, Folha Uol, Opinião e Notícia, Pragmatismo Político, O Globo, BBC, El País, Opera Mundi, seguindo os mesmos critérios de busca: a ocorrência dos termos: refugiado, migrante, imigrante, estrangeiro, gentílicos e seus desdobramentos no período de 2015 a 2019.

Tivemos ainda uma outra escolha a fazer, apresentar apenas os títulos das matérias escolhidas, ou contemplar também os enunciados do corpo do texto. Entendemos que os títulos, são muitas vezes espetacularizantes, e que nem sempre sintetizam de maneira razoavelmente fiel o conteúdo do texto. Nossa escolha foi pelo título, cientes das limitações que essa opção nos traria. Entendemos que a análise do título seria suficiente, por se tratar de uma apresentação despretensiosa, que intenta dar apenas um panorama ao leitor. Evidentemente, em alguns momentos apresentaremos relações de paráfrase, citaremos alguns trechos do corpo do texto, no entanto essa não é nossa proposta.

Apoiando-nos na noção de “arquivo”, de Foucault (2004), consideramos a emergência de enunciados sobre o tema, focalizando também as condições de formação e transformação dos enunciados (Foucault, 2004). A junção de todos esses enunciados materializados, que, diferentemente de tantos outros, não encontraram condições favoráveis de instauração, que “perderam” o confronto social que lhes garantiria o direito de dizer, de gerar efeitos de sentido, vão compor o que Foucault denominou de arquivo, “uma existência acumulada dos discursos” (FOUCAULT, 2000, p.72). O arquivo não nos é dado a priori. Os enunciados que o compõe respondem a certas condições possíveis de emergência. A “ordem do discurso”, a conjuntura social em que regras determinam o que pode e deve ser dito viabilizam o arquivo. Esse “acúmulo de discursos” não está alheio às regras de dizibilidades de uma sociedade.

[...] o arquivo é, antes de tudo, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o surgimento dos enunciados como acontecimentos singulares), exhibe um sentido determinado, cada dispositivo de arquivo estabelece sua própria organização, respeitando a especificidade de um tema, de um acontecimento, de um percurso. Tal compreensão da noção de arquivo, se por um lado sustenta a forma de recorte de um corpus discursivo, por outro, apresenta algumas questões aos estudos da Análise do discurso na atualidade. (SARGENTINI, 2011)

Para subsidiar nossa análise, é de suma importância compreender a noção de enunciado para Foucault, já que esse conceito atravessa todo o trabalho e nos possibilita ter acesso a nosso objeto de investigação, o discurso, mais precisamente os discursos de cordialidade e xenofobia, pró e anti-imigração.

A noção de enunciado com base em Foucault, enquanto conceito teórico-metodológico, dá lugar a uma concepção discursiva. Gregolin (2006 p.89) aponta que, para Foucault

[...] o que torna uma frase, uma proposição, um ato de fala em enunciado é justamente a função enunciativa: o fato de ele ser produzido por um sujeito em um lugar institucional, determinado por regras sócio históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado (Gregolin, 2006, p.8).

Ainda, segundo Courtine (2009 [2014], p.85), o enunciado, em Foucault, precisamente, na Arqueologia do Saber, apresenta quatro propriedades que nos possibilita enxergá-lo além do seu caráter exclusivamente linguístico. Segundo a leitura que Courtine (2009 [2014]) faz de Foucault

O enunciado está ligado a um referencial”, o enunciado mantém com um sujeito uma relação determinada; o enunciado tem um domínio associado (uma área); o enunciado apresenta uma existência material, distinta daquela da enunciação.

Parafraseando Courtine (op.cit., p. 86), é a conjuntura sócio histórica que define o referencial do enunciado, em que circunstâncias ele pode ser produzido, quais as condições que viabilizaram sua aparição. O enunciado não tem um autor, o enunciado tem um sujeito. Alguém que enuncia a partir de uma posição de sujeito, posição essa que está vazia, até ser ocupada pelo sujeito do enunciado, esse que se constitui na história, atravessado pela ideologia, pelas memórias discursivas, produto de embates e tensões que configuram o poder e sua rede de enunciações. O enunciado não emerge sem que condições pré-determinadas o viabilizem. Ele pertence a um domínio associado, um campo em que as enunciações se constituem a partir das relações que mantém com outras do mesmo campo, seja para repeti-las, para antagonizar com essas ou para ressignificá-las. Por fim, o enunciado tem uma existência material, que permite que ele esteja presente nas mais distintas enunciações, e conserve sua materialidade repetível.

O enunciado responde às regras de dizibilidade, condições que tornam possíveis sua emergência. A sociedade cerceia a aparição dos enunciados, a configuração histórica e social restringe, autoriza e atualiza os discursos. Ao enunciar, o sujeito reflete suas ideologias, suas crenças, da mesma forma que seu dizer também é atravessado por suas afiliações. As grandes instituições, ou mesmo os núcleos familiares exercem poder sobre seus membros, dessa maneira é notória a forma como as pessoas acabam por reproduzir enunciados já ditos.

#### 2.4.1 GENTÍLICOS: RASTROS DE UM PASSADO DE EXPLORAÇÃO

Nesta sessão apresentaremos alguns enunciados que representam uma série de outros que encontramos em nossa busca pelos portais de notícia e sites da grande mídia<sup>58</sup>. Os gentílicos que mais apareceram em nossas buscas foram: haitianos, cubanos, bolivianos e venezuelanos. Isso se deve justamente à configuração histórica em que vivemos no Brasil, já que, segundo o Relatório Anual: Imigração e Refúgio no Brasil<sup>59</sup>, de 2019, os dados nos permitem dizer que o fluxo migratório na

<sup>58</sup> Chamamos de grande mídia os sites mais populares, aqueles que são ligados também a veículos de mídia impressa e televisionada. Tais como: Folha de São Paulo, Estadão, Revista Veja, G1, BBC Brasil, entre outros de acesso livre e gratuito.

<sup>59</sup> Disponível em:

<<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/relatorioanual/RELAT%C3%93RIO%20ANUAL%20OBMigra%202019.pdf>>. Extraído de: <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

atualidade é composto sobretudo por migrantes que vem ao Brasil para fixar residência, classificados como migrantes de longo termo, diferente de outros que permanecem no país para outras finalidades que envolvam um curto período de permanência, chamados de temporários. Como mostra a tabela abaixo, três das quatro nacionalidades eleitas por nós, para analisar as derivas de sentido, ocupam sucessivamente os primeiros lugares no ranking de migrantes de longo termo, dos anos de 2010 a 2018.

Figura 24: Tabela com números de registros de migrantes de longo termo (2010- 2018)

**Tabela 5.11.** Número de registros para migrantes de longo termo, por ano de entrada, segundo principais países de nascimento, Brasil, até 2010-2018.

Principais países de nascimento	Ano de entrada										Total
	Até 2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Ignorado	
<b>Total</b>	212.245	38.763	43.888	67.854	74.476	70.621	67.812	65.623	63.703	163	705.148
REPUBLICA DO HAITI	401	2.652	4.467	14.740	20.392	20.547	20.985	12.931	9.359	1	106.475
BOLIVIA	28.324	6.867	6.296	7.131	4.860	5.065	4.695	5.052	4.305	3	72.598
VENEZUELA	2.084	302	304	391	655	1.036	2.713	10.410	25.192	4	43.091
COLOMBIA	5.162	909	1.673	3.730	4.087	5.227	6.125	7.156	4.914	19	39.002
ARGENTINA	15.116	1.673	2.089	2.671	3.683	3.569	3.761	3.287	1.589	-	37.438
REPUBLICA POPULAR DA CHINA	14.256	2.881	2.466	3.016	3.306	3.042	2.438	2.456	1.461	8	35.330
PORTUGAL	13.937	2.070	2.812	3.297	2.805	1.988	1.293	804	467	3	29.476
PERU	9.294	1.224	2.220	2.164	2.653	2.579	2.435	2.217	1.665	11	26.462
PARAGUAI	9.181	1.653	2.108	2.295	2.755	2.565	1.971	1.918	1.480	4	25.930
CUBA	1.935	169	166	4.993	5.752	1.729	4.031	4.962	1.148	2	24.887
ITALIA	9.950	1.597	1.986	2.045	2.174	1.821	1.268	915	442	2	22.200
URUGUAI	7.525	685	792	1.047	1.296	1.687	1.705	1.976	3.607	20	20.340
ESTADOS UNIDOS DA AMERICA	9.701	1.203	1.262	1.346	1.207	1.182	993	811	665	5	18.375
FRANCA	7.494	904	1.078	1.434	1.416	1.384	1.093	841	535	4	16.183
ESPANHA	5.563	1.051	1.457	2.068	1.660	1.299	842	510	348	3	14.801
ALEMANHA	6.820	865	859	892	770	776	576	453	342	10	12.363
JAPAO	5.586	658	681	837	801	863	804	705	674	11	11.620
CHILE	4.699	599	822	775	941	885	939	850	649	2	11.161
COREIA DO SUL	3.848	669	500	740	1.085	1.321	535	448	375	2	9.523
ANGOLA	3.272	308	363	402	575	1.066	1.070	437	189	-	7.682
OUTROS PAÍSES	48.089	9.822	9.487	11.840	11.603	10.990	7.540	6.484	4.297	49	120.201
Não Informado	8	2	-	-	-	-	-	-	-	-	10

Fonte: Elaborado pelo OBMigra a partir dos dados da Polícia Federal, SisMigra, 2019.

Os haitianos vieram para o Brasil, principalmente após o sismo do Haiti, um terremoto que devastou o país, em 2010, causando a morte e desabrigando milhares de pessoas. Os bolivianos costumam vir para o Brasil movidos pelas oportunidades de trabalho, pela crença em melhores condições de vida. Muitos venezuelanos, migraram para o Brasil fugindo da fome. Com a queda no preço do petróleo e a crise política, muitos viram no Brasil, um país de fronteira, a oportunidade de recomeço. Quanto aos cubanos, a maioria deslocou-se para o Brasil devido ao “Programa mais Médicos”. A parceria entre o governo de Cuba e o governo brasileiro, iniciada em no 2013, trouxe milhares de cubanos ao Brasil. A tabela abaixo lista oito enunciados com a ocorrência dos adjetivos pátrios: haitiano, bolivianos, cubanos, venezuelanos

<b>Enunciado 1.</b> “Não somos escravos!, diz haitiano no AM em ato contra atraso de salários” <sup>60</sup>
<b>Enunciado 2.</b> “Haitianos são resgatados em condições de escravidão em SP” <sup>61</sup>
<b>Enunciado 3.</b> “Parem de dizer que somos ‘escravos’, pede líder dos bolivianos em São Paulo” <sup>62</sup>
<b>Enunciado 4.</b> “Brasil atrai grande número de imigrantes bolivianos” <sup>63</sup>
<b>Enunciado 5.</b> “Cubanos denunciam ‘condições de trabalho análogas à escravidão’” <sup>64</sup>
<b>Enunciado 6.</b> “Dilma: médicos cubanos são ‘mais atenciosos que brasileiros’” <sup>65</sup>
<b>Enunciado 7.</b> A exploração dos trabalhadores venezuelanos em Roraima <sup>66</sup>
<b>Enunciado 8.</b> 'Vim para o Brasil para oferecer à minha família uma situação melhor', diz venezuelano resgatado de trabalho análogo ao escravo”. <sup>67</sup>

As condições às quais são submetidos os trabalhadores haitianos, referidos nos enunciados **1.** “Não somos escravos!, diz haitiano no AM em ato contra atraso de salários” e, **2.** “Haitianos são resgatados em condições de escravidão em SP” são semelhantes. Trabalhadores com salários muito

<sup>60</sup> Disponível em: < <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2014/12/nao-somos-escravos-diz-haitiano-no-am-em-ato-contra-atraso-de-salarios.html>>. Acesso em: 02 de novembro de 2016.

<sup>61</sup> Disponível em: < <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/08/haitianos-sao-resgatados-em-condicoes-de-escravidao-em-sp.html>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2017.

<sup>62</sup> Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/parem-de-dizer-que-somos-escravos-pede-lider-dos-bolivianos-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2017.

<sup>63</sup> Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dw/ult1908u708662.shtml>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2017.

<sup>64</sup> Disponível em: < <http://opiniaoenoticia.com.br/brasil/cubanos-denunciam-condicoes-de-trabalho-analogas-a-escravidao>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2017.

<sup>65</sup> Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/brasil/dilma-medicos-cubanos-sao-mais-atenciosos-que-brasileiros-12333019>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2017.

<sup>66</sup> Disponível em: < <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/a-exploracao-dos-trabalhadores-venezuelanos-em-roraima,fd572d277532d6a88979511d7e81487dcrayfbxu.html>>. Acesso em: 4 de agosto de 2019.

<sup>67</sup> Disponível em: < <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/04/23/venezuelanos-resgatados-de-trabalho-escravo-na-ba-receberao-seguro-desemprego-e-agradecem-ao-brasil-voces-sao-especiais.ghtml>>. Acesso em: 4 de agosto de 2019.

abaixo dos praticados no mercado de trabalho para as mesmas funções desempenhadas, atrasos no pagamento ou até mesmo a ausência desse. A troca do trabalho pelo alimento, pela moradia, que em sua maioria, não oferece sequer as condições mínimas de higiene e infraestrutura de maneira geral. Esses trabalhadores são objetivados como escravos, visto que o tratamento que recebem faz jus a essa designação. Eles precisam negar essa condição a qual foram submetidos para então terem seus direitos de trabalhadores plenamente honrados.

O **enunciado 1**. “Não somos escravos”, diz haitiano no AM em ato contra atraso de salários”, mostra como a exploração é de caráter racial, já que trabalhadores brasileiros, que realizavam as mesmas funções, nos mesmos locais que os haitianos foram pagos: “*Os demais 180 trabalhadores, que são brasileiros e não estão com salários atrasados, decidiram apoiar o ato e paralisaram as atividades*”. Podemos recorrer a Jessé de Souza (2018) para compreender a dinâmica presente nos casos de escravidão que ainda vemos no Brasil. Segundo a leitura que ele faz de Florestan Fernandes, a massa da população brasileira, que enfrenta as piores condições de vida, que se encontram marginalizados vivendo nas periferias, humilhados e largados ao “próprio azar” tem suas raízes nos escravos libertos que após a abolição da escravatura não foram incluídos em quaisquer políticas públicas “*Ao negro, fora do contexto tradicional, restava o deslocamento social na nova ordem*”. (p.192). Isso somado à presença de imigrantes italianos, culturalmente preparados para o trabalho colocou esse liberto em uma condição ainda mais degradante

Faltava-lhe vontade de se ocupar com as funções consideradas degradantes (que lhe lembravam do passado) – obstáculo que os imigrantes italianos, por exemplo, não tinham –, não era suficientemente industrioso nem poupador, e, acima de tudo, faltava-lhe o aguilhão da ânsia pela Riqueza”. (SOUZA, 2018, p.192,193)

Recém-liberto, sem o apoio dos antigos donos, tendo os italianos se ocupado do ofício que poderiam ter ocupado, talvez sem o mesmo êxito, justamente por conta de seu despreparo para a inserção numa outra configuração do trabalho, segundo Jessé, citando Florestan “*bem acima, na zona vital de preservação do poder nas mãos das antigas famílias proprietária*”, na sequência figurava a presença dos italianos, “*o estrangeiro, especialmente o imigrante italiano, aparecia aqui, inclusive, nesse espaço recém-aberto, como a grande esperança nacional de progresso rápido*”. E por último

[...] ao negro, sem a oportunidade de classificação social burguesa ou proletária, restava os interstícios e as franjas marginais do sistema como forma de preservar a dignidade de homem livre: o mergulho na escória proletária, no ócio dissimulado, ou ainda na vagabundagem sistemática e na criminalidade fortuita ou permanente (SOUZA, 2018, p. 193).

Essa estrutura, segundo Jessé de Souza se propagou até os dias de hoje, configurando a classe que ele chama de *ralé nacional* (SOUZA, 2018).

O texto do **enunciado 3- Parem de dizer que somos escravos, pede líder dos bolivianos em**

**São Paulo**, mostra uma entrevista feita pelo repórter Leandro Narloch, autor do livro “ Guia do politicamente incorreto da História do Brasil” ao Presidente da Associação de Empreendedores Bolivianos, Luis Vásquez. Nela, o boliviano, fala da natureza do trabalho desempenhado pela maioria dos bolivianos que vem ao Brasil, que, segundo ele, não seria de escravidão.

As pessoas que vem para cá saem de regiões muito pobres da Bolívia. Quando chegam, só querem trabalhar. Algumas oficinas tentaram contratar por CLT, com 8 horas de trabalho. Mas os bolivianos acham ruim – preferem ganhar por produção. Estão no Brasil para ganhar dinheiro – não veem sentido em ficar cinco, seis horas sem nada pra fazer. Além disso, o patrão não tem obrigação de bancar a moradia dos costureiros. Eles dormem no trabalho porque é mais barato, pois economizam o aluguel e o transporte. Claro que há problemas, mas estão confundido irregularidade trabalhista com trabalho escravo.

Luis Vásquez afirma que o regime ao qual são submetidos seus conterrâneos não é o de escravidão, mas sim de irregularidades trabalhistas, omite parte da lei 2848<sup>68</sup>, Art.149 do Código Penal , de 7 de dezembro de 1940, que fala também de “condições análogas à escravidão”

Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto (JUSBRASIL)<sup>69</sup>

O boliviano tenta adoçar a prática da escravidão, quando usa o termo irregularidade trabalhista. Incorpora o discurso dominante, e mostra, por meio desse enunciado, como se coloca aquém daqueles em situação de exploração. Seu discurso reproduz o sistema escravista, ele (Luiz Vásquez), o capataz, capitão do mato, é o algoz de sua própria gente (trabalhadores bolivianos). Ele media a relação entre o explorador (dono das oficinas de costura) e os explorados (trabalhadores bolivianos- costureiros), já que o exercício de poder nessa relação é unívoco. Quando Luis Vásquez pede “Parem de dizer que somos escravos”, ele demonstra que essa afirmação é recorrente e não nega por completo a condição, já que assume que outros bolivianos são vítimas de irregularidades trabalhistas.

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10621211/artigo-149-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>>. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

<sup>69</sup> Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10621211/artigo-149-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>>. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

O **enunciado 4. “Brasil atrai grande número de imigrantes bolivianos”**, conta que alguns acadêmicos usam os termos: “senzalas bolivianas”, “auto escravização”, “jornadas absurdas de trabalho” para caracterizar as circunstâncias dos trabalhadores bolivianos no Brasil”.

Essas definições se justificam em virtude das práticas às quais os bolivianos são submetidos, sejam elas consensuais ou não. Como pudemos ver no **enunciado 3** não só a escravidão, mas também as suas variações se enquadram como crime. Outro dado do Relatório Anual: Imigração e Refúgio no Brasil (CAVALCANTE, 2019, p.62, 63) mostra que os postos de trabalho ocupados por haitianos e bolivianos são praticamente em posições de pouco prestígio e menor remuneração, tais como: Alimentador de Linha de Produção, Servente de Obras, Faxineiro, Pedreiro, Trabalhador de Serviços de Limpeza e Conservação de Áreas Públicas, no caso dos haitianos, enquanto os bolivianos desempenham tarefas relacionadas às funções de Faxineiro, Servente de Obras, Auxiliar nos Serviços de Alimentação, Auxiliar nos Serviços de Alimentação, Repositor de Mercadorias, entre outras.

No **enunciado 5. “Cubanos denunciam ‘condições de trabalho análogas à escravidão’**”, assim como no **enunciado 6. “Dilma: médicos cubanos são ‘mais atenciosos que brasileiros’**”, os médicos cubanos que trabalhavam no Programa Mais Médicos”, denunciaram a prática a qual eram expostos, e como foram objetivados por médicos nacionais.

O “Programa Mais Médicos”<sup>70</sup> foi um programa governamental que teve como um de seus pilares a melhoria do atendimento aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) levando médicos cubanos para regiões onde havia falta ou insuficiência desses profissionais. Em virtude dessa demanda e sobre a mira de muitas críticas, o governo da ex-presidente Dilma Rousseff trouxe para o país muitos profissionais cubanos. Muitas entidades médicas do Brasil foram contra a vinda desses, alegando que o governo conduzira as contratações de forma obscura, ou que esses trabalhadores não seriam suficientemente qualificados. Após assumir o mandato, o presidente, Jair Bolsonaro, decidiu acabar com o programa, alegando que o substituiria por um “programa de médicos federais”, além de afirmar que a validação dos diplomas dos médicos cubanos seria exigida pelo governo brasileiro, o que levou o governo cubano a encerrar a parceria que tinha com o Brasil, retirando seus médicos do nosso território.(ELPAÍS)<sup>71</sup>. Em reportagem mais recente, de 1 de agosto de 2019, Bolsonaro se irritou com a analogia feita por um jornalista que comparou o “ Programa Mais Médico” que segundo o

---

<sup>70</sup> Disponível em: < <http://maismedicos.gov.br/conheca-programa>>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

<sup>71</sup> Disponível em: < [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/06/politica/1549465717\\_978725.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/06/politica/1549465717_978725.html)>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

presidente brasileiro impedia a entrada das famílias dos cubanos no Brasil, à política de Donald Trump, que separa os pais (imigrantes ilegais, em sua maioria) dos filhos, destinados a abrigos.

Você já respondeu, 'ilegal', disse, referindo-se ao fato do repórter ter comentado que se tratava da política contra imigrantes ilegais. “Você quer que tenha uma pessoa ilegal dentro do Brasil? Os cubanos estavam aqui como escravos. Se eles fizessem qualquer coisa errada a família sofria. É uma diferença enorme com o Trump.(Exame, 2019)<sup>72</sup>

O chefe de Estado ainda disse, segundo a mesma reportagem: “*a ideia de trazê-los era para formar “núcleos de guerrilha no país”.* “*Essa era a política do PT*”.

Nos **enunciados 5 e 6**, podemos observar, novamente as questões ligadas à escravidão. Os profissionais cubanos se queixam das condições de trabalho e da forma como foram identificados por alguns brasileiros. O governo de Cuba ficava com uma grande parcela dos salários dos cubanos que atuavam em nosso país, motivo pelo qual os médicos nacionais os objetivaram como escravos. Nessas passagens podemos lembrar as motivações que ALBUQUERQUE JUNIOR (2016), elencou para esse embate entre nacionais e estrangeiros. As disputas pelas vagas no mercado de trabalho, o medo dessa concorrência despertou as reações xenófobas. O curioso é que segundo o governo que criou o programa, essas vagas não eram preenchidas, já que os postos de trabalho eram em cidades do interior e nas periferias das grandes cidades, onde os médicos brasileiros não queriam se fixar. Notamos o embate entre o discurso de valorização e desvalorização da mão de obra estrangeira. Enquanto o governo Dilma exaltava esses profissionais, o governo de Bolsonaro colocou em cheque suas qualificações. A política de Bolsonaro tem se mostrado cada vez mais alinhada a de Donald Trump nessa questão da imigração. Dizer que o motivo pelo qual encerrou o programa tenha sido o fato dos cubanos serem tratados como escravos ou que tinham pouca capacitação pode ter sido um pretexto, um capricho ideológico para colocar fim ao acordo. Essa postura pode ser notada pelas inúmeras declarações que Bolsonaro já fez contra os imigrantes. Mostramos novamente o trecho no qual o presidente demonstra o que pensa com respeito a vinda dos cubanos para o Brasil: “*a ideia de trazê-los era para formar “núcleos de guerrilha no país”.* “*Essa era a política do PT*”. Outro fato que destaca sua postura nacionalista e anti-imigração pode ser percebido pelo nome da campanha que substituiu o “*Programa Mais Médicos*”, o “**Médicos pelo Brasil**”.

A postura de subserviência de Bolsonaro pode ser percebida em outro trecho da mesma matéria: “*Não vem com essa conversinha de direitos humanos, vocês nunca falaram nada contra a*

---

<sup>72</sup>Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-defende-politica-de-imigracao-e-diz-que-trump-e-seu-idolo/>>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

política do Mais Médicos aqui”, “Não queiram atacar o Trump, que é meu **ídolo**, por acaso”. (Exame, 2019). O brasileiro deixa clara sua admiração pelo estrangeiro. Por aquele que ele enxerga como um modelo a ser copiado, aquele cuja sociedade lhe serve de exemplo de civilidade, é o velho e perseverante mecanismo que sustenta a relação entre colonizador e colonizado. Aquele que embora seja explorado continua submisso. Em ocasião anterior, 18 de março de 2019, Bolsonaro assinou um decreto que dispensa o visto de turistas americanos, e não pediu ao governo Trump qualquer reciprocidade. Segundo ele, porque os turistas americanos não vêm ao Brasil a procura de trabalho. *"Ah, o visto, olha só, a gente não vê nenhum americano indo para o Brasil para ganhar estabilidade via CLT, buscar emprego lá [no Brasil]. O contrário, para cá [Estados Unidos], existe, mesmo não havendo qualquer garantia. Então, há uma diferença"*(G1, 2019)<sup>73</sup>. A declaração endossa toda sua cordialidade, ou subserviência ao país de “primeiro mundo”.

**O enunciado 7.** A exploração dos trabalhadores venezuelanos em Roraima e o **enunciado 8.** 'Vim para o Brasil para oferecer à minha família uma situação melhor', diz venezuelano resgatado, de trabalho análogo ao escravo, são de chocar qualquer ser humano com o mínimo de empatia. Nas matérias, os venezuelanos mostram como são explorados pelos empregadores brasileiros, ganhando o equivalente a R\$300,00 mensais, ou R\$ 15,00 a diária, por jornadas exaustivas. Dormindo em “alojamentos” sem qualquer infraestrutura, como relata um dos venezuelanos, que compara sua casa a uma manjedoura. Deflagram as mazelas enfrentadas por esses estrangeiros que se dividem entre a ira, pela exploração a que são expostos, e a gratidão por estarem “empregados”, enquanto muitos outros dormem na rua e não tem nenhum dinheiro para enviar a suas famílias na Venezuela. O **enunciado 7** mostra como se sustentam as práticas da escravidão na atualidade. Um coronel, travestido de empregador, deixa a cargo do capataz a tarefa de arrebanhar escravos (venezuelanos) e zelar para que as tarefas sejam executadas de acordo com as ordens do patrão. O capataz em questão é na maioria das vezes da mesma nacionalidade daqueles a quem “comanda”. *“Alguns, em situação melhor; outros, pior. Todos ganham R\$ 300 por mês, com exceção do capataz, também venezuelano, que recebe R\$ 600 para coordenar o trabalho e arremeter novos empregados.*<sup>74</sup>

Os enunciados acima citados nos revelam certas regularidades. Nos enunciados 1 e 3, vemos os próprios migrantes negando a condição de escravos, por citações diretas. Nos enunciados 2 e 7 os autores das reportagens atribuem a esses migrantes essas condições, e nos enunciados 5 e 6, no corpo

<sup>73</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/19/bolsonaro-diz-que-liberou-visto-porque-turistas-americanos-nao-vaao-brasil-em-busca-de-emprego.ghtml>>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

<sup>74</sup> Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/a-exploracao-dos-trabalhadores-venezuelanos-em-roraima,fd572d277532d6a88979511d7e81487dcrayfbxu.html>>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

do texto, também é possível observar as citações diretas, ou seja, as vítimas denunciando a exploração a que são submetidas. Embora tenham emergido em diferentes momentos históricos, a saber, entre os anos de 2015 e 2019, relacionam-se ao tema da escravidão. Essas evidências nos fazem refletir se o fato desses povos serem americanos, dois deles de população majoritariamente negra, não justifica as práticas de xenofobia e o regime de escravidão ao qual são submetidos. Como vimos em Albuquerque (2016), diferenças culturais e raciais são fatores que caracterizam as práticas da xenofobia. Os bolivianos, os haitianos, os venezuelanos e os cubanos mencionados nos enunciados acima têm em comum o fato de serem estigmatizados, explorados no ambiente de trabalho. São vistos como ameaças aos nacionais, como aqueles que roubam os empregos e os direitos. Do ponto de vista econômico e político ideológico é possível observar que os cubanos, venezuelanos e bolivianos se distinguem dos haitianos. Estes últimos são vistos segundo uma perspectiva miserabilista quando recupera a nossa longa e perversa história de escravidão. Os latino americanos desses países também são hostilizados ou tratados de forma miserabilista porque são provenientes de países recentemente governados por governantes da esquerda.

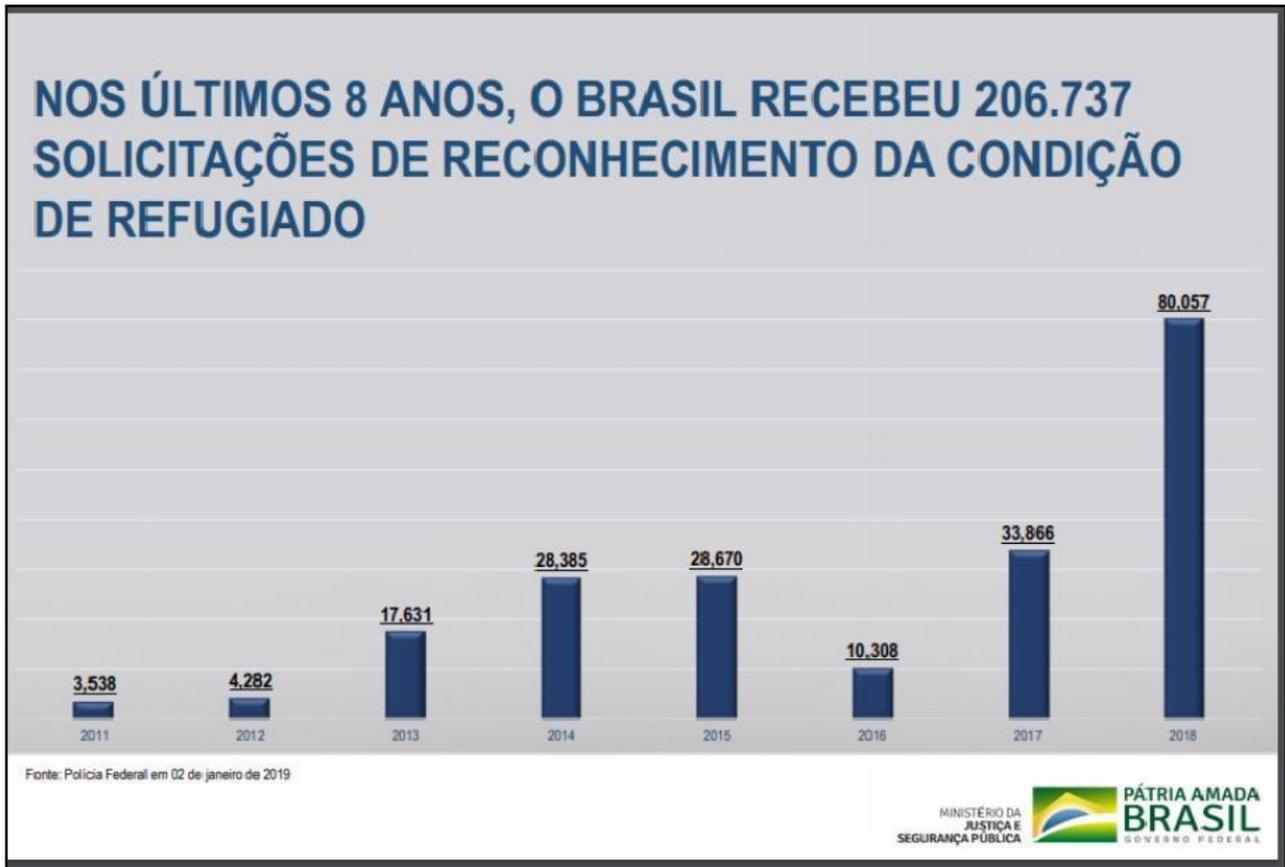
Ambos, no entanto, são vítimas da exploração sistemática de sua mão de obra, com exceção dos cubanos, que vieram ao Brasil em razão dos postos de trabalho oferecidos pelo governo brasileiro, com salários definidos e para exercerem a função de médicos, posição enobrecedora em nosso país. Ainda assim, foram vítimas de hostilidade por parte de seus colegas de profissão. Os médicos cubanos foram hostilizados pelos médicos brasileiros, e não pelos brasileiros, pacientes desses profissionais.

Todos esses estrangeiros são vítimas da circulação de afirmações falsas, que alegam que eles “roubam os empregos”.

#### 2.4.2. REFUGIADOS

O número de refugiados no Brasil cresceu significativamente desde o ano de 2010, como ilustra o gráfico abaixo. O brasileiro, que por muitos anos, pouco ouvia o termo refugiado, foi exposto a ele em virtude do cenário mundial que se formou com o crescente fluxo migratório mundial.

Figura 25: Número de solicitações de reconhecimento da condição de Refugiado



Fonte: ACNUR<sup>75</sup>

Para ilustrar os deslizamentos de sentidos que o termo *refugiado* ganhou no período que recorta nossa análise, elencamos seis enunciados de uma série de outros que evidenciam a estreita relação de efeito de sentido entre os termos *refugiado* e *terrorista*.

<sup>75</sup> Disponível em: < [https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%CC%81meros\\_verse%CC%83o-23-de-julho-002.pdf](https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%CC%81meros_verse%CC%83o-23-de-julho-002.pdf)>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

<b>Enunciado 1.</b> “Após agressão, refugiado sírio diz que 'não quer problemas, só quer trabalhar’” <sup>76</sup>
<b>Enunciado 2.</b> “Papa admite risco de terroristas se infiltrarem entre refugiados” <sup>77</sup>
<b>Enunciado 3.</b> “ONU alerta contra 'demonização' de refugiados”. <sup>78</sup>
<b>Enunciado 4.</b> “Refugiados não podem pagar pelo terrorismo”. <sup>79</sup>
<b>Enunciado 5.</b> “Papa diz que hospitalidade aos refugiados é a maior arma contra terrorismo” <sup>80</sup>
<b>Enunciado 6.</b> “Trump diz que expulsará refugiados sírios se chegar à Presidência dos EUA” <sup>81</sup>

Embora os enunciados acima citados tenham emergido em diferentes momentos históricos, a saber, entre os anos de 2015 e 2019, todos, em alguma medida, relacionam-se ao tema do terrorismo. Os refugiados são objetivados como terroristas ou apela-se para a necessidade de relativizar essa afirmação. Abaixo faremos uma breve contextualização dos enunciados para então seguir com a análise.

**O enunciado 1.** “Após agressão, refugiado sírio diz que 'não quer problemas, só quer trabalhar’”.

<sup>76</sup> Disponível em: < <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/apos-agressao-refugiado-sirio-diz-que-nao-quer-problemas-so-quer-trabalhar.html>>. Acesso em: 22 de agosto de 2019.

<sup>77</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1681459-papa-admite-risco-de-terroristas-se-infiltrarem-entre-refugiados.html>> . Acesso em: 27 de julho de 2019.

<sup>78</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/08/onu-alerta-contrademonizacao-de-refugiados.html>>. Acesso em: 27 de julho de 2019.

<sup>79</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/refugiados-nao-podem-pagar-pelo-terrorismo-18074949>>. Acesso em: 27 de julho de 2019.

<sup>80</sup> Disponível em: < <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/brasil/2016/09/17/papa-diz-que-hospitalidade-aos-refugiados-e-a-maior-arma-contraterrorismo.htm>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.

<sup>81</sup> Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/01/internacional/1443686741\\_700809](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/01/internacional/1443686741_700809)>. Acesso em: 28 de janeiro de 2019.

Um vendedor de salgados árabes foi agredido verbalmente e ameaçado com pedaços de pau por outro comerciante. Entre os insultos o seguinte enunciado: "*'Sai do meu país! Eu sou brasileiro e estou vendo meu país ser invadido por esses homens-bomba miseráveis que mataram crianças, adolescentes. São miseráveis. Vamos expulsar ele!'*".

**Enunciado 2.** “Papa admite risco de terroristas se infiltrarem entre refugiados”

A notícia revela as preocupações do pontífice com relação à grande concentração de refúgiados sírios e à possibilidade de terroristas se infiltrarem entre essa massa. Francisco citou grupos terroristas que ameaçam alvos católicos e mencionou ainda que o problema do refúgio é apenas a “a ponta do ‘iceberg’ de um sistema econômico global injusto”.

**Enunciado 3.** “ONU alerta contra 'demonização' de refugiados”.

A manchete alerta para os números da pesquisa que mostrou que 60% da população acredita que os extremistas fingem ser refugiados. Dados revelam a desconfiança das populações e o pedido de fechamento de fronteiras. No entanto, a Organização das Nações Unidas enfatizou que “*Como em qualquer /população, há pessoas que são criminosas, e a lei deveria ser aplicada a elas. Ninguém está acima da lei, seja você um refugiado ou não*”

**Enunciado 4:** Refugiados não podem pagar pelo terrorismo

A reportagem relata como países da Europa e Estados Unidos intensificaram o discurso anti-imigração após os atos terroristas que aconteceram em Paris no ano de 2015. A matéria noticia a onda xenófoba que ganhou força após os atentados em massa, que incluíram ações suicidas, fuzilamentos, explosões, bombardeios ao teatro Bataclan e às imediações do Stade de France.

**Enunciado 5.** “Papa diz que hospitalidade aos refugiados é a maior arma contra terrorismo”

O Papa Francisco também não se manteve alheio à questão dos refugiados e à crise migratória mundial. Segundo a maior autoridade da igreja católica a “*hospitalidade genuína*” é a “*nossa maior segurança contra os atos terroristas hediondos*”. Francisco teria aconselhado a todos a acolher refugiados em suas casas para que esses não tenham como primeira experiência em solo europeu a traumatizante sensação de dormir nas frias ruas do continente. A declaração do Papa sugere que temos uma arma contra o terrorismo: a hospitalidade aos refugiados. Dito, desta forma, é possível fazer a

leitura de que o papa pressupõe que os refugiados são terroristas em potencial, caso contrário não seria necessário nenhuma medida para “combatê-los”, para confrontar o terrorismo.

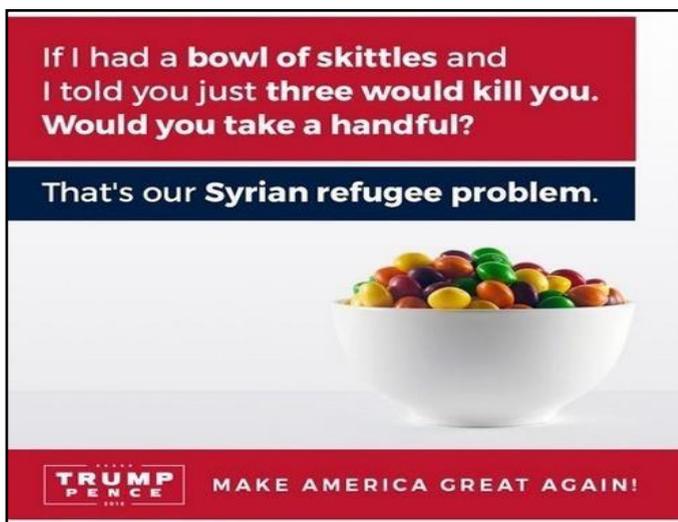
**Enunciado 6.** “Trump diz que expulsará refugiados sírios se chegar à Presidência dos EUA”

Essa abordagem do termo refugiado traz a fala do então candidato à presidência dos Estados Unidos da América, Donald Trump. Ele afirmou que expulsaria migrantes, já que esses seriam membros do Estado Islâmico. O enunciado sintetizou a inclinação do então improvável presidente. Convicto de que a migração em massa “poderia ser um dos maiores estratagemas de todos os tempos”, o então candidato lançou mão dos seguintes argumentos:

Podem ser membros do Estado Islâmico. Não sei. Vocês alguma vez já viram uma migração como essa? São todos homens, e todos parecem ser sujeitos fortes. Há muitos homens, mais do que mulheres. E eu me pergunto: por que eles não estão lutando para salvar a Síria? Por que estão emigrando para a Europa inteira? ”

A desconfiança do pai, Donald Trump, seria também partilhada pelo filho, Donald Trump Jr. O filho mais velho do presidente dos Estados Unidos teria publicado um *tweet* com a seguinte imagem:

Figura 26- Twitter de Donald Trump<sup>82</sup>



Fonte: Twitter

<sup>82</sup> Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/09/filho-de-trump-compara-refugiados-sirios-a-doces-envenenados.html> > Acesso em:

Logo acima da imagem ele escreveu: "Se eu tivesse uma tigela de skittles e dissesse que apenas três delas poderiam te matar. Você pegaria um punhado delas? Este é nosso problema com os refugiados sírios". O enunciado da notícia "Filho de Trump compara refugiados sírios a doces envenenados"<sup>83</sup>, comenta o discurso de Donald Trump Jr. a respeito dos refugiados.

Diante de uma massa heterogênea de enunciados que traziam em seu corpo o termo refugiado/refugiados, percebemos certas recorrências. Os termos destacados colocam no mesmo campo semântico, num mesmo dispositivo refugiados e terroristas, seja para negar a relação entre um termo e outro, seja para associá-los. Todos os enunciados nos colocam defronte às considerações foucaultianas. Segundo Foucault (1987) os discursos se materializam nos textos, nos enunciados efetivamente produzidos. O discurso então

[...] aparece como um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca [...] a questão do poder, um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política. (FOUCAULT, 1987, p. 139).

O fato de certas construções serem eleitas em detrimento de outras não é aleatória. Os enunciados analisados a respeito dos refugiados configuram no mínimo dois grandes discursos: É preciso acolher os refugiados, e, refugiados são terroristas em potencial - pró e anti-imigração. Esses dois polos não são estanques, muitas formações discursivas, que podem ser descritas como um conjunto de enunciados agrupados por regularidades e dispersão no tocante à ideologia, ciência, teoria, entre outros, derivam do discurso de "tolerância" e "intolerância".

Percebemos que o sentido de refugiado sofre um deslizamento. Nenhum enunciado está imune às derivas da língua. Terrorista, extremista são alguns termos que estão numa relação parafrástica com refugiado. Pêcheux (1997) nos oferece uma compreensão acerca de deslizamentos de sentido:

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo

---

<sup>83</sup> Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/09/filho-de-trump-compara-refugiados-sirios-a-doces-envenenados.html>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2017.

enunciado, toda sequência de enunciados é, pois linguisticamente descritível como uma série léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva passíveis, oferecendo lugar a interpretação (Pêcheux 1997, p. 53).

Ainda sobre a questão do terrorismo, o relator especial das Nações Unidas, Ben Emmerson apresentou na Assembleia Geral da ONU (2016), em Nova York, um relatório que problematizou a estigmatização dos refugiados. Segundo ele, os refugiados não são terroristas, são na verdade vítimas desses. Ele revela ainda que as políticas extremamente restritivas que alguns países adotam com relação a imigração podem favorecer a entrada de ilegais, entre esses os terroristas

O relatório conclui que as políticas de migração que constroem cercas, se empenham em operações de repressão, criminalizam a migração irregular e abandonam os compromissos jurídicos internacionais com os refugiados levam ao acesso restrito a território seguro e aumentam a migração fora da alçada do Estado, particularmente pelos traficantes.(NAÇÕES UNIDAS)<sup>84</sup>

O mesmo estudo mostra que *“O que está claro é que as políticas que respeitam os direitos humanos, a justiça e a prestação de contas, e que manifestam os valores sobre os quais a democracia é fundada, são um elemento essencial de políticas efetivas de contraterrorismo”*.

É justamente a maneira como algumas informações se naturalizam que criam esse imaginário que objetiva os refugiados. Recentemente, em sua coluna no jornal O Globo, o jornalista Rasheed Abou-Alsamh atentou para a intolerância de muitos brasileiros a *“qualquer coisa árabe ou muçulmana”*. (O GLOBO)<sup>85</sup>. Ele publicou a polêmica envolvendo a senadora petista Gleisi Hoffmann e a senadora Ana Amélia Lemos (PP-RS). Gleise fez um apelo pela libertação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva à principal tevê do Oriente Médio, TV AL Jazeera. Em contrapartida, Ana Amélia Lemos afirmou:

Penso até que, dada a gravidade do conteúdo dessa exortação publicada pela TV Al Jazeera, para essa convocação ao apoio dos países do mundo árabe, eu só espero que não tenha sido também um pedido para que o exército islâmico venha ao Brasil atuar aqui (O GLOBO).<sup>86</sup>

<sup>84</sup>Disponível em:< <https://nacoesunidas.org/estudo-de-especialista-da-onu-descarta-vinculo-entre-fluxo-de-refugiados-e-terrorismo/>>. Acesso em: 28 de agosto de 2019.

<sup>85</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/brasil-precisa-de-menos-xenofobia-mais-compaixao-22631246>>. Acesso em: 28 de agosto de 2019.

<sup>86</sup> Disponível em:< <https://oglobo.globo.com/opiniao/brasil-precisa-de-menos-xenofobia-mais-compaixao-22631246>>. Acesso em: 28 de agosto de 2019.

O jornalista alegou que Ana Amélia saberia da inexistência de um ‘exército islâmico’, e que teria usado o termo para que seu eleitorado em potencial o associasse com o Estado Islâmico (Califado com atuação terrorista).

A vontade de verdade de que fala Foucault (1986) sustenta os discursos, possibilita sua emergência. Ela define o que pode e o que deve ser dito e quem está legitimado a dizer. Dessa maneira as estatísticas, os dados são pouco relevantes se o poder que exercem os discursos afiançados pela sociedade desejarem contrariar os números. É possível, inclusive, que trabalhos científicos tenham sua cientificidade questionada, ou que não tenham possibilidade de serem compartilhados em virtude do poder de coação do discurso de poder hegemônico. A estigmatização do refugiado pode estar arraigada às memórias do ataque terrorista de 11 de setembro de 2001<sup>87</sup>. O episódio de 2001 ainda sustenta as generalizações feitas contra os árabes. O mundo ocidental ainda olha com desconfiança e desdém para o oriente.

Os enunciados analisados são unânimes em expor a preocupação com a causa dos refugiados. E apesar de considerar a necessidade de acolhê-los, o receio de serem terroristas é uma preocupação frequente. Seja um medo genuíno ou uma desculpa para não acolher tais grupos, mais uma vez, a presença do ‘outro’ nos ameaça, nos furta a segurança, a estabilidade. Novamente estamos diante de uma intolerância ou em alguns casos uma tolerância dissimulada, uma falsa cordialidade. Os refugiados são dignos de respeito, merecem o direito de recomeçar, mas não estão livres da desconfiança. Muitos países os enxergam como ameaça, como predadores, e nem mesmo no Brasil, país supostamente hospitaleiro, eles são vistos com unanimidade ou estão livres dessa estigmatização.

### 2.4.3. ESTRANGEIROS

Este tópico apresentará uma análise do termo “estrangeiro”. Assim como nas análises anteriores buscamos, na dispersão, índices de similaridade, efeitos que nos indicassem as derivas de

---

<sup>87</sup> O “11 de setembro de 2001” foi um capítulo trágico da história. Na ocasião um grupo de terroristas da organização fundamentalista islâmica Al-Qaeda, sequestraram quatro aviões comerciais. Dois deles se chocaram, de maneira proposital, contra as Torres Gêmeas, na cidade de Nova York, um terceiro contra o Pentágono e o quarto caiu após a tentativa dos passageiros tomarem o comando dos terroristas. Não houve sobreviventes nesses voos, e outras tantas pessoas morreram em virtude dos efeitos das colisões dos aviões contra os prédios públicos e o complexo empresarial- por volta de 3.000 pessoas. Os terroristas suicidas que arquitetaram e executaram os ataques eram árabes e sob o comando de Osama bin Laden chocaram todo o planeta.

sentido do vocábulo “estrangeiro”. Abaixo citamos seis enunciados que usamos para ilustrar esses deslizamentos, seguidos pelo contexto de sua emergência e da análise dessa série.

<b>Enunciado 1.</b> “Nove estrangeiros que vivem em SP listam suas impressões sobre a cidade” <sup>88</sup>
<b>Enunciado 2.</b> “Atraídos por favela pacificada, estrangeiros decidem morar e trabalhar no Vidigal, no RJ”. <sup>89</sup>
<b>Enunciado 3.</b> “Cartilha da Fifa para turistas estrangeiros causa polêmica” <sup>90</sup>
<b>Enunciado 4.</b> “O que mais impressionou os estrangeiros no Brasil”. <sup>91</sup>
<b>Enunciado 5.</b> “O que estrangeiros mais buscam no Google sobre o Brasil?” <sup>92</sup>

O **enunciado 1.** “*Nove estrangeiros que vivem em SP listam suas impressões sobre a cidade*” mostrou o que estrangeiros, de diferentes países, acham de “estranho ou peculiar na cidade e nos costumes brasileiros”.

Os entrevistados foram: uma jornalista russa, um economista irlandês, uma terapeuta de dança alemã, uma empresária tailandesa, um modelo francês, uma professora panamenha, um gerente de marketing chinês, uma dona de restaurante camaronesa, uma sócia de restaurante libanesa. Cada entrevistado lista uma série de hábitos brasileiros que diferem daqueles de seu país de origem.

<sup>88</sup> Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/01/1401763-nove-estrangeiros-que-vivem-em-sp-listam-suas-impressoes-sobre-a-cidade.shtml>>. Acesso em: 29 de julho de 2019.

<sup>89</sup> Disponível em: < <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/41715/atraidos-por-favela-pacificada-estrangeiros-decidem-morar-e-trabalhar-no-vidigal-no-rj>>. Acesso em: 29 de julho de 2019.

<sup>90</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/cartilha-da-fifa-para-turistas-estrangeiros-causa-polemica-11956639> >. Acesso em: 29 de julho de 2019.

<sup>91</sup> Disponível em: < <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/07/o-que-mais-impressionou-os-estrangeiros-brasil.html>>. Acesso em: 29 de julho de 2019.

<sup>92</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45687333>>. Acesso em: 28 de agosto de 2019.

Parecem estar num “safári humano”, em que os humanos (supostamente os prototípicos) observam os animais em seu habitat natural.

- “*Os brasileiros adoram tomar banho*”;

- “*Aqui as pessoas não respeitam fila. É normal ver alguém passando na frente e ninguém falar nada*”;

- “*Sempre tem suco de laranja natural nos restaurantes e nas lanchonetes. É a melhor bebida do mundo!*”;

- “*Aqui você pode ser convidado para ir à casa de alguém que não te conhece e ser bem recebido*”;

- “*Ver as babás (geralmente negras) vestidas de branco é chocante –é algo que remete à escravidão ou, ao menos, a uma regressão social*”;

- “*Fico abismada quando vejo quantidades monumentais de comida ou de carne nos almoços de domingo. Por que tanta comida? "Não pode nunca faltar. Pode sobrar, mas faltar jamais!"*

Os estrangeiros necessariamente não depreciam nosso país, eles apenas identificam pontos que acham curiosos em nossa cultura. No entanto, a escolha dos profissionais que comentam a respeito de nossas práticas culturais não parece aleatória. Se notarmos, veremos que se tratam de pessoas bem-sucedidas em seus países, e que desenvolvem profissões de algum prestígio social. Essa escolha poderia estar reforçando o imaginário de que estrangeiros são sempre pessoas de alta escolaridade, de grande intelecto, e principalmente bem-sucedidas financeiramente. Enquanto os estrangeiros contam como é viver em São Paulo, a reportagem traz o relato de um brasileiro, um paulistano tatuador, que conta como é morar em Lisboa, Portugal.

Em Portugal, as pessoas são desconfiadas, não interagem. A gente sempre será estrangeiro. Primeira vez em que fui a um banheiro de um bar apertado, escutei do garçom: "Só tomares atenção porque o autoclismo da sanita está avariado, epa!". Entrei no banheiro e procurei algo avariado. Aparentemente, nada quebrado! Puxei a descarga e a água não parava mais de sair. O atendente do bar não poupou "elogios"

Ele relata sua experiência como o estrangeiro em Portugal, fala da desconfiança e do pouco tato que os portugueses teriam com os imigrantes. O próximo enunciado também destaca o uso termo estrangeiro.

**O enunciado 2.** “*Atraídos por favela pacificada, estrangeiros decidem morar e trabalhar no Vidigal, no RJ*”, revela que após pacificação do morro do Vidigal, a favela carioca virou um ótimo negócio para os estrangeiros. Muitos deles relatam terem se mudado para o local cativados pela bela

vista que o morro oferece. O custo mais baixo dos aluguéis, a localização privilegiada além do interesse em conhecer o dia a dia de uma favela, também teriam sido fatores determinantes na escolha dos estrangeiros. Os moradores antigos afirmaram que apesar de verem vantagens em receber os estrangeiros, preocupam-se com o custo de vida na região, que segundo eles subiu muito desde a vinda dos novos moradores

Queremos manter a nossa identidade. Existe uma boa interação com os estrangeiros. Eles vieram para somar e são bem-vindos. Muitos deles desenvolvem trabalhos sociais na comunidade. No entanto, as coisas começaram a encarecer: o mercado, o aluguel, os serviços. E o que nos preocupa é que muitas pessoas saíram do Vidigal porque não conseguiram pagar por isso

**Enunciado 3.** “Cartilha da Fifa para turistas estrangeiros causa polêmica”

A Federação Internacional de Futebol criou uma cartilha para explicar aos estrangeiros o que esperar e o que não esperar dos brasileiros. Entre as dez “lições” se destacam a falta de pontualidade, o comportamento “liberal” do nosso povo, principalmente numa balada, onde o beijo, segundo eles, “é uma forma de comunicação não-verbal e não um convite para algo mais”. O guia ainda cita nosso “jeitinho brasileiro” de furar fila, e nossa falta de educação no trânsito, em que “a lei do veículo maior prevalece”.

**Enunciado 4.** “O que mais impressionou os estrangeiros no Brasil”

O texto conta as impressões que estrangeiros de diversas nacionalidades, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Suíça tiveram do Brasil. Entre as observações dos estrangeiros, que nos visitaram durante a Copa do Mundo, destacam-se desde a popularidade dos “gringos” com as mulheres até elogios a nossa Constituição, que segundo um dos entrevistados é mais flexível, tem emendas, enquanto a americana “é muito antiga e foi modificada poucas vezes”.

**Enunciado 5.** “O que estrangeiros mais buscam no Google sobre o Brasil?”

Como o próprio enunciado indica a reportagem enumera 10 perguntas que os estrangeiros fazem a respeito dos brasileiros no Google. Tais como: qual é a nossa língua, qual é o nosso clima, entre outros.

Nos enunciados acima observamos certas recorrências. Os hábitos dos brasileiros, nossa cultura de maneira geral, aparentam servir de entretenimento para os estrangeiros. Usando de

metáfora: apresentamos nosso “menu” para que o público o conheça, mas o que evidenciamos não é, necessariamente nossos melhores pratos. Não destacamos nossos melhores temperos, não ofertamos nossa cortesia, mas sim aquelas que consideramos nossas mazelas, nossas características mais constrangedoras, como por exemplo o “jeitinho brasileiro” (**enunciado 3**). A “*Cartilha da Fifa* ilustra bem o que alguns autores chamaram de complexo de “vira-lata”, expressão cunhada por Nelson Rodrigues para se referir aos jogadores da Seleção Brasileira de futebol de 1958, que segundo ele, depois de perder a Copa do Mundo de 1950, continuou a perder no futebol, como se tivesse medo de se impor perante os adversários.

Por complexo de vira-lata entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. O brasileiro é um narciso às avessas, que cospe na própria imagem. Eis a verdade: não encontramos pretextos pessoais ou históricos para a autoestima. (Byington, 2013, p. 71)

O conceito migrou do campo futebolístico para se referir não somente ao comportamento dos brasileiros no futebol, mas em outras questões, sobretudo na relação de subserviência que o brasileiro teria diante de alguns grupos de estrangeiros. Apesar de muito difundido entre os intelectuais, interpretes do Brasil, Jessé Souza (2018), critica a máxima de vira-lata do brasileiro. A ideia de que haveria sociedades majoritariamente guiadas pela emoção (disfórica) e outras pela razão (eufórica), corpo (disfórico) *versus* mente (eufórico), nações em que o Estado seria isento de corrupção, e berço da verdadeira ciência onde os países da Europa e Estados Unidos seriam decididamente detentores do conhecimento, enquanto o Brasil, por exemplo seria o país do “afetuoso”, do ‘homem cordial, é rechaçada pelo sociólogo (SOUZA, 2018).

Os textos revelam que esse estrangeiro é visto como alguém que pode exercer julgamento sobre nós. O colonizador e o colonizado, o dominador e o dominado, embates que resumem nossa história. Nosso comportamento é colocado como uma variação esdrúxula do padrão (padrão que supostamente seria o do estrangeiro). A luta silenciosa daquele que se curva, por reconhecer no ‘outro’ o direito legítimo de governar, um poder silencioso que atravessa os tempos e continua domesticando nossas práticas. A mídia ao criar pautas para seus leitores a respeito do termo *estrangeiro*, rememora e reproduz discursos que ao longo da história se atualizam, mas que demonstram uma subserviência histórica. Ao se posicionar e aderir à máxima de superioridade do estrangeiro, seja por criar ou reproduzir matérias que enalteçam os estrangeiros, as mídias destacadas denunciam a formação discursiva a qual se filiam. Preferem engrossar o coro de uma ideologia dominante, caracterizada por uma quase idolatria a países ditos de primeiro mundo, que ajudar a desconstruir as marcas de um passado de exploração promovido pelos mesmos países aos quais dedicam uma quase adoração.

A prática de se colocar como objeto de observação para o estrangeiro demonstra uma inquestionável subserviência. Outra questão bem importante, e em certa medida até paradoxal, embora não inédita, é o fato de que embora servis, sejamos também interessados/interesseiros, o que significa dizer que nossa servidão não é gratuita. As relações são atravessadas por uma espécie de toma lá dá cá que se sustenta por uma postura servil, mas não desinteressada. Assim como mostra o **enunciado 2**. *Atraídos por favela pacificada, estrangeiros decidem morar e trabalhar no Vidigal, no RJ*” a troca de interesses/ favores, media as relações entre nacional e estrangeiro. Relações historicamente marcadas por desigualdades e exploração. Notamos no **enunciado 2**, uma tolerância parcial. Os moradores toleram os estrangeiros justamente porque esses trazem benefícios para o Vidigal.

O estrangeiro, no entanto, não se refere a todo aquele de outra nacionalidade. Nos textos eles são colocados como pessoas bem sucedidas e exercem um fascínio nos brasileiros. Muitos dos estrangeiros que aparecem na reportagem vivem no Brasil. Eles vêm da Rússia, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, França, Alemanha, China, Irlanda e Suíça. Países de maioria branca. Os brancos, historicamente, se sobrepuseram aos negros. Muitos homens, cujo simples desejo, exerceu poder de vida e morte para aqueles sob seu domínio. Essas relações não são facilmente apagadas, elas fazem parte de uma memória coletiva, da memória brasileira. É a ação da memória discursiva. O deslumbre pelo estrangeiro, a idealização de uma raça, de um credo, de um modelo de civilização a ser copiado resgata o processo de colonização. O acontecimento se curva à memória. Estrangeiro funciona como um hiperônimo, um termo que abarca em sua definição muitos outros. Palavras normalmente associadas a homens brancos e bem-sucedidos de outras nações: gringos, turistas. Na maioria das vezes a condição jurídica, as peculiaridades da definição não são consideradas. O estrangeiro é acolhido, mas não qualquer estrangeiro, apenas aqueles com o “perfil de colonizadores”. Parece haver um consenso que afirma e reafirma o exemplo de saber viver dessas pessoas, portanto elas não nos furtam nada, nenhum direito, só agregam com sua superioridade de colonizador. Segundo os relatos, somos hospitaleiros com essas pessoas. Como mostra o trecho da carta de Ribeiro Couto a Alfonso Reyes, escrita em outrora, mas que ainda reflete a postura da maioria dos brasileiros

“Como é bom, nos pueblos e aldeias da nossa América, no seu México como no meu Brasil, mandar entrar o caixeiro-viajante francês que vende peças de linho, ou o engenheiro alemão que está estudando a geologia local, e convidá-lo para almoçar! A gente grita logo lá para dentro: - Ó fulana, manda matar uma galinha!”...

#### 2.4.4. MIGRANTES/IMIGRANTES

<b>Enunciado 1.</b> “Imigrantes dizem sofrer ameaças e extorsão para poder chegar ao Brasil <sup>93</sup>
<b>Enunciado 2.</b> “Um em cada três imigrantes está em situação irregular na cidade de São Paulo <sup>94</sup>
<b>Enunciado 3.</b> “Tem gente muito capacitada’, diz empresária sobre imigrantes em SP <sup>95</sup>
<b>Enunciado 4.</b> “Refugiado ou Migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto” 96

**Enunciado 1.** “Imigrantes dizem sofrer ameaças e extorsão para poder chegar ao Brasil”.

Fragilizados, extorquidos, doentes. É assim que a maioria dos haitianos diz chegar ao Brasil. Guiados por coiotes, a chegada ao Brasil não encerra o sofrimento dos imigrantes. A reportagem fala de todo o processo dos haitianos para se instalar no Brasil, desde a saída do Haiti até a restrita escolha das cidades de destino no Brasil. Eles contam que apesar da crise política e financeira que o Brasil enfrenta, muitos arriscam tudo nessa viagem.

Na ocasião, o então Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo falou do combate aos coiotes. Os imigrantes que chegam ao Brasil pelo Acre estavam temporariamente impedidos de seguir para São Paulo. O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, se queixou de não ter sido informado com antecedência a

<sup>93</sup> Disponível em: < <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2015/05/imigrantes-dizem-sofrer-ameacas-e-extorsao-para-poder-chegar-ao-brasil.html>>. Acesso em: 28 de agosto de 2019.

<sup>94</sup> Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/01/23/um-em-cada-tres-imigrantes-esta-em-situacao-irregular-na-cidade-de-sao-paulo.htm>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2017.

<sup>95</sup> Disponível em: < <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/tem-gente-muito-capacitada-diz-empresaria-sobre-imigrantes-em-sp.html>>. Acesso em: 28 de agosto de 2019.

<sup>96</sup> Disponível em: < <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto>>. Acesso em: 28 de agosto de 2019.

respeito da vinda dos haitianos e da impossibilidade de receber tantas pessoas sem aviso prévio. Embora o convênio do Acre com São Paulo estivesse temporariamente suspenso se manteve com os demais estados. Tanto o estado do Acre quanto o de São Paulo manifestam sua dificuldade em lidar com a presença desses imigrantes.

**Enunciado 2.** “Um em cada três imigrantes está em situação irregular na cidade de São Paulo”

A relativa facilidade de entrar no Brasil contrasta com a dificuldade para conseguir o visto permanente e assim poder manter-se no país e usufruir dos direitos de cidadão, direito de voto, que mesmo aqueles com visto permanente não têm. A matéria conta a história de um nigeriano que preferiu não ter o nome revelado. Ele chegou a São Paulo, após viajar 7.000 km. O jogador de futebol que veio sozinho de Imo, cidade ao sul do país africano, revela as dificuldades de viver no Brasil como irregular: *"É muito difícil viver aqui, sem a família, sem amigos, sem emprego, sem casa [...]"*. *"Eu quero ficar. Não tenho para onde ir e não posso voltar"*.

De acordo com o site, na ocasião, a capital paulista possuía 368.188 estrangeiros registrados, número que seria 50% maior que o oficial. A clandestinidade se deveria a diversos fatores, entre eles a legislação em vigor no período, a oferta de outros tipos de visto, como de trabalho e de estudante, ambos com limite máximo de um ano e com possibilidade de renovação somente no país de origem do imigrante.

A mídia, UOL, não só menciona as dificuldades dos imigrantes de uma forma, mas também notícia a dificuldade de um imigrante em especial, o que promove um efeito de sentido de legitimidade.

**Enunciado 3.** “Tem gente muito capacitada', diz empresária sobre imigrantes em SP”

A reportagem de 23/05/2015 contou como uma empresária do ramo alimentício teve dificuldades para contratar alguns imigrantes para seu restaurante. O problema não foi a falta de qualificação dos candidatos. Além do desejo inicial da contratante de escolher entre os haitianos, ela foi positivamente surpreendida com a qualidade dos entrevistados. Ela revela que precisou deixar de lado a vontade de ajudar haitianos e contratou um camaronês e um nigeriano, já que tinham experiência de trabalho em cozinha. Uma professora e um perito hidráulico foram descartados por não terem afinidade com o trabalho ofertado pela empresária. A matéria ainda menciona outros 30 imigrantes que foram contratados por empresas locais. Alguns contratantes revelam a preferência por profissionais sem experiência em algumas funções justificando que desta maneira é mais fácil moldá-los de acordo com as necessidades de cada negócio.

**Enunciado 4.** “Refugiado ou Migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto”.

A própria ONU viu necessidade de diferenciar os termos “Refugiado” e “migrante”. Uma das preocupações do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) é salientar que os migrantes “continuam recebendo a proteção do seu governo”.

A argumentação discursiva em torno dos imigrantes, nesses enunciados, remonta a própria natureza da imigração brasileira. A ideia de que os imigrantes são pobres, incapazes, mão de obra excedente em seus países de origem, encontra ecos na história das relações de classes no Brasil. O Brasil foi construído, sobretudo, por braços e mãos estrangeiros. Desde a colonização, caracterizada pela exploração dos colonizados (indígenas), a escravidão dos negros africanos, a imigração dos colonos portugueses a partir de 1530, a chegada dos imigrantes europeus em meados do século XIX, como os italianos, suíços, alemães, seguidos pelos japoneses, que começaram a chegar ao Brasil a partir de 1908, nosso país viu no imigrante a saída para preencher a lacuna da mão de obra deixada pelo escravo.

Os enunciados que abordam o termo migrante/imigrante produzem um efeito de sentido de fragilidade, de vulnerabilidade dessas pessoas. São mencionados como aqueles que estão no limiar da sobrevivência.

Foucault, em seu livro “A Ordem do Discurso” já nos alertava para a problemática da soberania do significante. (FOUCAULT, 1996). As designações empregadas neste breve recenseamento, não tem uma definição transparente. O *migrante/imigrante*, por exemplo, é uma designação generalizante, que abarca em seu sentido não só aquele que não é nacional, como também desliza para o “ser humano vulnerável”, “subestimado”, “vitimizado”. Sua inferioridade, nos enunciados analisados, é tão consensual que o fato de alguns fugirem a essa regra causa surpresa e ganha notoriedade, como no **enunciado 3**. “Tem gente muito capacitada”, diz empresária sobre imigrantes em SP”. O título da manchete poderia ser algo como: “*empresária contrata imigrantes recém-chegados*”, no entanto a fala da empresária “*Tem gente muito capacitada*” é eleita como título. O silenciamento de alguns enunciados e as condições de emergência de outros não são aleatórias, elas respondem a ideologia dominante. Ao afirmar “tem muita gente capacitada”, a empresária deixa pressuposto em sua fala: “*imigrantes não tem capacitação*”, ou “*é difícil encontrar imigrantes capacitados*”. A empresária é fiadora dos imigrantes, pois é preciso que alguém ateste a capacitação

dessas pessoas. Em geral o que se destaca é a fraqueza, as dificuldades desse grupo de pessoas. Falar em capacitação, em qualificação é inusitado. O imigrante é mostrado como alguém “menor”, pessoas que mesmo tendo uma história de vida em seus países de origem, muitas delas de sucesso, ao chegarem ao Brasil são mencionadas apenas por seus flagelos.

O termo migrante é comumente associado às pessoas que migram para alcançar condições de vida melhores que as que desfrutavam em seus países de origem. Sequer consideramos que possam existir outras motivações para esse deslocamento, como a mudança em busca de proximidade com a família, em virtude de um namoro ou matrimônio. O **enunciado 4**. Destaca a necessidade de compreender a diferença entre os termos refugiado e migrante, justamente pela maior fragilidade da condição do refugiado. Entretanto, o fato é que o termo migrante/ imigrante parece ser menos estigmatizado que o termo refugiado, ao menos quando esse refugiado é oriundo de países de maioria mulçumana, como os sírios. Embora ambos os termos designem pessoas em condições relativamente semelhantes (estrangeiros) o imigrante não é mencionado, ou associado diretamente com o terrorista, assim como é o caso do refugiado. Essa, possivelmente, é uma das razões para uma maior tolerância com o termo migrante /imigrante. Historicamente, o imigrante foi a força de trabalho que alavancou nosso país, essa memória pode ser a responsável por colocar o termo em uma escala de maior prestígio que a de refugiado.

A tabela abaixo sintetiza os termos analisados e os deslizamentos de sentido que pudemos observar nesta breve análise.

TERMOS	DESLIZAMENTO DE SENTIDO
GENTÍLICOS	Escravos (pessoas exploradas)
REFUGIADOS	Terrorista- visto com desconfiança (ameaça a segurança)
ESTRANGEIROS	Colonizador- Padrão Idealizado
MIGRANTE /IMIGRANTE	Ser humano vulnerável /Subestimado/Vitimizado

Para muitos, sair de um país não é apenas abandonar um território, um clima, ou mesmo a presença de membros da família. Muitos deixam para trás as raízes, a cultura, os hábitos, a relação com um lugar familiar e se enveredam por caminhos que nem sempre acolhem as peculiaridades de uma cultura diferente. Embora se faça um esforço para manter a identidade, ela poderá ser confrontada com novas e desafiadoras realidades. Seja qual for a designação usada para definir as pessoas em deslocamento, elas são produto de um imaginário coletivo, e não necessariamente de uma materialidade, uma possível realidade.

### 3. ACOLHIMENTO E REPULSA: A ENUNCIÇÃO DOS CHEFES DE ESTADO NA ONU.

Neste capítulo analisaremos as enunciações dos três últimos presidentes do Brasil. Investigaremos as falas dessas figuras políticas em seus discursos de abertura nas sessões da Assembleia das Nações Unidas na ONU e estabeleceremos as relações desses dizeres com outras declarações referentes ao tema das migrações.

#### 3.1. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

A ONU (Organização das Nações Unidas) define-se como “uma organização internacional formada por países que se reuniram voluntariamente para trabalhar pela paz e o desenvolvimento mundiais”(NAÇÕES UNIDAS, BRASIL)<sup>97</sup>. Fundada em 1945, e composta por 193 países, a organização tem como principais objetivos atuar na preservação dos direitos humanos através de ações que promovam a paz entre os povos, o desenvolvimento sustentável do planeta e a igualdade de direitos entre todos as pessoas, independente de quaisquer condições.

O privilégio de ser o primeiro país a discursar nas sessões da Assembleia das Nações Unidas tem sido do Brasil, desde 1955 (O GLOBO)<sup>98</sup>. No entanto, não há consenso com relação à motivação dessa tradição. Muitos atribuem o fato à neutralidade do Brasil. Na ocasião da guerra fria, a escolha evitaria tensões entre Estados Unidos e União Soviética. Outros alegam que isso aconteça em razão da ausência do Brasil no Comitê de Segurança da ONU, e que o discurso primeiro do Brasil nas sessões da

Organização das Nações Unidas seja uma compensação pela exclusão. Há outra possibilidade. Oswaldo Aranha, um dos fundadores da ONU, teria atuado de forma relevante na criação do Estado de Israel, ainda nos primeiros anos da organização, e como recompensa por sua atuação o Brasil teria vindo a ganhar esse direito, ainda que informal.

Em razão dessa tradição os presidentes, Dilma Rousseff (2015), Michel Temer (2016, 2017, 2018), e Jair Bolsonaro (2019) discursaram na Assembleia das Nações

---

<sup>97</sup> Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca/como-funciona/>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

<sup>98</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/entenda-por-que-brasil-discursa-primeiro-na-assembly-geral-da-onu-21841630>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

Unidas e, cada um, em alguma medida, abordou o tema dos fluxos migratórios, em especial a crise dos refugiados.

Procederemos neste capítulo com a exposição do recorte das falas de cada um dos três chefes de Estado seguidos pela análise dessas declarações.

### 3.2. DILMA ROUSSEFF: “BRASIL DE BRAÇOS ABERTOS “

Entre outros temas, tais como o desenvolvimento sustentável, os sucessos e insucessos da ONU, a defesa da liberdade de imprensa e a inclusão social, Dilma abordou a questão do deslocamento forçado de pessoas. Segue abaixo o excerto transcrito pelo site Opera Mundi<sup>99</sup>, em que a presidente discursa a respeito do fracasso da ONU no que se refere à segurança mundial, fato que segundo ela, justificaria a crise dos refugiados:

Senhor Mogens Lykkesøft, Presidente da Septuagésima Assembleia Geral das Nações Unidas,

Senhor Ban Ki-moon, Secretário-Geral das Nações Unidas,

Senhores e Senhoras Chefes de Estado, de Governo e de Delegações,

Senhoras e Senhores,

É um privilégio poder dirigir-me à Assembleia-Geral neste ano em que as Nações Unidas celebram seu septuagésimo aniversário.

Minhas primeiras palavras, senhor presidente, são de congratulações por sua escolha para presidir esta Assembleia Geral.

Reitero, em especial, o apoio do Brasil à sua disposição de adotar medidas que fortalecem a agenda de desenvolvimento da organização.

Setenta anos são passados da Conferência de São Francisco. Buscou-se, naquela ocasião, construir um mundo fundado no Direito Internacional e na busca de soluções pacíficas para os conflitos. Desde então, tivemos avanços e recuos. O processo de descolonização apresentou notável evolução, como se pode constatar contemplando a composição desta Assembleia.

A ONU ampliou suas iniciativas incorporando a Agenda 2030 e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, ou seja, as questões relativas ao meio ambiente, ao fim da pobreza, ao desenvolvimento social e econômico e ao acesso a serviços de qualidade.

Temas como os desafios urbanos, a questão de gênero, das mulheres e das meninas, as questões de raça, ganharam prioridade.

Não conseguiu o mesmo êxito ao tratar da segurança coletiva, questão que esteve na origem da Organização e no centro de suas preocupações. A multiplicação de conflitos regionais – alguns com alto potencial destrutivo –, assim como a expansão do terrorismo que mata homens, mulheres e crianças, que destrói patrimônio da humanidade, que expulsa de suas comunidades seculares milhões de pessoas, mostram que a ONU está diante de um grande desafio. Não se pode ter complacência com tais atos de barbárie, como aqueles perpetrados pelo chamado Estado Islâmico e por outros grupos associados.

<sup>99</sup> Disponível em: < <https://operamundi.uol.com.br/opiniao/41797/leia-integra-do-discurso-da-presidente-dilma-rousseff-na-70a-assembleia-geral-da-onu>>, Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

Esse quadro explica, em boa medida, a crise dos refugiados pela qual passa atualmente a humanidade. Grande parte dos homens, mulheres e crianças que se aventuram nas águas do Mediterrâneo e erram penosamente nas estradas da Europa provêm do Oriente Médio e Norte da África, onde países tiveram seus Estados nacionais desestruturados por ações militares ao arripio do Direito Internacional, abrindo espaço para a proliferação do terrorismo.

A profunda indignação provocada pela foto de um menino sírio morto nas praias da Turquia e pela notícia sobre as 71 pessoas asfixiadas em um caminhão na Áustria deve se transformar em ações inequívocas de solidariedade prática. Em um mundo onde circulam, livremente, mercadorias, capitais, informações e ideias, é absurdo impedir o livre trânsito de pessoas.

O Brasil é um país de acolhimento, um país formado por refugiados.

Recebemos sírios, haitianos, homens e mulheres de todo o mundo, assim como abrigamos, há mais de um século, milhões de europeus, árabes e asiáticos.

Estamos abertos, de braços abertos para receber refugiados. Somos um país multiétnico, que convive com as diferenças e sabe a importância delas para nos tornar mais fortes, mais ricos, mais diversos, tanto cultural, quanto social e economicamente (DILMA ROUSSEFF, 2015).

O tom de Dilma Rousseff, em seu discurso oficial na 70ª sessão da Assembleia das Nações Unidas, sobre a crise dos refugiados é enfático. Em seu segundo mandato, cuja posse se deu em janeiro de 2015, a presidenta se mostrou bastante sensível à crise dos refugiados. O discurso oficial contou com declarações cujo efeito de sentido produzido é de completo acolhimento e de um desejo genuíno em acolher refugiados.

A então presidente do Brasil, no ano de 2015, citou a morte de Aylan Kurdy, refugiado, sírio. O menino que fugia da eminência de morte, no contexto de guerra na Síria, foi uma das vítimas da perigosa travessia que prometia segurança e vida nova em terras gregas. Morreu afogado antes mesmo de chegar a seu destino. Sua vida e sua fragilidade foram expostas em inúmeros jornais como símbolo da tragédia que se desenrolava no mundo. Dilma citou também a tragédia que vitimou outros 71 imigrantes, encontrados mortos na carroceria de um caminhão frigorífico, vítimas de asfixia, quando tentavam chegar à Alemanha. O acidente que também chocou o mundo vitimou 59 homens, oito mulheres e quatro crianças, vindos do Iraque, Síria e Afeganistão (BBC, 2015)<sup>100</sup>.

Encontramos no discurso de Dilma Rousseff, duas possíveis interpretações. A primeira das análises sugere uma hospitalidade condicional por parte da ex presidente, enquanto a segunda leitura demonstra uma hospitalidade genuína, incondicional, evidenciada não apenas por seus pronunciamentos, mas também por toda uma série de políticas públicas criadas por Dilma no decorrer de seu governo. Notamos essas duas

---

<sup>100</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40349817>>. Acesso em 14 de dezembro de 2019.

leituras porque ao analisarmos os enunciados observamos a constância da conjunção “que”, esta que analisamos em seu caráter restritivo e explicativo sucessivamente, e que produz diferentes efeitos de sentido nos mesmos enunciados. Segue a primeira análise.

Antes mesmo de seu discurso em 28 de setembro de 2015, no dia 26, já na cidade sede da assembleia da ONU, Nova York, Dilma deu a seguinte declaração:

**Enunciado 1.** "Somos um país continental e todos os refugiados **que** quiserem vir trabalhar, viver em paz, ajudar a construir o país, criar seus filhos, viver com dignidade, nós estamos de braços abertos" (G1, 2015)<sup>101</sup>.

Nota-se que a declaração de Dilma é construída por uma frase condicional, ou seja, afirma-se “a” (*Somos um país continental e...*) na sequência é inserida a conjunção com valor restritivo e condicional “que” (*todos os refugiados **que***) e a próxima afirmação que expressa as condições para que “a” se concretize (*quiserem vir trabalhar, viver em paz, ajudar a construir o país, criar seus filhos, viver com dignidade...*). A declaração de Dilma pode ser parafraseada das seguintes maneiras:

*"Somos um país continental e todos os refugiados que quiserem vir trabalhar, viver em paz, ajudar a construir o país, criar seus filhos, viver com dignidade, nós estamos de braços abertos"(Dilma Rousseff)*

Paráfrases:

- O Brasil é um país continental e estamos de braços abertos aos refugiados **desde que** venham para trabalhar, viver em paz, ajudar a construir o país, criar seus filhos e viver com dignidade.
- **Aos** refugiados **que** quiserem vir para trabalhar, viver em paz, ajudar a construir o país, criar seus filhos e viver com dignidade estaremos de braços abertos. O Brasil é um país continental

<sup>101</sup> Disponível em : <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/todo-refugiado-que-queira-trabalhar-e-bem-vindo-no-brasil-diz-dilma.html>>. Acesso em 14 de dezembro de 2019.

Os trechos “ *trabalhar, viver em paz, ajudar a construir o país, criar seus filhos, viver com dignidade*” são as condições impostas para uma boa acolhida, o que pressupõe uma conduta diferente, contrária a “braços abertos” no caso dos refugiados não atenderem tais condições. O que também pressupõe que alguns refugiados não têm as pretensões de trabalhar, viver em paz, ajudar a construir o país, criar seus filhos e viver com dignidade, mas outras, como por exemplo:

- Não trabalhar - (viver de mendicância ou de auxílios governamentais ou de órgãos não governamentais);
- Não viver em paz - (viver de forma violenta, criando problemas);
- Não ajudar na construção do país - (como consequência de não trabalharem, não ajudarem na construção de um país melhor);
- Não criar seus filhos - (deixar seus filhos entregues à própria sorte ou as custas de órgãos de proteção à criança);
- Não viver com dignidade - (viver de maneira indigna, contrariando as conveniências, de forma inapropriada)

De acordo com as declarações de Dilma, dois dias antes de seu discurso oficial de abertura da 70ª sessão da Assembleia das Nações Unidas, é possível ler em sua fala que os refugiados possam ser então: **violentos, incapazes de ajudar o país que os acolhe, país com pouco zelo pelos filhos e pessoas que vivem fora de padrões da dignidade humana**. O refugiado pode ser então uma possível ameaça para o nacional.

Ainda, de acordo com o mesmo jornal, Dilma também teria dito na mesma ocasião:

**Enunciado 2.** "Temos nossas dificuldades, mas isso não significa que no nosso país não caibam sempre mais pessoas." (G1,2015)<sup>102</sup>

---

<sup>102</sup> Disponível em : <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/todo-refugiado-que-queira-trabalhar-e-bem-vindo-no-brasil-diz-dilma.html>>. Acesso em 14 de dezembro de 2019.

Observamos a construção de uma oração adversativa: afirma-se “x”, acrescenta-se a conjunção, “mas” e em seguida afirma-se “y”, que nega a primeira proposição “x”. Ao dizer “*Temos nossas dificuldades, mas isso não significa que no nosso país não caibam sempre mais pessoas.*” e não somente “*no nosso país sempre cabem mais pessoas*” o efeito de sentido produzido é de ressalva, algo é afirmado com “o pé atrás”, e pode ser parafraseado por:

*“Temos nossas dificuldades, mas isso não significa que no nosso país não caibam sempre mais pessoas.”(Dilma Rousseff)*

Paráfrases:

- Sempre cabem mais pessoas em nosso país, mas temos nossas dificuldades;
- Em nosso país temos nossas dificuldades mas receberemos aqueles que queiram vir;
- Venham, mais saibam que temos nossas dificuldades.

Dois dias depois de ter dado tais declarações, Dilma abriu a 70ª sessão da ONU. Por se tratar de uma reunião com Chefes de Estados de todo o mundo, os discursos, nessas ocasiões, são sempre elaborados com antecedência, e num registro formal. O discurso de Dilma não fugiu à regra. Ao abordar o tema das migrações Dilma deu importantes declarações:

**Enunciado 3.** “Em um mundo onde circulam, livremente, mercadorias, capitais, informações e ideias, é absurdo impedir o livre trânsito de pessoas”(OPERA MUNDI, 2015)<sup>103</sup>

**Enunciado 4.** "O Brasil é um país de acolhimento, um país formado por refugiados. Recebemos sírios, haitianos, homens e mulheres de todo mundo. Assim como abrigamos há

<sup>103</sup> Disponível em: < <https://operamundi.uol.com.br/opiniaio/41797/leia-integra-do-discurso-da-presidente-dilma-rousseff-na-70a-assembleia-geral-da-onu>>, Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

mais de um século europeus, árabes e asiáticos, estamos abertos e de braços abertos para receber refugiados. Somos um país multiétnico que convive com as diferenças e sabe a importância delas para nos tornar mais fortes, mais ricos, mais diversos, tanto cultural, quanto social e economicamente "(OPERA MUNDI, 2015)<sup>104</sup>

Em seu discurso de abertura, as declarações não foram condicionais, não há ressalvas, mas sim assertivas. “*Estamos abertos, de braços abertos para receber refugiados*”. Dilma ainda elenca os povos que nosso país já recebeu para ilustrar e reforçar a política de abertura adotada pelo Brasil. Entre os povos ela distingue *sírios e haitianos*, que seriam as nacionalidades das pessoas que recebemos com mais frequência na atualidade, de milhões de europeus, árabes e asiáticos, que, segundo a presidenta, acolhemos “há mais de um século”. Dilma reforça os “braços abertos” do Brasil para os refugiados, atestando que essa atitude de receber estrangeiros, de ser um país multiétnico nos tornou e nos torna *mais fortes, mais ricos, mais diversos, tanto cultural, quanto social e economicamente*.

É interessante observar o uso da expressão “aqueles que abrigamos a mais de um século”, no caso dos europeus, árabes e asiáticos. Ao enunciar dessa maneira; “há mais de um século”; Dilma silencia a memória dos povos aqui escravizados, e dos colonizadores. Embora a expressão “há mais de um século” possa abrigar tempos muito anteriores, como por exemplo o período em que os escravos chegaram ao Brasil, não remete, de imediato, aos tempos da escravidão. Nosso país então é classificado como um bom anfitrião, aquele que acolhe com amor, graças ao apagamento promovido pela expressão utilizada pela presidente.

Vale lembrar do problema causado pela campanha contra a xenofobia (abordada no capítulo 1, na sessão 1.3 deste trabalho) lançada pelo governo de Dilma, também no ano de 2015, pouco tempo depois do discurso da presidenta na ONU. O slogan “*Brasil, a imigração está no nosso sangue*” e a frase “*Há cinco séculos, ‘imigrantes’ de todas as partes do mundo ajudam a construir nosso país*”, foi alvo de muitas críticas por rememorar a escravidão sob luz da migração voluntária.

O discurso de Dilma na ONU repercutiu positivamente. Ao menos foi essa a opinião de Andrés Ramirez, representante do Acnur (Agência da ONU para refugiados) no Brasil. Ele deu as seguintes declarações: “*Dilma dá exemplo à Europa ao abrir portas*

---

<sup>104</sup> Disponível em: < <https://operamundi.uol.com.br/opiniao/41797/leia-integra-do-discurso-da-presidente-dilma-rousseff-na-70a-assembleia-geral-da-onu>>, Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

*a refugiados', diz Acnur “, e "Ela dá um recado a países europeus e, ao mesmo tempo, lidera pelo exemplo ao dizer que o Brasil vai manter suas portas abertas" (BBC, 2015)<sup>105</sup>.*

Durante seu mandato, a ex-presidente Dilma Rousseff foi muito elogiada por sua política de acolhimento aos a refugiados. Ela não só empreendeu um discurso de “braços abertos”, quanto criou efetivas medidas para facilitar a vinda e a permanência de refugiados no Brasil. Uma dessas medidas foi à concessão de vistos destinados a cidadãos haitianos e sírios, além de disponibilizar um crédito de R\$ 15 milhões ao Ministério da Justiça para o fortalecimento da política de assistência a refugiados e imigrantes (JUSTIÇA GOV, 2015)<sup>106</sup>.

É notável ainda, um artigo escrito pela então presidente, Dilma Rousseff, em 10 de setembro de 2015, antes mesmo de sua presença na ONU. O artigo “ Os refugiados e a esperança”, publicado pelo jornal Folha de S. Paulo, mostra a preocupação de Dilma com a situação de milhares de pessoas vitimadas pelos conflitos bélicos e catástrofes naturais

Mesmo neste momento de superação de dificuldades, o Brasil tem os braços abertos para acolher refugiados que queiram viver e trabalhar aqui

A crise dos refugiados do Oriente Médio e do norte da África, que assumiu contornos dramáticos nos últimos dias, arrasta-se há mais de quatro anos, especialmente a partir do início da guerra civil na Síria e da intervenção militar na Líbia.

A terrível foto de um menino de três anos de idade, Aylan Kurdi, morto em uma praia turca, ou a macabra descoberta de 71 homens, mulheres e crianças asfixiados em um caminhão numa estrada da Áustria são exemplos de uma tragédia de terríveis proporções e impõem desafios para toda a humanidade. O conflito sírio já provocou a morte de mais de 240 mil pessoas, 4 milhões de refugiados –a maior parte em países vizinhos– e 8 milhões de deslocados internamente. É revoltante assistir à destruição humana e material da Síria e dos países contíguos, incluindo obras do patrimônio da humanidade.

O Iraque e a Síria se transformaram em base para grupos criminosos, como o autodenominado Estado Islâmico, que semeiam o terror entre populações golpeadas por guerras que destruíram seus Estados nacionais. Esses grupos realizam assassinatos em massa, recrutam menores para ações armadas e impõem brutalmente às populações locais suas convicções sectárias.

A dimensão geopolítica dos conflitos não pode esconder uma tragédia humanitária de gigantesca proporção, diante da qual a comunidade internacional, em especial as Nações Unidas, não pode mais ficar inerte. O tema deverá ocupar importante espaço na Assembleia Geral da ONU, que começa na terça-feira (15), em Nova York. Antes disso, no entanto, são necessárias ações urgentes de solidariedade.

<sup>105</sup> Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150928\\_repercussao\\_dilma\\_refugiados](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150928_repercussao_dilma_refugiados)>. Acesso em 14 de dezembro de 2019).

<sup>106</sup> Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/news/mj-lanca-campanha-de-enfrentamento-a-xenofobia-e-a-intolerancia>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

É reconfortante ver amplos setores das populações de muitos países europeus –em direção oposta a grupos xenófobos– acolherem os refugiados e pressionarem seus governos a promover ações solidárias.

Desde o início da guerra civil na Síria e da multiplicação de conflitos no Oriente Médio e no Norte da África, o governo brasileiro tem oferecido vistos humanitários aos refugiados sírios. Já são 7.752 vistos concedidos. Determinei que esse esforço seja ampliado, pois, como país que abriga em sua população mais de 10 milhões de descendentes sírio-libaneses, não poderíamos agir de outra maneira.

Congratulo o comandante da corveta Barroso, da Marinha do Brasil, que salvou mais de 200 refugiados vindos da Líbia ao resgatá-los de um barco que se encontrava à deriva nas águas do mar Mediterrâneo.

Respeitoso dos direitos humanos, o Brasil é terra do acolhimento. Além das populações originárias, o povo brasileiro é composto de muitos imigrantes. Milhões de irmãos africanos vieram para cá forçados, quando imperou o vergonhoso tráfico de escravos. A presença de indígenas, europeus, africanos e asiáticos formou a nação brasileira.

Quando grandes crises se abateram sobre a Europa e sobre o Oriente, as portas do Brasil estiveram abertas para todos. Temos consciência da importância dessas contribuições para nossa formação histórica e cultural. Nós nos orgulhamos de ser um povo formado pela diversidade. É por isso que a tolerância e o respeito pelas diferenças são marcas da nossa identidade.

Com esse espírito, recebemos atualmente mais de 28 mil cidadãos haitianos, o que continuaremos a fazer de forma solidária e legal. Ao mesmo tempo, combatemos os grupos criminosos –os chamados "coiotes"– que, na América Latina, no Oriente e na Europa, traficam pessoas, aproveitando-se do desespero de milhares de famílias que fogem da guerra e da pobreza em busca de um futuro de esperança.

O Brasil, mesmo neste momento de superação de dificuldades, tem os braços abertos para acolher refugiados. Reitero a disposição do governo brasileiro de receber aqueles que, expulsos de suas pátrias, para o Brasil queiram vir, viver, trabalhar e contribuir para a prosperidade e para a paz. Queremos oferecer-lhes essa esperança. (ITAMARATY.GOV, 2015)<sup>107</sup>

Novamente, observamos uma frase condicional, o trecho “ que expulsos de suas pátrias, para o Brasil queiram vir, viver, trabalhar e contribuir para a prosperidade e para a paz” demonstram o que dessa vez é a condição para o acolhimento.

Reitero a disposição do governo brasileiro de receber aqueles que, expulsos de suas pátrias, para o Brasil queiram vir, viver, trabalhar e contribuir para a prosperidade e para a paz. Queremos oferecer-lhes essa esperança.

A noção de enunciado dividido proposta por Courtine ([1981] 2009), nos auxilia na compreensão da estrutura condicional das declarações de Dilma. No mesmo enunciado coabitam o discurso de acolhimento (incondicional), e do discurso de acolhimento (condicional), expresso pelos termos: “ que queiram viver em paz, trabalhar, etc. Eles estão presentes em uma mesma formação discursiva, ou seja, tem como máxima o

<sup>107</sup> Disponível em: <itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-artigos/11231-folha-de-s-paulo-os-refugiados-e-a-esperanca-artigo-dilma-rousseff>. Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

acolhimento. Os enunciados de Dilma, presentes em diferentes locais são coerentes do ponto de vista discursivo e respondem a uma política de acolhimento, sintetizada na expressão “ Brasil de braços abertos”.

Mas há ainda uma outra leitura possível, uma análise explicativa.

*"Somos um país continental e todos os refugiados que quiserem vir trabalhar, viver em paz, ajudar a construir o país, criar seus filhos, viver com dignidade, nós estamos de braços abertos. ". [...] "Temos nossas dificuldades, mas isso não significa que no nosso país não caibam sempre mais pessoas."(Dilma Rousseff)*

Frase explicativa: **a:** anuncia- se a condição do Brasil, *país continental*, (*Somos um país continental*), o que habilitaria a oferecer acolhida aos refugiados. Na sequência, em **b:** vemos a inserção da conjunção “e”, que justifica, explica o porquê da primeira afirmação, ou seja, por sermos um país de dimensões continentais, podemos oferecer aos refugiados condições de trabalhar, viver em paz, ajudar na construção o país, criar seus filhos, e viver com dignidade. O fato de estarmos *de braços abertos*, deve-se então a nossa peculiaridade de país continental.

Na segunda inserção temos: “*Temos nossas dificuldades, mas isso não significa que no nosso país não caibam sempre mais pessoas.*”, observamos a mesma construção, a conjunção explicativa, “*mas*”, faz a mesma função do “e” na oração antecedente. Em **a:** afirma-se: “temos nossas dificuldades”, apresentando novamente uma condição do Brasil, e na sequência, em **b**, a conjunção explicativa, “*mas*” explica que “*isso não significa que no nosso país não caibam sempre mais pessoas*”.

É possível, a partir da reformulação do enunciado chegar as seguintes paráfrases:

***"Somos um país continental e todos os refugiados que quiserem vir trabalhar, viver em paz, ajudar a construir o país, criar seus filhos, viver com dignidade, nós estamos de braços abertos"***

Paráfrases

- *Nós estamos de braços abertos a todos os refugiados que quiserem vir trabalhar, viver em paz, ajudar a construir o país, criar seus filhos, viver com dignidade, **já que**, somos um país continental.*
- *Nós estamos de braços abertos a todos os refugiados que quiserem vir trabalhar, viver em paz, ajudar a construir o país, criar seus filhos, viver com dignidade, **pois**, somos um país continental.*

***"Temos nossas dificuldades, mas isso não significa que no nosso país não caibam sempre mais pessoas."(Dilma Rousseff).***

Paráfrase

- *Sempre cabem mais pessoas em nosso país, mesmo que tenhamos nossas dificuldades.*

Essa segunda análise nos parece mais consistente porque encontramos nos demais enunciados (2 e 3) outras evidências textuais que, somadas a noção de formação discursiva, rede de enunciados, e enunciado reitor consolidam nossa hipótese.

**No enunciado 2**, o tom de Dilma Rousseff, é enfático. A presidenta se mostrou bastante sensível à crise dos refugiados. O discurso oficial contou com declarações cujo efeito de sentido produzido é de completo acolhimento e de um desejo genuíno em acolher refugiados.

A então presidente do Brasil, no ano de 2015, citou a morte de Aylan Kurdy,

refugiado sírio que fugia da eminência de morte, no contexto de guerra na Síria. A criança foi uma das vítimas da perigosa travessia que prometia segurança e vida nova em terras gregas. Morreu afogado antes mesmo de chegar a seu destino. Sua vida e sua fragilidade foram expostas em inúmeros jornais como símbolo da tragédia que se desenrolava no mundo. Dilma citou também a tragédia que vitimou outros 71 imigrantes, encontrados mortos na carroceria de um caminhão frigorífico, vítimas de asfixia, quando tentavam chegar à Alemanha. O acidente que também chocou o mundo vitimou 59 homens, oito mulheres e quatro crianças, vindos do Iraque, Síria e Afeganistão (BBC, 2015)<sup>108</sup>.

No **enunciado 3**, o trecho “*Reitero a disposição do governo brasileiro de receber aqueles que, expulsos de suas pátrias, para o Brasil queiram vir, viver, trabalhar e contribuir para a prosperidade e para a paz. Queremos oferecer-lhes essa esperança*”, pode nos fazer supor que haja novamente condições para a acolhida dos estrangeiros. Já que no trecho: “*aqueles que, expulsos de suas pátrias, para o Brasil queiram vir, viver, trabalhar e contribuir para a prosperidade e para a paz*” podem dar a ideia de requisito, condições para a recepção no Brasil. Seriam recebidos desde que quisessem vir ao Brasil para viver, trabalhar, contribuir para a prosperidade e para a paz. Mas dessa vez, no lugar de terminar com o costumeiro “estamos de braços abertos”, vemos um eco do slogan petista de 2002; “Queremos lhe oferecer esta esperança”. No entanto, cientes das redes que atravessam as formações discursivas constatamos que no trecho do artigo, Dilma fala em nome do “governo brasileiro”, o que pressupõe que não apenas ela, a atual presidente está oferecendo acolhida, mas todo o corpo que governa o país. Desta maneira percebemos que a declaração cria um efeito de sentido de unanimidade, como se dissessem: Vocês são bem-vindos por todos! Outra parte que reforça essa disponibilidade em acolher, é o reconhecimento daqueles que buscavam refúgio. O trecho “*expulsos de suas pátrias*”, adjetiva e qualifica os estrangeiros, reconhecendo a motivação de seus deslocamentos, gerando o efeito de sentido de solidariedade, compaixão e legítima preocupação. Dilma menciona a natureza dos problemas daqueles que procuram abrigo no Brasil, demonstra em seu discurso não estar alheia as mazelas dessas pessoas, e novamente lhes faz uma oferta: “viver, trabalhar, contribuir para a prosperidade e para a paz”. Essa leitura é reforçada pela maneira como a ex presidente finaliza o trecho do enunciado 2: “*Queremos*

---

<sup>108</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40349817>>. Acesso em 14 de dezembro de 2019.

*oferecer-lhes essa esperança*”. A síntese não deixa dúvida de que não se trata de uma oferta pessoal, feita pela ex-presidente, mas que ela reflete o sentimento de todos os brasileiros: *“queremos (nós)*. A declaração produz um efeito de sentido de absoluta empatia e cordialidade, já que, por fim, Dilma oferece *“esperança”- “Queremos oferecer-lhes essa esperança”*”.

Como já mencionamos, as políticas públicas ativadas durante o governo Dilma, somadas a seu discurso pró imigração/pró refugiados, são coerentes com seu posicionamento discursivo. Dilma, mulher, minoria, militante, encarna todas as vozes daqueles que se afiliam a uma ideologia de esquerda. Pessoas que militam contra a miserabilidade, a ilusão da meritocracia e a intolerância, em suas diversas faces.

### 3.3. MICHEL TEMER: DE COGITÁVEL A INEGOCIÁVEL

Após a destituição de Dilma Rousseff da presidência da república foi a vez de seu então vice, Michel Temer, discursar na 71<sup>o</sup>, 72<sup>o</sup> e 73<sup>o</sup> sessão da Assembleia Geral da ONU. No ano de 2016, Temer falou sobre protecionismo, efetividade das ações da ONU, permanência de conflitos no mundo, desarmamento nuclear, direitos humanos, entre outros assuntos. Em todo discurso de abertura, o ex presidente abordou o tema dos deslocamentos, de maneira mais ou menos direta. Destacamos alguns excertos do discurso de Temer transcritos pelo portal G1<sup>109</sup>, em 20 de setembro de 2016

[...] Senhor Peter Thomson, Presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas, Senhor Ban Ki-moon, Secretário-Geral das Nações Unidas, Senhoras e Senhores Chefes de Estado, de Governo e de Delegações, Senhoras e Senhores. O Brasil traz às Nações Unidas sua vocação de abertura ao mundo. Somos um país que se constrói pela força da diversidade. Acreditamos no poder do diálogo. Defendemos com afincos os princípios que regem esta Organização. Princípios que são, hoje, mais necessários do que nunca.

O mundo apresenta marcas de incerteza e de instabilidade. O sistema internacional experimenta um déficit de ordem. A realidade andou mais depressa do que nossa capacidade coletiva de lidar com ela.

De conflagrações regionais ao fundamentalismo violento, confrontamos ameaças que, velhas e novas, não conseguimos conter. Frente à tragédia dos refugiados ou ao recrudescimento do terrorismo, não nos deixa de assaltar um sentimento de perplexidade.

Os focos de tensão não dão sinais de dissipar-se. Uma quase paralisia política leva a guerras que se prolongam sem solução. A incapacidade do sistema de reagir aos conflitos agrava os ciclos de destruição. A vulnerabilidade social de muitos, em muitos países, é explorada pelo discurso do medo e do entrincheiramento. Há um

<sup>109</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/09/veja-integra-do-discurso-de-temer-na-abertura-da-assembly-da-onu.html>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

retorno da xenofobia. Os nacionalismos exacerbados ganham espaço. Em todos os continentes, diferentes manifestações de demagogia trazem sérios riscos.

[...]. Queremos um mundo em que o direito prevaleça sobre a força. Queremos regras que reflitam a pluralidade do concerto das nações. Queremos uma ONU de resultados, capaz de enfrentar os grandes desafios do nosso tempo. Nossos debates e negociações não podem confinar-se a estas salas e corredores. Antes, devem quem sabe, projetar-se nos mercados de Cabul, nas ruas de Paris, nas ruínas de Aleppo

[...] As Nações Unidas não podem resumir-se a um posto de observação e condenação dos flagelos mundiais. Devem afirmar-se como fonte de soluções efetivas. Os semeadores de conflitos se reinventaram. As instituições multilaterais, não.

[...] O Brasil vem alertando, há décadas, que é fundamental tornar mais representativas as estruturas de governança global, muitas delas envelhecidas e desconectadas da realidade. Há /que reformar o Conselho de Segurança da ONU. Continuaremos a colaborar para a superação do impasse em torno desse tema.

Senhor

Presidente.

Muitos são os desafios que ultrapassam as fronteiras nacionais. Entre eles, o tráfico de drogas e de armas que se faz sentir nas nossas cidades, nas nossas escolas, nas nossas famílias. O combate ao crime organizado requer que trabalhem de mãos dadas. A segurança de nossos cidadãos depende da qualidade de nossa ação coletiva. A guerra na Síria, por exemplo, continua a gerar sofrimento inaceitável. As maiores vítimas são mulheres e crianças. É inadiável uma solução política.

Exortamos as partes a respeitarem os acordos endossados pelo Conselho de Segurança e a garantir o acesso de ajuda humanitária à população civil. Também nos preocupa, Senhor Presidente, a ausência de uma perspectiva de paz entre Israel e Palestina. O Brasil apoia e o fez ao longo do tempo, a solução de dois Estados, em convivência pacífica dentro de fronteiras mutuamente acordadas e internacionalmente reconhecidas. É responsabilidade de todos dar novo ímpeto ao processo negociador.

[...]. Coexistem hoje, sabemos todos, em nossa região governos de diferentes inclinações políticas. Mas isso é natural e salutar. O essencial é que haja respeito mútuo e que sejamos capazes de convergir em função de objetivos básicos, como o crescimento econômico, os direitos humanos, os avanços sociais, a segurança e a liberdade de nossos cidadãos. São esses os objetivos que orientam a presença das Nações Unidas no Haiti.

[...] O Brasil lidera desde 2004 o componente militar da MINUSTAH e já enviou ao país caribenho mais de 33 mil militares. Confiamos que a presença da ONU nesse terreno possa voltar-se mais para o desenvolvimento e o fortalecimento das instituições.

[...]

Senhor

Presidente.

A plena fruição dos direitos humanos permanece, lamentavelmente, uma aspiração inalcançada no mundo. Cada ser humano tem o direito de viver livremente, conforme suas crenças e convicções. Essa liberdade fundamental, contudo, é desrespeitada todos os dias. Perseguições, prisões políticas e outras arbitrariedades ainda são recorrentes em muitos quadrantes. Nosso olhar deve voltar-se, também, para as minorias e outros segmentos mais vulneráveis de nossa sociedade.

[...] Refugiados e migrantes são, Senhor Presidente, as mais das vezes, vítimas de violações de direitos humanos. São vítimas da pobreza, da guerra, da repressão

política. A Reunião de Alto Nível de ontem lançou luz sobre alguns desses aspectos de fundo.

O Brasil é obra de imigrantes, homens e mulheres de todos os continentes. Repudiamos todas as formas de racismo, xenofobia e outras manifestações de intolerância. Damos abrigo a refugiados e migrantes, como pude reiterar também no encontro de ontem. Num mundo ainda tão marcado por ódios e sectarismos, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio mostraram que é possível o encontro entre as nações em atmosfera de paz e energia. Pela primeira vez aliás, uma delegação de refugiados competiu nos Jogos Olímpicos. Por meio do esporte, pudemos promover a paz, lutar contra a exclusão e combater o preconceito.

[...] Há quase 60 anos, meu compatriota Oswaldo Aranha afirmou, desta tribuna, que “não há no mundo, mesmo perturbado como está, quem deseje ver fechadas as portas dessa casa”. E alertou: sem a ONU, “as sombras da guerra desceriam sobre a humanidade para obscurecer definitivamente e irremediavelmente a esperança dos homens”.

É nesta Assembleia das Nações que cultivamos nossa esperança. Esperança que é conquistada no diálogo, na compreensão e no respeito. Respeito ao outro, a nós mesmos, aos nossos filhos, aos nossos netos.

Muito obrigado.

Em seu discurso, Temer dissertou sobre o problema da crise dos refugiados e migrantes, apontando aquelas que julgou serem as causas do deslocamento em massa, a necessidade de uma solução política para a questão e a urgência em combater o tráfico de drogas e armas. O então presidente ainda fez menção ao compromisso<sup>110</sup> assumido pelos Estados Unidos e Rússia junto ao Conselho de Segurança da ONU.

O discurso proferido em 20 de setembro, no tocante à crise dos refugiados e migrantes, foi muito semelhante àquele enunciado no dia 19 de setembro, na sessão plenária da Reunião de Alto Nível sobre Grandes Movimentos de Refugiados e Migrantes. Um dia antes de seu discurso de abertura da 71ª sessão da Assembleia da ONU, Temer fez o seguinte pronunciamento

As imagens de infâncias abreviadas pelo conflito e pelo terror comovem o mundo. Vidas perdidas na busca da sobrevivência em outras terras nos instam à reflexão – e, sobretudo, à ação.

Há quase 70 anos esta Assembleia aprovou uma declaração universal de direitos. Proclamou que toda pessoa que sofre perseguição tem o direito de buscar abrigo em outros países. É passada a hora de traduzir esse direito em medidas concretas.

<sup>110</sup> O compromisso ao qual Temer refere-se é o acordo endossado pelo Conselho de Segurança da ONU, firmado entre Estados Unidos e Rússia. O tratado visava encerrar as hostilidades na Síria, com o cessar fogo e a ajuda humanitária aos civis. Segundo Ban KI -moon, secretário geral da ONU, esta ação era a “*melhor chance de acabar com a violência brutal*” (NAÇÕES UNIDAS, 2016).

Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/09/numero-de-refugiados-declarado-por-temer-na-onu-gera-divergencias.html>>. Acesso em 15 de dezembro de 2019.

É a primeira vez que esta Assembleia trata em conjunto dos temas do refúgio e da migração. Não podemos fechar os olhos para as causas profundas desses fenômenos. Somente a solução negociada de crises políticas e um desenvolvimento que seja para todos, prevenirão o deslocamento forçado de grandes contingentes de pessoas.

Sejamos claros: fluxos de refugiados são o resultado de guerras, de repressão, do extremismo violento – não são a sua origem. As preocupações legítimas dos governos com a segurança de seus cidadãos devem estar em consonância com os direitos inerentes a cada ser humano. Se abirmos mão da defesa intransigente desses direitos, estaremos abrindo mão de nossa própria humanidade. Em nossa relação com o estrangeiro, com o outro, testamos a nossa fidelidade a esses valores, o nosso compromisso com a civilização.

O Brasil é um país que se ergueu com a força de milhões de pessoas de todos os continentes. Valorizamos nossa diversidade. Os imigrantes deram – e continuam a dar – contribuição significativa para o nosso desenvolvimento. Mais do que isso, são parte essencial de nossa própria identidade. Nas Olimpíadas e Paralimpíadas do Rio, tivemos a honra de receber a primeira delegação de refugiados a competir nos Jogos.

O Brasil, nos últimos anos, recebeu mais de 95 mil refugiados, de 79 diferentes nacionalidades. Temos plena consciência de que o acolhimento de refugiados é uma responsabilidade compartilhada. Estamos engajados em iniciativas de reassentamento de refugiados de nossa região, com especial atenção para mulheres e crianças. Em nosso país, mesmo antes do reconhecimento de sua condição migratória, os refugiados têm acesso universal a emprego e a serviços públicos de educação e saúde. E trabalhamos com as Nações Unidas para assegurar agilidade aos procedimentos de concessão desse status. Também com nossos irmãos latino-americanos estamos empenhados em múltiplas iniciativas em favor dos refugiados. (ITAMARATY, 2016)<sup>111</sup>

Em nosso Parlamento, encontra-se já em estágio avançado, uma nova lei de migrações. O nosso objetivo é garantir direitos, facilitar a inclusão e não criminalizar a migração. Nossa lei disporá sobre o visto humanitário – instrumento já utilizado em favor de quase 85 mil cidadãos haitianos, após o terremoto de 2010, e 2.300 pessoas afetadas pelo conflito na Síria. No centro de nossas políticas, está o reconhecimento inescapável da dignidade de todos os migrantes.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores.

Vivemos tempos que nos requerem ousadia e coragem.

Em plena Segunda Guerra Mundial, o brasileiro Luiz Martins de Souza Dantas, então Embaixador em Paris, tomou a iniciativa de conceder centenas de vistos para salvar a vida de cidadãos europeus perseguidos. Souza Dantas atuou movido por um imperativo moral, convicto de que agia conforme os valores da sociedade brasileira. Estava, portanto, à frente de seu tempo. É disso que precisamos. Estar à frente do nosso próprio tempo.

Muito obrigado.

Em ambos os discursos Temer abordou os direitos humanos (Declaração Universal dos Direitos Humanos), o sofrimento de mulheres e crianças, os fatores que desencadearam o fluxo migratório (guerras, repressão e extremismo violento) colocando

---

<sup>111</sup>Disponível em: < <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/presidente-darepublica-federativa-do-brasil-discursos/14755-discurso-do-senhor-presidente-da-republicamichel-temer-durante-reuniao-alto-nivel-sobre-grandes-movimentos-de-refugiados-emigrantes-nova-york-19-de-setembro-de-2016>>. Acesso em: 201 de dezembro de 2019.

os refugiados como vítimas e não como origem da problemática. Citou o retorno da xenofobia e dos nacionalismos exacerbados.

A construção do discurso de Temer na Reunião de Alto Nível sobre Grandes Movimentos de Refugiados e Migrantes destacou a necessidade de respeitar a declaração universal de direitos, também acordada durante uma Assembleia da ONU. Ressaltou a importância de traduzir em ações de acolhimento o direito garantido às vítimas de perseguições, e demonstrar como o Brasil tem trabalhado de forma coerente frente a essa demanda mundial.

O discurso de Temer busca expor, a todo momento, o mérito do Brasil na tratativa dos assuntos relacionados ao fluxo migratório. Trata-se de uma argumentação de “campanha eleitoral”, ressaltando o que foi feito, e a necessidade de mudança. Destaca os diferenciais do Brasil (enquanto candidato) com relação ao restante do mundo, o pioneirismo nas ações, a reformulação de leis, enfim, toda a retórica relacionada ao tema das migrações se orienta com a finalidade de persuadir e alcançar o direito a uma cadeira no Conselho de segurança da ONU. Abaixo destacamos alguns enunciados que ilustram tais apelos. Eles produzem o efeito de sentido de assiduidade, ou seja, mostram que o Brasil sempre esteve engajado, atento às necessidades, às demandas da ONU.

Na 71<sup>o</sup> sessão da Assembleia Geral da ONU, em 20 de setembro de 2016:

**Enunciado 1.** “ O Brasil traz às Nações Unidas sua vocação de abertura ao mundo”.

**Enunciado 2.** “ O Brasil vem alertando, há décadas, que é fundamental tornar mais representativas as estruturas de governança global, muitas delas envelhecidas e desconectadas da realidade. Há que reformar o Conselho de Segurança da ONU. Continuaremos a colaborar para a superação do impasse em torno desse tema”.

**Enunciado 3.** “As Nações Unidas não podem resumir-se a um posto de observação e condenação dos flagelos mundiais. Devem afirmar-se como fonte de soluções efetivas. Os semeadores de conflitos se reinventaram. As instituições multilaterais, não”.

**Enunciado 4.** “Exortamos as partes a respeitarem os acordos endossados pelo Conselho de Segurança e a garantir o acesso de ajuda humanitária à população civil. Também nos preocupa, Senhor Presidente, a ausência de uma perspectiva de paz entre Israel e Palestina. O Brasil

apoia e o fez ao longo do tempo, a solução de dois Estados, em convivência pacífica dentro de fronteiras mutuamente acordadas e internacionalmente reconhecidas. É responsabilidade de todos dar novo ímpeto ao processonegociador”.

Outra estratégia discursiva adotada pelo ex presidente, que também produz o efeito de sentido de constância, perenidade é uso frequente de exemplos. Temer cita o nome, o feito de alguns brasileiros que foram relevantes na resolução de conflitos no seio da ONU.

Na 71<sup>o</sup> sessão da Assembleia Geral da ONU, em 20 de setembro de 2016:

**Enunciado 5.** “Há quase 60 anos, meu compatriota Oswaldo Aranha afirmou, desta tribuna, que “não há no mundo, mesmo perturbado como está, quem deseje ver fechadas as portas dessa casa”. E alertou: sem a ONU, “as sombras da guerra desceriam sobre a humanidade para obscurecer definitivamente e irremediavelmente a esperança dos homens”.

Na Sessão plenária da Reunião de Alto Nível sobre Grandes Movimentos de Refugiados e Migrantes:

**Enunciado 6.** “Em plena Segunda Guerra Mundial, o brasileiro Luiz Martins de Souza Dantas<sup>112</sup>, então Embaixador em Paris, tomou a iniciativa de conceder centenas de vistos para salvar a vida de cidadãos europeus perseguidos. Souza Dantas atuou movido por um imperativo moral, convicto de que agia conforme os valores da sociedade brasileira. Estava, portanto, à frente de seu tempo. É disso que precisamos. Estar à frente do nosso próprio tempo. Muito obrigado.”

Nos enunciados abaixo, Temer destacou os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos do Rio. Ele citou o evento como exemplo de uma convivência pacífica entre vários povos, além de destacar o pioneirismo do Brasil, que, pela primeira vez reuniu, em um só time,

---

<sup>112</sup> O nome de Luiz Martins de Souza Dantas foi citado como exemplo de conduta moral frente a necessidade de pessoas vulneráveis, perseguidas em situação de guerra. O ex presidente elogiou a conduta do Embaixador em Paris que tomou a iniciativa de conceder centenas de vistos a cidadãos europeus, a fim de salvá-los da perseguição, durante a Segunda Guerra Mundial.

peças oriundas de países tomados por guerras e violações dos direitos humanos, a Equipe Olímpica dos Refugiados (ACNUR)<sup>114</sup>.

Na 71ª sessão da Assembleia Geral da ONU, em 20 de setembro de 2016:

**Enunciado 7.** “O Brasil é obra de imigrantes, homens e mulheres de todos os continentes. Repudiamos todas as formas de racismo, xenofobia e outras manifestações de intolerância. Damos abrigo a refugiados e migrantes, como pude reiterar também no encontro de ontem. Num mundo ainda tão marcado por ódios e sectarismos, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio mostraram que é possível o encontro entre as nações em atmosfera de paz e energia. Pela primeira vez aliás, uma delegação de refugiados competiu nos Jogos Olímpicos. Por meio do esporte, pudemos promover a paz, lutar contra a exclusão e combater o preconceito”.

Na Sessão plenária da Reunião de Alto Nível sobre Grandes Movimentos de Refugiados e Migrantes:

**Enunciado 8.** “O Brasil é um país que se ergueu com a força de milhões de pessoas de todos os continentes. Valorizamos nossa diversidade. Os imigrantes deram – e continuam a dar – contribuição significativa para o nosso desenvolvimento. Mais do que isso, são parte essencial de nossa própria identidade. Nas Olimpíadas e Paralimpíadas do Rio, tivemos a honra de receber a primeira delegação de refugiados a competir nos Jogos”.

Outro enunciado do discurso de Temer também colabora para produzir o efeito de sentido de mérito, de pioneirismo do Brasil nas relações com os estrangeiros. Ele menciona a Lei nº 13.445 (ESTADÃO, 2019)<sup>115</sup>, que na ocasião, ainda não havia sido sancionada, o que aconteceu mais tarde, em 24 de maio de 2017.

Na Sessão plenária da Reunião de Alto Nível sobre Grandes Movimentos de Refugiados e Migrantes:

---

<sup>114</sup> Disponível em: < <https://www.acnur.org/portugues/2018/10/11/equipe-olimpica-de-refugiados-ira-competir-nos-jogos-de-toquio-em-2020/>>. Acesso em: 21 de dezembro 2019.

<sup>115</sup> A Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017 que substitui o Estatuto do Estrangeiro (Lei nº 6.815/1980) editado ainda na fase do regime autoritário, fez-se necessária para se adequar à Constituição de 1988 e garantir aos estrangeiros os direitos fundamentais garantidos pelo artigo 5.º da Constituição, tais como o acesso a serviços públicos em geral.

**Enunciado 9.** “Em nosso Parlamento, encontra-se já em estágio avançado, uma nova lei de migrações. O nosso objetivo é garantir direitos, facilitar a inclusão e não criminalizar a migração. Nossa lei disporá sobre o visto humanitário – instrumento já utilizado em favor de quase 85 mil cidadãos haitianos, após o terremoto de 2010, e 2.300 pessoas afetadas pelo conflito na Síria. No centro de nossas políticas, está o reconhecimento inescapável da dignidade de todos os migrantes”.

Temer ainda mencionou aquela que seria uma das maiores virtudes do Brasil, e que demonstraria uma genuína hospitalidade.

Na Sessão plenária da Reunião de Alto Nível sobre Grandes Movimentos de Refugiados e Migrantes:

**Enunciado 10.** “Em nosso país, mesmo antes do reconhecimento de sua condição migratória, os refugiados têm acesso universal a emprego e a serviços públicos de educação e saúde. E trabalhamos com as Nações Unidas para assegurar agilidade aos procedimentos de concessão desse status. Também com nossos irmãos latino-americanos estamos empenhados em múltiplas iniciativas em favor dos refugiados”.

Quando Temer menciona que, mesmo antes de estar definido qual a condição do migrante, o Brasil já o receberia como um nacional, garantindo-lhes o direito a usufruir dos serviços públicos em geral, ele pode produzir o efeito de sentido de extrema compaixão e compromisso com os migrantes. O que o tornaria nosso país apto a participar das tomadas de decisão no Conselho de Segurança, já que o Brasil teria essa atitude de acolhimento por uma quase vocação.

Ainda, na Sessão plenária da Reunião de Alto Nível sobre Grandes Movimentos de Refugiados e Migrantes, Temer lança mão de outra estratégia de persuasão. Ele utiliza dados, números que comprovem o engajamento do Brasil nas demandas dos deslocamentos. Cita ainda a prioridade com mulheres e crianças, o que provoca o efeito de sentido de empatia com os mais vulneráveis entre os já fragilizados.

**Enunciado 11.** “O Brasil, nos últimos anos, recebeu mais de 95 mil refugiados, de 79 diferentes nacionalidades. Temos plena consciência de que o acolhimento de refugiados é uma responsabilidade compartilhada. Estamos engajados em iniciativas de reassentamento de refugiados de nossa região, com especial atenção para mulheres e

crianças. Em nosso país, mesmo antes do reconhecimento de sua condição migratória, os refugiados têm acesso universal a emprego e a serviços públicos de educação e saúde. E trabalhamos com as Nações Unidas para assegurar agilidade aos procedimentos de concessão desse status. Também com nossos irmãos latino-americanos estamos empenhados em múltiplas iniciativas em favor dos refugiados”.

Ainda que o excerto tenha feito apelo para os dados estatísticos do acolhimento do Brasil, o que ganhou maior repercussão foi o equívoco cometido pelo então presidente. Temer afirmou nessa declaração que, nos últimos anos, o Brasil teria recebido 95 mil refugiados, número que, até aquela data, não ultrapassava os cerca de 9.000 nessas circunstâncias, de acordo com as definições jurídicas do termo refugiado. O ex-presidente estaria incluindo nessa conta 85.000 haitianos, que saíram de seu país após o terremoto de 2010. O portal G1, assim como outros veículos de mídia, destacaram a declaração:

**Enunciado 12.** “O Brasil nos últimos anos recebeu mais de 95 mil refugiados, de 79 diferentes nacionalidades”, disse Temer. ” (G1.COM, 2016)<sup>116</sup>.

Em defesa de Temer, o então ministro da justiça, Alexandre de Moraes, afirmou ter sido apenas uma generalização feita pelo ex-presidente, já que segundo o ministro “*seria discriminatório excluir os haitianos da possibilidade de serem tratados como refugiados tão somente porque eles são da América Latina, e não de outras partes do mundo*”(FOLHA UOL, 2016)<sup>117</sup>.

Ainda que o ministro tenha justificado o ocorrido, o efeito de sentido produzido pelo enunciado do ex presidente é de desconhecimento, e até desdém com os haitianos. Os haitianos não ganharam o status de refugiado, porque segundo o CONARE, não atendem à definição e aos requisitos para serem considerados refugiados, e não pelo fato de serem de uma país latino americano.

Observa-se que no ano de 2016, Temer em seus pronunciamentos produz um discurso afinado ao de Dilma, expondo o Brasil como um país que politicamente e historicamente acolhe migrantes que aqui chegam. Evita tratar de casos que possam ter sido polêmicos quanto ao acolhimento em favor de focalizar elogiosos feitos de brasileiros que na história

<sup>116</sup> Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/09/numero-de-refugiados-declarado-por-temer-na-onu-gera-divergencias.html>>. Acesso em 15 de dezembro de 2019.

<sup>117</sup> Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/09/1814695-em-painel-da-onu-temer-defende-que-paises-nao-criminalizem-a-migracao.shtml>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

construíram essa imagem de Brasil acolhedor. Em comparação ao discurso de Dilma Rousseff, Temer atribui à ONU o dever de ações em favor de refugiados e migrantes. Vê-se, entretanto, que o discurso de Dilma se caracteriza por uma linguagem simples, dirigida à ONU, mas também de forma direta ao cidadão. O pronunciamento de Temer dialoga com os dirigentes da ONU e demais políticos.

No ano seguinte, em setembro de 2017, Michel Temer foi novamente o primeiro a discursar na abertura da 72ª sessão da Assembleia das Nações Unidas. O jornal O Globo<sup>118</sup> disponibilizou a transcrição do discurso do ex-presidente. Dentre os temas abordados destacam-se os calorosos agradecimentos aos membros presentes, a importância das Nações Unidas, a necessidade da renovação do Conselho de Segurança da ONU, o desenvolvimento sustentável, o tratado sobre a proibição das armas nucleares, entre outros. Assim como fez em seu discurso no ano anterior, Temer usou a oportunidade de discursar na ONU para reiterar o desejo de fazer parte do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Senhor Presidente,

Têm sido muitos os desafios enfrentados pelas Nações Unidas desde a sua criação. E sabemos todos que não se cumpriram plenamente as aspirações de seus fundadores.

Mas a verdade é que, nestes mais de 70 anos, a ONU continuou e continua representando a esperança. A verdade é que a ONU continuou e continua representando a possibilidade de um mundo mais justo. Um mundo de paz e de prosperidade. Um mundo em que ninguém tenha que sujeitar-se à discriminação, à opressão, à miséria, em que os padrões de produção e consumo sejam compatíveis com o bem-estar das gerações presentes e futuras. A ONU, meus senhores, minhas senhoras já se confirmou como espaço privilegiado para a construção desse mundo que almejamos. Construção que requer método e realismo, sem nunca perder de vista os nossos ideais.

Neste momento da história, de tão marcados traços de incerteza e instabilidade, necessitamos de mais diplomacia e negociação – nunca menos. De mais multilateralismo e diálogo – nunca menos. Certamente necessitamos de mais ONU – e de uma ONU que tenha cada vez mais legitimidade e eficácia.

Não por outra razão, sustentamos, ao lado de tantos outros países, o imperativo de reformar as Nações Unidas. É particularmente necessário ampliar o Conselho de Segurança, para ajustá-lo às realidades do século 21. Urge ouvir o anseio da grande maioria desta Assembleia

[...] Na Síria, meus senhores, apesar da desescalada dos últimos meses, ainda se assistem a conflito com consequências humanitárias dramáticas. A solução que se deve buscar é essencialmente política – e já não pode ser postergada.

[...] Também no Afeganistão, na Líbia, no Iêmen, no Mali ou na República Centro-Africana, as guerras causam sofrimentos intoleráveis que, naturalmente, ultrapassam fronteiras.

<sup>118</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/veja-integra-do-discurso-de-michel-temer-na-assembleia-geral-da-onu-21841994>>. Acesso em 14 de dezembro de 2019.

[...]. Percorramos os campos de refugiados e deslocados no Iraque, na Jordânia, no Líbano, no Quênia. Ouçamos as histórias dos que perderam pais, mães, filhos, filhas. São famílias que foram tragadas pela irracionalidade de disputas que parecem não conhecer limites. De disputas que, com frequência inaceitável, se materializam ao arrepio do direito humanitário.

[...] O Brasil é um país de liberdades arraigadas, que se fez, e ainda se faz, na diversidade. Diversidade na etnia, na cultura, de credo, de pensamento. Mais que tudo, é dessa diversidade que tiramos nossa força como nação. Rechaçamos o racismo, a xenofobia e todas as formas de discriminação.

[...] Somos parte nos principais tratados internacionais de direitos humanos, na Corte Interamericana de Direitos Humanos, no Tribunal Penal Internacional. Estendemos convite permanente aos relatores independentes da ONU.

[...] Temos hoje, meus senhores, uma das leis de refugiados mais modernas do mundo. Acabamos de modernizar também nossa lei de migração, pautados pelo princípio da acolhida humanitária. Temos concedido vistos humanitários a cidadãos haitianos e sírios. E temos recebido milhares de migrantes e refugiados da Venezuela.

[...] A situação dos direitos humanos na Venezuela, lamentavelmente, continua a deteriorar-se. Estamos ao lado do povo venezuelano, a quem nos ligam vínculos fraternais. Já não há mais espaço para alternativas à democracia. É o que afirmamos no Mercosul, é o que seguiremos defendendo.

Neste excerto Temer destaca a importância de uma ampliação no Conselho de Segurança. Em dois momentos faz questão de mostrar que seu desejo é compartilhado por outros países, para dar o efeito de sentido de coro, ou seja de um anseio unânime “*tantos outros países*”, “*anseio da grande maioria desta Assembleia*”

**Enunciado 1.** “Não por outra razão, sustentamos, ao lado de tantos outros países, o imperativo de reformar as Nações Unidas. É particularmente necessário ampliar o Conselho de Segurança, para ajustá-lo às realidades do século 21. Urge ouvir o anseio da grande maioria desta Assembleia”.

As construções textuais são muito semelhantes àquelas de seu discurso do ano anterior e ao de Dilma em termos gerais. Temer cita o exemplo dos povos em deslocamento, expõe suas mazelas e afirma uma política efetiva frente à necessidade dessas pessoas. Observamos em sua fala recorrências, orações do tipo: “*O Brasil é um...*”, “*Somos um...*”, “*Temos...*”, “*Estamos...*”, termos que se referem a características do Brasil, como por exemplo sua miscigenação, e na sequência as ações tomadas pelo Brasil, o que produz um efeito de sentido de país atuante, de destaque frente ao Conselho da ONU.

**Enunciado 2.** [...] O Brasil é um país...

**Enunciado 3.** [...] Somos parte nos principais tratados internacionais...

**Enunciado 4.** [...] Estendemos convite...

**Enunciado 5.** [...] Temos hoje...

**Enunciado 6.** [...] Estamos ao lado do povo venezuelano....

**Enunciado 7.** [...] É o que afirmamos no Mercosul, é o que seguiremos defendendo.

Em seu último discurso como presidente do Brasil na Assembleia das Nações Unidas, no ano de 2018, Michel Temer abordou o isolacionismo, a intolerância e o unilateralismo. Abaixo reproduzimos um excerto transcrito pelo jornal Folha UOL<sup>119</sup>.

Na América Latina, o Brasil tem trabalhado pela preservação da democracia e dos direitos humanos. Seguiremos, junto a tantos outros países, ao lado de povos irmãos que tanto têm sofrido.

Também o diálogo e a solidariedade se acham na origem do Pacto Global sobre Migração, cujas negociações acabamos de concluir. Contam-se mais de 250 milhões de migrantes em todo o mundo. Trata-se de homens, mulheres e crianças que, ameaçados por crises que se prolongam, são levados a tomar a difícil e arriscada decisão de deixar seus países. É nosso dever protegê-los, e é esse o propósito do Pacto Global sobre Migração. Agora, cabe-nos concluir as negociações do Pacto Global sobre Refugiados.

Na América do Sul, estamos em meio à onda migratória de grandes proporções. Estima-se em mais de um milhão os venezuelanos que já deixaram seu país em busca de condições dignas de vida. O Brasil tem recebido todos os que chegam a nosso território. São dezenas de milhares de venezuelanos a quem procuramos dar toda a assistência. Com a colaboração do Alto Comissariado para Refugiados, construímos abrigos para ampará-los da melhor maneira. Temos promovido sua interiorização para outras regiões do Brasil. Emitimos documentos que os habilitam a trabalhar no País. Oferecemos escola para as crianças, vacinação e serviços de saúde para todos. Mas sabemos que a solução para a crise apenas virá quando a Venezuela reencontrar o caminho do desenvolvimento.

[ ] No Brasil, temos orgulho de nossa tradição de acolhimento. Somos um povo forjado na diversidade. Há um pedaço do mundo em cada brasileiro. Fiéis a essa tradição, instituímos, no ano passado, nova Lei de Migração – uma legislação moderna, que não apenas protege a dignidade do imigrante, mas reconhece os benefícios da imigração. Ampliamos direitos e desburocratizamos exigências para ingresso e permanência no Brasil. Se o diálogo e a solidariedade são antídotos para a intolerância, são também matéria-prima da paz duradoura.

Diante das diferentes crises no Oriente Médio, essa tem sido a tônica da posição brasileira. Neste ano em que nos associamos às comemorações pelos 70 anos de Israel, o Brasil renova seu apoio à solução de dois Estados – Israel e Palestina –, vivendo lado a lado, em paz e segurança.

<sup>119</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/09/leia-a-integra-do-discurso-de-michel-temer-na-assembleia-geral-da-onu.shtml>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

Do mesmo modo, respaldamos os esforços internacionais para pôr termo ao conflito na Síria, que já se estende há tempo demais. Temos buscado contribuir para mitigar tanto sofrimento. Só em 2017, doamos cerca de uma tonelada de medicamentos e vacinas em benefício de crianças afetadas pelo conflito. Temos, ainda, acolhido número expressivo de refugiados.

Michel Temer destaca a adesão do Brasil ao Pacto Global para Migração<sup>120</sup>, a problemática enfrentada pela Venezuela, a acolhida do Brasil aos venezuelanos, a nova lei de migração e a necessidade de pôr fim ao conflito na Síria. A retórica de Michel Temer, bem como sua abordagem do tema das migrações, não se difere daquelas dos anos anteriores. O ex presidente retoma os conflitos e, novamente, relata o que o Brasil tem feito quanto a políticas públicas destinadas a migrantes.

No discurso de 2018, Temer trouxe a problemática enfrentada pelos venezuelanos mas optou por um discurso “neutro” quando se omitiu frente as razões econômicas que desencadearam o deslocamento dos venezuelanos. O ex presidente poderia ter tecido uma crítica ao país vizinho, mas preferiu adotar uma postura mais generalizante e superficial. A Venezuela sofreu consideravelmente com a queda sustentável no preço do petróleo. O país que tinha como uma de suas principais receitas a exportação do combustível fóssil, sofreu progressivamente uma crise econômica no país. Uma crise social ligada a uma crise política também colaborou para que o caos se instalasse definitivamente. Após a morte de Hugo Chaves e a ascensão de Nicolas Maduro, indicado pelo próprio Chaves, grupos de oposição fizeram grande enfrentamento a Maduro, inclusive por meio de uma tentativa de impeachment. As pessoas deixaram suas casas, por falta de alimentos, medicamentos de primeira necessidade, tudo em virtude da hiperinflação. Segundo o deputado Ángel Alvarado, membro da comissão de Finanças do Legislativo, o salário mínimo na Venezuela, em dezembro de 2019, cobre "somente 2% do que custa a cesta

---

<sup>120</sup> O pacto global para migração, é um acordo firmado entre 164 países que visa gerenciar a migração internacional identificando as motivações para os deslocamentos e minimizando-as. Entre outros objetivos busca assegurar aos migrantes, condições de deslocamento, realocação e possível regresso aos países de origem de forma digna, reconhecendo e garantindo seus direitos. Nas palavras do secretário-geral da ONU, António Guterres, o pacto “*reafirma os princípios fundamentais de nossa comunidade global, incluindo soberania nacional e direitos humanos universais, enquanto aponta o caminho em direção à ação humana e sensata para beneficiar países de origem, de trânsito e de destino, assim como os próprios migrantes*”. (NAÇÕES UNIDAS, 2018). Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/assembleia-geral-da-onu-adota-oficialmente-pacto-global-para-a-migracao/>>. acesso em 15 de dezembro de 2019.

básica de alimentos” (UOL ECONOMIA, 2019)<sup>121</sup>. Essa crise interna, fez com que muitos venezuelanos deixassem o país.

Desde o ano de 2016, o estado de Roraima tem recebido de forma mais intensificada os migrantes da Venezuela. “*Segundo dados do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), o número de solicitações de refúgio por venezuelanos ao Brasil passou de 829 em 2015 para 3.375 em 2016*” (LABORATÓRIO DE DEMOGRAFIA E ESTUDOS POPULACIONAIS- UFJF) <sup>122</sup>. A cidade de Pacaraima tem sido um dos principais destinos de venezuelanos. A pequena cidade, de 10 mil habitantes, supostamente teria sofrido com o intenso fluxo migratório e visto sua demanda por serviços públicos aumentarem repentinamente e sobrecarregarem hospitais e prontos socorros. A região passou por fortes tensões quando os moradores e venezuelanos entraram em conflito. No ano de 2017 foi decretado o estado de emergência social em Roraima e com o auxílio de ONGs, no mês de novembro do mesmo ano, foi inaugurado o primeiro abrigo para refugiados em Pacaraima. (BBC, 2018)<sup>123</sup>. Em março de 2018, o governo federal lançou a Operação Acolhida, que entre outras ações atua no apoio aos venezuelanos que chegam ao Brasil, fugindo da crise econômica e da instabilidade política. Entre as medidas estão a oferta de refeições, o acesso à saúde, abrigo, e a possibilidade de regularização da situação dos imigrantes que queiram permanecer no Brasil, além da redistribuição das famílias para outras regiões do país. (AGÊNCIA BRASIL, 2019)<sup>124</sup>.

Diante de toda problemática na região, no dia 13 de abril de 2018, a governadora de Roraima, Suely Campos, pediu ao Supremo Tribunal Federal (STF) o fechamento da fronteira do Brasil com a Venezuela. No mesmo dia, Temer opinou a respeito do apelo feito pela governadora (G1.COM, 2018)<sup>125</sup>

---

<sup>121</sup> Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/afp/2019/12/09/hiperinflacao-na-venezuela-desacelera-em-novembro.htm>>. acesso em 26 de dezembro de 2019.

<sup>122</sup> Disponível em: <<https://www.ufjf.br/ladem/2018/08/21/a-cronologia-da-crise-migratoria-em-pacaraima-na-fronteira-entre-brasil-e-venezuela/>> acesso em 26 de dezembro de 2019.

<sup>123</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45242682>>. Acesso em: 28 de dezembro de 2019.

<sup>124</sup> Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-01/governo-prorroga-por-um-ano-operacao-acolhida-venezuelanos>>. Acesso em 28 de dezembro de 2019.

<sup>125</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/roraima-anuncia-acao-no-stf-para-pedir-para-fechar-fronteira-na-venezuela.ghtml>>. Acesso em 28 de dezembro de 2019.

**Enunciado 1.** "Não é hábito do Brasil [fechar fronteiras]. O Brasil não fecharia fronteiras e nem espero que o Supremo venha a decidir dessa maneira. O contrário. Quando fomos lá [à Roraima], nós dissemos: 'haverá fiscalização [...]'. Então fechar fronteira é incogitável", afirmou o presidente, que está no Peru para participar da Cúpula das Américas. (G1.COM, 2018)<sup>126</sup>

Embora o discurso de Temer na ONU mostre um apoio irrestrito aos venezuelanos que chegam ao Brasil, em 29 de agosto de 2018, após autorizar as Forças Armadas a reforçarem a segurança em Roraima, Temer deu a seguinte declaração à Rádio Jornal, de Pernambuco

**Enunciado 2.** “Outra providência que talvez venha a ser tomada, ontem pelo menos foi objeto de conversações, é que entram 700, 800 por dia, isso está criando problemas até para a vacinação, para a organização. Eles pensam em quem sabe, colocar senhas, de maneira que entrem 100, 150, ou, não sei, 200 por dia e cada dia entra um determinado número, para organizar um pouco mais essas entradas. Essas são mais ou menos medidas que foram e estão sendo tomadas” (PLANALTO, 2018)<sup>127</sup>.

A notícia de que poderia haver um limite diário de pessoas entrando no Brasil pela fronteira com a Venezuela repercutiu em alguns Jornais:

*Temer avalia entregar senhas para frear entrada de venezuelanos em Roraima* (FOLHA UOL, 2018)<sup>128</sup>

*Temer diz que governo pode limitar entrada de venezuelanos em Roraima* (EXAME, 2018)<sup>129</sup>

---

<sup>126</sup>Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/temer-diz-que-e-incogitavel-fechar-fronteira-com-a-venezuela.ghtml>>. Acesso em 28 de dezembro de 2019.

<sup>127</sup>Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/mandatomicheltemer/acompanhe-planalto/entrevistas/entrevistas-concedidas-pelo-presidente-michel-temer/entrevista-exclusiva-concedida-pelo-presidente-da-republica-michel-temer-a-gerald-freire-da-radio-jornal-de-pernambuco-1>>. Acesso em 28 de dezembro de 2019.

<sup>128</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/temer-diz-cogitar-distribuir-senhas-e-limitar-entrada-de-venezuelanos-em-roraima.shtml>>. Acesso em 28 de dezembro de 2019.

<sup>129</sup> Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/temer-diz-que-governo-pode-limitar-entrada-de-venezuelanos-em-roraima/>>. Acesso em 28 de dezembro de 2019.

Diante da reprovação que obteve Temer afirmou:

**Enunciado 3.** “Ou as pessoas não sabem ler ou não querem ler. O fechamento da fronteira é incogitável e inegociável. Não há isso, não haverá isso”(ISTOÉ, 2018)<sup>130</sup>.

Durante a mesma entrevista concedida a Geraldo Freire, da Rádio Jornal de Pernambuco, ainda se referindo à Venezuela Temer também declarou ao jornalista Geraldo:

**Enunciado 4.** “Para você ter uma ideia, há tempos atrás, nós, mais de um ano, um ano e meio, mais ou menos, nós propusemos ajuda humanitária, alimentos, remédios, o governo recusou. E o governo recusa lá, e os venezuelanos vêm para cá. Claro que a nossa política é de acolher aqueles que entrem no País, não só a nossa política, como os tratados internacionais. Mas o ideal para nós é que eles recebessem lá a nossa ajuda humanitária e que lá pudessem permanecer. Então, por isso que eu acabei decretando essa medida. E espero... Além do quê, me permita dizer, nós estamos aumentando muito a chamada interiorização, ou seja, tirar o pessoal que chega lá para ir para outros estados”.

Nesse excerto Temer destaca que foi proposto a Venezuela uma ajuda humanitária e que o governo venezuelano recusou. E na sequência declara:

**Enunciado 5.** “Claro que a nossa política é de acolher aqueles que entrem no País, não só a nossa política, como os tratados internacionais. Mas o ideal para nós é que eles recebessem lá a nossa ajuda humanitária e que lá pudessem permanecer”.

É possível, a partir desse excerto, fazer a leitura que Temer só acolhia aqueles que vinham ao Brasil, em razão da política nacional e dos tratados internacionais, e que, se não fosse assim o ideal era que os venezuelanos ficassem na Venezuela, recebendo uma ajuda humanitária. Também é possível reconhecer a estrutura através da analogia:

---

<sup>130</sup>Disponível em: <<https://istoe.com.br/temer-fechar-fronteira-a-venezuelanos-e-incogitavel-e-inegociavel/>>, Acesso em 28 de dezembro de 2019

*“Claro que a nossa política é de acolher aqueles que entrem no país, não só a nossa política, como os tratados internacionais. Mas o ideal para nós é que eles recebessem lá a nossa ajuda humanitária e que lá pudessem permanecer” (TEMER).*

Analogia:

- “Claro que devemos ajudar os moradores de rua, não só com alimentos, mas com todas as suas necessidades primárias. Mas o ideal é que eles trabalhassem para se manterem”.

Em ambos os casos, na fala de Michel Temer e na analogia (nossa autoria), um cenário é apresentado como o habitual e o outro cenário como o ideal. Analisando os três discursos de Temer na ONU, e o tom de campanha eleitoral de suas declarações, é possível fazer a leitura, nesse trecho da entrevista, que na opinião de Temer, seria melhor que os venezuelanos ficassem na Venezuela, recebendo ajuda humanitária, como se a decisão em migrar fosse apenas uma escolha e não uma necessidade justificada. No entanto como essa prática contraria os tratados internacionais e a política do Brasil, que são imperativos, e a aderência a esses acordos são condição primeira para pleitear uma cadeira fixa no Conselho de Segurança da ONU, a saída é acatar as normas e acolher os venezuelanos.

Analisando suas falas, percebemos uma imprecisão, quanto a política de imigração adotada em seu mandato. Embora ele tenha aderido a alguns acordos, tanto seu equívoco no que se referiu ao número de refugiados no Brasil, quanto a sua indecisão em distribuir senhas de acesso a venezuelanos denunciam sua incerteza frente a crise migratória.

#### 3.4. JAIR BOLSONARO - INIMIGO DECLARADO

Após uma longa carreira como político, e a vitória nas urnas em 28 de outubro de 2018, Jair Messias Bolsonaro assumiu a presidência em 1 de janeiro de 2019. No entanto, ainda como deputado federal, Bolsonaro já se mostrava muito interessado nas questões relacionadas aos fluxos migratórios, sobretudo dos povos refugiados. Abaixo, destacamos

dois momentos em que ainda, empossado como deputado federal, o militar expõe sua opinião a respeito dos estrangeiros no Brasil.

**Enunciado 1.** “Não sei qual é a adesão dos comandantes, mas, caso venham reduzir o efetivo [das Forças Armadas] é menos gente nas ruas para fazer frente aos marginais do MST, dos haitianos, senegaleses, bolivianos e tudo que é escória do mundo que, agora, está chegando os sírios também. A escória do mundo está chegando ao Brasil como se nós não tivéssemos problema demais para resolver” (EXAME)<sup>131</sup>. [Entrevista concedida ao repórter Frederico Vitor, do Jornal Opção, de Goiás, em julho de 2015]

**Enunciado 2.** “Aí bota dez mil qualquer. Bota terrorista, bota aí assassino, estuprador. Tá ouvindo aí oh deputada gaúcha? Enche o navio de estuprador e desce no porto de Santos, no porto dá, de Vitória, lá em Cabedeiros, onde você quiser. Bota dez mil. Os cara pisa em solo brasileiro... e o cara grita: Nós somos refugiados! Eles passam a ter direito a, olha só: abrir conta em banco do Brasil e Caixa Econômica, com menos exigência que você. A ter direito à educação, inclusive, nível superior, de graça! Ok. Atendimento, atendimento médico e hospitalar... vai ver como está os hospitaizinhos, aqueles posto de saúde, lá em Roraima, vai lá ver como é que tá cheio de venezuelano. Passa a ter direito a atendimento médico e hospitalar de graça pra todo mundo e mais... Bolsa família e apo – sen – ta – do – ria. Temer tá reformando a previdência pra dar dinheiro pra quem vem de fora pra cá, é isso daí? Presidente Michel Temer, é isso? Dinheiro pra esse pessoal? E pode, não é dez mil não. Pode vir um milhão, dois milhões, dez milhões pra cá. Inclusive, o ex ministro da justiça, que agora foi pro supremo, o vídeo dele, deu entrevista né? Nós não estamos preocupados com quantidade. Ele tava cumprindo ordem do presidente, ou de alguém. Não estamos preocupados com quantidade!

Pode pegar esses países que estão em guerra por aí, ou então que estão sobre catástrofe, fora a Venezuela, se quiser, traz, vem pra praia de Copacabana galera! A vocês aí, que tão embaixadores aqui, é do mundo todo, traz pra praia de Copacabana, praia da Barra da Tijuca, ah, cita nome de praia aí! (Bolsonaro pedindo ao filho). Praia Grande, São Paulo, ajuda aí, ajuda aí! Praia de Boa Viagem lá em Recife, lá em Pernambuco, leva, bota milhões por aí, não tem problema que o Brasil tem um coração desse tamanho, o coração

---

<sup>131</sup> Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-do-mundo/>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

desse tamanho, traz pra cá, é isso que vai estar acontecendo com o Brasil. Então o pessoal tem que dar porrada em mim mesmo, porque eu não vou ficar brocha pra agradar eleitor. O voto é problema de vocês! Tá, cada um faça o que bem entender com teu voto, tá cheio de cara aí falando que é bonzinho pra cacete, todo mundo é bonzinho.

Coitado do gay, coitado do branquelo, coitado do afrodescendente, coitado da mulher, coitado de quem mais aí? Coitado, todo mundo é coitado no Brasil. Coitado do nordestino, coitado do gaúcho, coitado do cearense. Todo mundo é coitado. Olha nós temos que tratar bem todo mundo, ele é uma vítima da sociedade... (YOUTUBE)<sup>132</sup>. [Vídeo publicado no Youtube, canal Luis Carlos Mucheroni de Melo, em 12 de abril de 2017]

Os enunciados 1 e 2, produzidos por Bolsonaro ainda na condição de deputado federal, fazem duras críticas a alguns grupos de imigrantes e refugiados. Ele qualificou de “escória”, haitianos, senegaleses, bolivianos e sírios. Os povos que o atual presidente adjetivou negativamente migram para o Brasil por diferentes razões. Os haitianos, por exemplo, foram vítimas de uma catástrofe natural de grandes proporções. O sismo do Haiti foi um terremoto que devastou o país, em 2010, causando a morte e desabrigando milhares de pessoas. Essa catástrofe, somada a uma economia instável, que antecedeu a tragédia natural, motivou um número gigantesco de haitianos a migrarem para o Brasil em busca de oportunidades de trabalho e de sobrevivência. Esses povos pediam refúgio em nossas terras, mas sua condição oficial não lhes permitia acessar tal direito, já que segundo a definição jurídica, para gozar desse status, a pessoa requerente deve ser considerada vítima de perseguição em seu país. Diante do *impasse*, o Comitê Nacional para Refugiados (instituído pela Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980 e organizado pela Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, no uso das atribuições concluiu que para atender a tais pessoas, deveria conceder aos haitianos, o visto humanitário, que conferia ao nacional do Haiti o visto permanente por cinco anos, em razão do agravamento das condições de vida da população haitiana.(LEGISWEB, 2012)<sup>133</sup>.

Outro grupo citado pelo então deputado federal e atual presidente do Brasil foram os senegaleses. Estes chegaram ao Brasil em busca de trabalho, imigração laboral. De acordo com a professora do Centro de Ciências Humanas, Vania Beatriz Merlotti Herédia, socióloga que coordena a pesquisa "Migrações internacionais no Sul do Brasil": "*Quase*

<sup>132</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=YdITundTNwM>>, Acesso em: 26 de dezembro de 2019.

<sup>133</sup> Disponível em: < <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=116083>>. Acesso em: 25 de dezembro de 2019.

*90% da população é de jovens, porque os velhos morreram, principalmente em conflitos".* O Senegal é um país que alcançou a independência apenas em 1960, colonizado pelos franceses, depois de inúmeras disputas. Ainda que o país não se encontre em guerra, as marcas dessa disputa continuam a interferir na vida de seus cidadãos. Os senegaleses sofrem com uma economia fraca e que não dá conta de absorver toda a mão de obra disponível em seu território (UCS).<sup>134</sup>

O caráter da imigração boliviana é diferente das de venezuelanos e haitianos. Os bolivianos costumam vir para o Brasil movidos pela crença de que haja aqui melhores condições socioeconômicas que na Bolívia. O crescimento econômico que o Brasil apresentava, sobretudo nos anos do governo Lula, quando as taxas de desemprego eram mais baixas e havia melhores oportunidades de vida, atraíram muitos imigrantes bolivianos.

Bolsonaro também incluiu na sua definição de escória, os sírios. Esses são vítimas de uma guerra civil que já dura mais de oito anos e tem causado comoção em todo o mundo pelo número de mortos, desabrigados, entre eles mulheres e crianças.

Assim como o presidente desqualificou os povos acima mencionados, haitianos, sírios, senegaleses, etc, observamos no enunciado 2., a mesma argumentação depreciativa. As falas de Bolsonaro, a respeito dos imigrantes, provocam um efeito de sentido de aversão. O estrangeiro é qualificado como um invasor, um usurpador dos direitos dos cidadãos brasileiros. Ele elenca uma série de direitos constitucionais, tais como acesso à educação, à saúde, à aposentadoria, e orienta sua retórica buscando demonstrar que os imigrantes não podem usufruir de tais direitos, já que muitas vezes esse acesso já é deficiente para os próprios nacionais. No trecho (enunciado 1) *“como se nós não tivéssemos problema demais para resolver”*, o migrante é retratado como um inconveniente, inoportuno, é possível ler no enunciado de Bolsonaro uma desumanização do migrante, como se a sua condição de estrangeiro não lhe conferisse o mesmo status de ser humano que o de um nativo. No enunciado 2, Bolsonaro inicia questionando a veracidade da condição de refugiados dos estrangeiros que chegam ao Brasil de navio. Isso pode ser observado no trecho

Aí bota dez mil qualquer. Bota terrorista, bota aí assassino, esturador. Tá ouvindo aí oh deputada gaúcha? Enche o navio de esturador e desce no porto de Santos, no porto dá, de Vitória, lá em Cabedeiros, onde você quiser. Bota

---

<sup>134</sup> Disponível em: < <https://www.ucs.br/site/revista-ucs/revista-ucs-11a-edicao/senegal-a-nova-cara-do-imigrante/>>. Acesso em 25 de dezembro de 2019.

dez mil. Os cara pisa em solo brasileiro... e o cara grita: Nós somos refugiados!

Não se trata apenas de um questionamento com relação à legitimidade da condição de refugiado, mas de sua criminalização, haja vista os vocábulos escolhidos para se referir a tais pessoas. Na sequência soma-se a essa discriminação, os problemas que, segundo Bolsonaro, são causados em razão da chegada dessas pessoas ao Brasil. Ele usa como exemplo os venezuelanos, para justificar a sobrecarga no sistema de saúde “*vai ver como está os hospitaizinhos, aqueles posto de saúde, lá em Roraima, vai lá ver como é que tá cheio de venezuelano*”. Ao expor a vulnerabilidade de tais pessoas, que, segundo Bolsonaro, lotariam os postos de saúde e hospitais, o argumento de que os refugiados que chegam até o Brasil podem ser malfeitores se enfraquece.

Pode pegar esses países que estão em guerra por aí, ou então que estão sob catástrofe, fora a Venezuela, se quiser, traz, vem pra praia de Copacabana galera. A vocês aí, que tão embaixadores aqui, é do mundo todo, traz pra praia de Copacabana, praia da Barra da Tijuca, ah, cita nome de praia aí! (Bolsonaro pedindo ao filho). Praia Grande, São Paulo, ajuda aí, ajuda aí! Praia de Boa Viagem lá em Recife, lá em Pernambuco, leva, bota milhões por aí, não tem problema que o Brasil tem um coração desse tamanho, o coração desse tamanho, traz pra cá, é isso que vai estar acontecendo com o Brasil

Percebemos como Bolsonaro reconhece a natureza da migração. Ele destaca suas motivações: “*países que estão em guerra por aí, ou então que estão sobre catástrofe*” e a retórica baseada na premissa do refugiado como ameaça a segurança do povo brasileiro pode ser questionada na medida em que os prováveis motivos da aversão vão ficando evidentes. A recusa em ofertar ao estrangeiro os direitos basilares atravessam todo o enunciado.

Alguns anos depois das declarações apresentadas nos enunciados 1 e 2, já em 24 de setembro de 2019, foi a vez de Jair Messias Bolsonaro discursar na 74<sup>o</sup> Assembleia das Nações Unidas, já na condição de presidente da república. As declarações do 38<sup>o</sup> presidente do Brasil se concentraram nas críticas ao governo petista, que segundo ele, quase teria levado o Brasil a um regime socialista. Ele também se defendeu das acusações que recebeu com relação à Amazônia, quando foi tomado por complacente, tolerante com as queimadas que devastaram parte da floresta em agosto de 2019. Além do clima, Bolsonaro também abordou questões sobre democracia e direitos humanos, em um

pronunciamento permeado por enunciados de teor religioso. O site Agência Brasil<sup>135</sup> transcreveu esse discurso, do qual recortamos os seguintes excertos:

[...] Meu país esteve muito próximo do socialismo, o que nos colocou numa situação de corrupção generalizada, grave recessão econômica, altas taxas de criminalidade e de ataques ininterruptos aos valores familiares e religiosos que formam nossas tradições.

Em 2013, um acordo entre o governo petista e a ditadura cubana trouxe ao Brasil 10 mil médicos <sup>136</sup> sem nenhuma comprovação profissional. Foram impedidos de trazer cônjuges e filhos, tiveram 75% de seus salários confiscados pelo regime e foram impedidos de usufruir de direitos fundamentais, como o de ir e vir.

Um verdadeiro trabalho escravo, acreditem...

Respaldo por entidades de direitos humanos do Brasil e da ONU! Antes mesmo de eu assumir o governo, quase 90% deles deixaram o Brasil, por ação unilateral do regime cubano. Os que decidiram ficar se submeterão à qualificação médica para exercer sua profissão.

Deste modo, nosso país deixou de contribuir com a ditadura cubana, não mais enviando para Havana 300 milhões de dólares todos os anos.

A história nos mostra que, já nos anos 60, agentes cubanos foram enviados a diversos países para colaborar com a implementação de ditaduras.

Há poucas décadas tentaram mudar o regime brasileiro e de outros países da América Latina.

Foram derrotados!

Civis e militares brasileiros foram mortos e outros tantos tiveram suas reputações destruídas, mas vencemos aquela guerra e resguardamos nossa liberdade.

Na Venezuela, esses agentes do regime cubano, levados por Hugo Chávez, também chegaram e hoje são aproximadamente 60 mil, que controlam e interferem em todas as áreas da sociedade local, principalmente na Inteligência e na Defesa.

A Venezuela, outrora um país pujante e democrático, hoje experimenta a crueldade do socialismo.

O socialismo está dando certo na Venezuela!

Todos estão pobres e sem liberdade!

O Brasil também sente os impactos da ditadura venezuelana. Dos mais de 4 milhões que fugiram do país, uma parte migrou para o Brasil, fugindo da fome

<sup>135</sup> Disponível em: < <http://agenciabrasil.etc.com.br/politica/noticia/2019-09/presidente-jair-bolsonaro-discursa-na-assembleia-geral-da-onu> >. Acesso em 14 de dezembro de 2019.

<sup>136</sup> O “Programa Mais Médicos” foi um programa governamental que teve como um de seus pilares a melhoria do atendimento aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) levando médicos cubanos para regiões onde havia falta ou insuficiência desses profissionais. Em virtude dessa demanda e sobre a mira de muitas críticas, o governo da ex-presidente Dilma Rousseff trouxe para o país muitos profissionais cubanos. Muitas entidades médicas do Brasil foram contra a vinda desses, alegando que o governo conduzira as contratações de forma obscura, ou que esses trabalhadores não seriam suficientemente qualificados. Após assumir o mandato, o presidente, Jair Bolsonaro, decidiu acabar com o programa, alegando que o substituiria por um “programa de médicos federais”, além de afirmar que a validação dos diplomas dos médicos cubanos seria exigida pelo governo brasileiro, o que levou o governo cubano a encerrar a parceria que tinha com o Brasil, retirando seus médicos do nosso território. (ELPAÍS)

Disponível em: < [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/06/politica/1549465717\\_978725.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/06/politica/1549465717_978725.html) >. Acesso em: 24 de dezembro de 2019.

e da violência. Temos feito a nossa parte para ajudá-los, através da Operação Acolhida<sup>137</sup>, realizada pelo Exército Brasileiro e elogiada mundialmente. Trabalhamos com outros países, entre eles os EUA, para que a democracia seja restabelecida na Venezuela, mas também nos empenhamos duramente para que outros países da América do Sul não experimentem esse nefasto regime. O Foro de São Paulo<sup>138</sup>, organização criminosa criada em 1990 por Fidel Castro, Lula e Hugo Chávez para difundir e implementar o socialismo na América Latina, ainda continua vivo e tem que ser combatido. [...] Hoje o Brasil está mais seguro e ainda mais hospitaleiro. Acabamos de estender a isenção de vistos para países como Estados Unidos, Japão, Austrália e Canadá, e estamos estudando adotar medidas similares para China e Índia, dentre outros. Com mais segurança e com essas facilidades, queremos que todos possam conhecer o Brasil, e em especial, a nossa Amazônia, com toda sua vastidão e beleza natural.

Percebemos que o discurso de Bolsonaro na ONU engrossa o coro de seus enunciados como deputado federal. Novamente, a estratégia discursiva é desqualificar alguns estrangeiros, não somente considerando-o como uma ameaça, mas também por sua competência profissional. Primeiro Bolsonaro questiona a formação dos médicos cubanos, levantando dúvidas a respeito de sua legitimidade “*sem nenhuma comprovação profissional*”, como também fez com os refugiados (citados no enunciado 2) , para só depois prosseguir com sua declaração “*em 2013, um acordo entre o governo petista e a ditadura cubana trouxe ao Brasil 10 mil médicos*”<sup>139</sup> *sem nenhuma comprovação profissional*”.

---

<sup>137</sup> A Operação Acolhida, instrumento de ação do Estado Brasileiro, destina-se a apoiar, com pessoal, materiale instalações, a organização das atividades necessárias ao acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade, decorrente do fluxo migratório para o estado de Roraima. A Operação teve início em meados de março de 2018. Desde a abertura dos abrigos na cidade de Boa Vista e no município de Pacaraima, os imigrantes têm sido acolhidos com acomodações, três refeições diárias, banheiros, lavanderia, atendimento médico e segurança. Disponível em: <<http://www2.fab.mil.br/hca/index.php/2014-12-11-17-51-57/343-operacao-acolhida-roraima>>. Acesso em: 24 de dezembro de 2019.

<sup>138</sup> A organização a que Bolsonaro se refere é composta por partidos políticos e organizações de esquerda (dentre suas inúmeras variantes) da América Latina e Caribe. O **Foro de São Paulo**, foi criado em 1990, pelo PT, do ex-presidente Lula e por Fidel Castro, do Partido Comunista Cubano. A finalidade da reunião, na ocasião de seu nascedouro, era promover a integração entre os latino-americanos e combater as políticas dominantes, neoliberais. Desde então, o Foro reúne seus participantes de dois em dois anos para discutir questões que sejam pertinentes aos seus membros, sobretudo relacionadas a experiências bem-sucedidas na construção de políticas sociais. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/voce-sabe-o-que-e-o-foro-de-sao-paulo-7773/>>. Acesso em 25 de dezembro de 2019.

<sup>139</sup> O “Programa Mais Médicos” foi um programa governamental que teve como um de seus pilares a melhoria do atendimento aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) levando médicos cubanos para regiões onde havia falta ou insuficiência desses profissionais. Em virtude dessa demanda e sobre a mira de muitas críticas, o governo da ex-presidente Dilma Rousseff trouxe para o país muitos profissionais cubanos. Muitas entidades médicas do Brasil foram contra a vinda desses, alegando que o governo conduzira as contratações de forma obscura, ou que esses trabalhadores não seriam suficientemente

Se nos enunciados 1 e 2 a argumentação se construiu sobre a máxima de que os estrangeiros sobrecarregam o sistema público, já deficiente, no caso dos cubanos (discurso na ONU) o problema seria diferente. Segundo Bolsonaro, estaria havendo uma convivência do governo brasileiro com a exploração desses estrangeiros pelo regime do governo cubano, como é possível observar nos dizeres “*um verdadeiro trabalho escravo*”.

Em 2013, um acordo entre o governo petista e a ditadura cubana trouxe ao Brasil 10 mil médicos sem nenhuma comprovação profissional. Foram impedidos de trazer cônjuges e filhos, tiveram 75% de seus salários confiscados pelo regime e foram impedidos de usufruir de direitos fundamentais, como o de ir e vir.

Um verdadeiro trabalho escravo, acreditem...

Na sequência, Bolsonaro novamente demonstra desconfiança com relação à capacitação dos cubanos, quando afirma que aqueles que decidiram permanecer no Brasil foram submetidos a uma qualificação

Respaldado por entidades de direitos humanos do Brasil e da ONU! Antes mesmo de eu assumir o governo, quase 90% deles deixaram o Brasil, por ação unilateral do regime cubano. Os que decidiram ficar se submeterão à qualificação médica para exercer sua profissão.

Bolsonaro ainda argumenta sobre “*agente cubanos*”, esses que segundo o presidente, saíram de Cuba e foram enviados a outros países no intuito de implementar ditaduras “*A história nos mostra que, já nos anos 60, agentes cubanos foram enviados a diversos países para colaborar com a implementação de ditaduras*”. Poderíamos supor que a única motivação para suas críticas ao Programa Mais Médicos, se devesse a uma possível exploração dos profissionais cubanos. No entanto, Bolsonaro segue criticando o governo cubano, e atribuindo a esse e, sua parceria com o PT, a causa dos males da América Latina. É perceptível como a argumentação, desde o início do discurso, aparenta ter como foco a desqualificação dos governos anteriores, e não necessariamente a acolhida dos migrantes. Bolsonaro aborda a dimensão partidária e eleitoral, e não a dimensão humanitária.

---

qualificados. Após assumir o mandato, o presidente, Jair Bolsonaro, decidiu acabar com o programa, alegando que o substituiria por um “programa de médicos federais”, além de afirmar que a validação dos diplomas dos médicos cubanos seria exigida pelo governo brasileiro, o que levou o governo cubano a encerrar a parceria que tinha com o Brasil, retirando seus médicos do nosso território. (ELPAÍS)

Disponível em: < [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/06/politica/1549465717\\_978725.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/06/politica/1549465717_978725.html)>. Acesso em: 24 de dezembro de 2019.

Ele comenta a crise na Venezuela, a participação do Brasil em programas de acolhimento dos migrantes venezuelanos e cita os Estados Unidos como parceiro para, segundo ele, redemocratizar a Venezuela.

*“Trabalhamos com outros países, entre eles os EUA, para que a democracia seja restabelecida na Venezuela, mas também nos empenhamos duramente para que outros países da América do Sul não experimentem esse nefasto regime”.*

Na mesma declaração, Bolsonaro destaca a isenção de vistos para pessoas oriundas dos Estados Unidos, Japão, Austrália e Canadá

[...] Hoje o Brasil está mais seguro e ainda mais hospitaleiro. Acabamos de estender a isenção de vistos para países como Estados Unidos, Japão, Austrália e Canadá, e estamos estudando adotar medidas similares para China e Índia, dentre outros.

Bolsonaro referiu-se à medida anunciada por ele, em 18 de março de 2019, durante à viagem aos EUA para um encontro com Trump. Na ocasião, seu governo dispensou do visto de visita, cidadãos americanos, canadenses, japoneses e australianos. Todos esses que quisessem visitar o Brasil poderiam, a partir daquela data, permanecer por até 180 dias a cada doze meses. A “gentileza”, no entanto, não se deu em vias de mão dupla. A hospitalidade foi unilateral, já que o governo americano não esboçou qualquer desejo em retribuir o voto de confiança do governo brasileiro. Questionado sobre sua atitude, Bolsonaro deu as seguintes declarações:

**Enunciado 3.** Ah, o visto, olha só, a gente não vê nenhum americano indo para o Brasil para ganhar estabilidade via CLT, buscar emprego lá [no Brasil]. O contrário, para cá [Estados Unidos], existe, mesmo não havendo qualquer garantia. Então, há uma diferença (AGÊNCIA BRASIL).<sup>140</sup>

**Enunciado 4.** Agora, alguém tem que estender os braços em primeiro lugar, estender as mãos em primeiro lugar, e fomos nós. Creio que podemos ganhar muito na questão do

---

<sup>140</sup> Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-03/brasil-dispensa-visto-de-entrada-para-canada-eua-japao-e-australia>> . Acesso em 26 de dezembro de 2019.

turismo, se bem que eu sei que a questão do turismo está muito ligada à questão da segurança (G1, 2019).<sup>141</sup>

Ainda, durante seu encontro com Donald Trump, em 18 de março de 2019, nos Estados Unidos, Bolsonaro deu a seguinte declaração a Fox News:

**Enunciado 5.** “A grande maioria dos imigrantes em potencial não tem boas intenções nem quer o melhor ou fazer bem ao povo americano. Eu gostaria muito que os EUA levassem adiante a atual política de imigração, porque em larga medida nós devemos a nossa democracia no Hemisfério Sul aos Estados Unidos”

Na ocasião, Bolsonaro defendia a construção do polêmico muro na fronteira dos Estados Unidos com o México, promessa de campanha de Donald Trump. (EXTRA, 2019)<sup>142</sup>. Logo no dia seguinte, 19 de março, o atual presidente recuou em sua declaração, o que destacou a revista Carta Capital:

**Enunciado 6.** “Bolsonaro recua e diz que crítica a imigrantes foi “ato falho”.

[...] “Grande parte dos imigrantes tem boas intenções. A questão dos EUA é política interna deles, não nossa. Foi um ato falho cometido no dia de ontem” (CARTA CAPITAL).<sup>143</sup> [Em visita aos Estado Unidos, em 18 de março de 2019]

Nos enunciados 3, 4, 5 e 6, seja em seu encontro com Donald Trump, ou em seu discurso na sessão da Assembleia das Nações Unidas, observamos Bolsonaro buscando uma aproximação com a política do governo Trump, no que se refere ao fluxo migratório. Ele o faz, não apenas por ceder os vistos aos americanos, mas principalmente pela notável admiração que esboça pelo país governado pelo presidente Donald Trump. O parlamentar brasileiro demonstra sua gratidão e admiração aos Estados Unidos e aos americanos como

---

<sup>141</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/19/bolsonaro-diz-que-liberou-visto-porque-turistas-americanos-nao-vaao-brasil-em-busca-de-emprego.ghtml>>. Acesso em 26 de dezembro de 2019.

<sup>142</sup> Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/mundo/grande-maioria-dos-imigrantes-nao-tem-boas-intencoes-nem-quer-fazer-bem-aos-americanos-afirma-bolsonaro-fox-news-23533103.html>>. Acesso em: 26 de dezembro de 2019.

<sup>143</sup> Disponível em:<<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-recua-e-diz-que-critica-a-imigrantes-foi-ato-falho/>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

no enunciado 3 e 5, sucessivamente destacados, e ainda comete o que chamou de “ ato falho” quando qualificou como mal-intencionados os imigrantes que chegam aos Estados Unidos

Ah, o visto, olha só, a gente não vê nenhum americano indo para o Brasil para ganhar estabilidade via CLT, buscar emprego lá [no Brasil]. O contrário, para cá [Estados Unidos], existe, mesmo não havendo qualquer garantia. Então, há uma diferença

A grande maioria dos imigrantes em potencial não tem boas intenções nem quer o melhor ou fazer bem ao povo americano. Eu gostaria muito que os EUA levassem adiante a atual política de imigração, porque em larga medida nós devemos a nossa democracia no Hemisfério Sul aos Estados Unidos

Em outra ocasião, numa palestra na sede da **Hebraica**, no Rio de Janeiro em 3 de abril de 2017, Bolsonaro enquanto deputado federal, também esboçou admiração pelos japoneses. “*Alguém já viu algum japonês pedindo esmola? É uma raça que tem vergonha na cara!*”(VEJA, 2017) <sup>144</sup>. Neste enunciado podemos perceber a preferência de Bolsonaro por certas nacionalidades, as quais ele julga superiores às demais. Em 23 de julho de 2019, Bolsonaro demonstrou novamente que sua ‘antipatia’ por certos grupos de estrangeiros é mais de cunho político que necessariamente cultural ou humanitário.

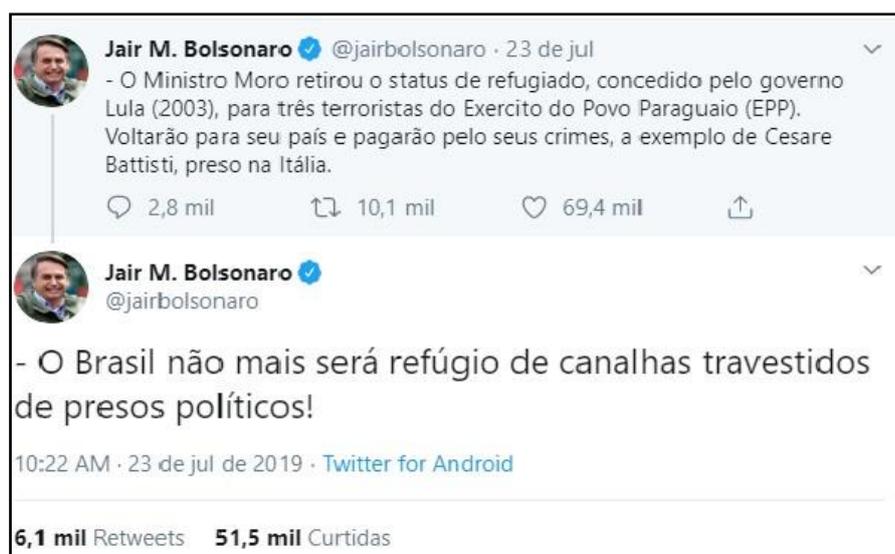
**Enunciado 7.** “Governo Bolsonaro retira status de refugiado de três paraguaios”, “O Brasil não mais será refúgio de canalhas travestidos de presos políticos ( O GLOBO) <sup>145</sup>

---

<sup>144</sup> Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/>>. Acesso em 26 de dezembro de 2019.

<sup>145</sup> Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/mundo/governo-bolsonaro-retira-status-de-refugiado-de-tres-paraguaios-23826364>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2019. Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

Figura 27- Twitter de Bolsonaro- Caso dos paraguaiois



Fonte: Twitter <sup>146</sup>

O Conare, Comitê Nacional para os Refugiados, acolheu o pedido do governo paraguaio e por meio da decisão do ministro da Justiça, Sergio Moro, retirou a condição de refugiado de Juan Arrom, Victor Colmán e Anuncio Martí. Os três foram acusados de sequestrarem a mulher de um importante empresário paraguaio, no ano de 2002, e também de pertencerem a um grupo terrorista, que teria sido o embrião do Exército do Povo Paraguaio<sup>147</sup>. A Corte Interamericana de Direitos Humanos, entendeu que os refugiados, que teriam sido vítimas de tortura, já poderiam seguir a seu país e responder a seus crimes sem temerem por sua integridade.

Embora os paraguaiois sejam acusados de terrorismo, o fato deles, supostamente, pertencerem ao “Exército Paraguaio” (EPP), grupo que gostaria de implementar o regime comunista no Paraguai, somado ao fato de terem sido acolhidos pelo governo do presidente Lula, pode ter motivado Bolsonaro a adjectivá-los de “*canalhas travestidos de presos políticos*”.

<sup>146</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1153656547026841600>>. Acesso em : 256 de dezembro de 2019.

<sup>147</sup> O “Exército do Povo Paraguaio” é um grupo de guerrilheiros cuja ideologia seria baseada nas doutrinas marxista, leninista e guevarista. Eles atuariam apoiados por outros grupos rebeldes, entre eles as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). São acusados de diversos crimes e defendem os princípios do comunismo, sistema que eles gostariam de implementar no Paraguai. O EPP se financia por meio da cobrança das chamadas “taxas revolucionárias”, oriundas das cobranças que realizam dos proprietários agrícolas locais. Disponível em: < <https://tudo-sobre.estadao.com.br/exercito-do-povo-paraguaio> >. Acesso em 14 de dezembro de 2019.

Sua tolerância com estrangeiros é parcial, como já vimos nos enunciados em que ele menciona sírios, bolivianos, haitianos, senegaleses, cubanos, entre outros. Em seu twitter ele reforçou aquela que, em seu mandato, seria a política de acolhida a estrangeiros no Brasil.

**Enunciado 8.** O Brasil é soberano para decidir se aceita ou não migrantes. Quem porventura vier para cá deverá estar sujeito às nossas leis, regras e costumes, bem como deverá cantar nosso hino e respeitar nossa cultura. Não é qualquer um que entra em nossa casa, nem será qualquer um que entrará no Brasil via pacto adotado por terceiros. **NÃO AO PACTO MIGRATÓRIO.** (twitter@jairbolsonaro, 2019)<sup>148</sup>

Figura 28- Twitter de Bolsonaro- “Não ao Pacto Migratório”.



Fonte: Twitter

Observamos no enunciado de Bolsonaro, a ruptura que pretende estabelecer entre seu governo e os governos anteriores, governos petistas. Notamos também a afinidade com a política migratória de Donald Trump, que também não aderiu ao acordo. O presidente Bolsonaro se desligou do Pacto Migratório<sup>149</sup>, assinado pelo governo Temer, por meio de um telegrama emitido em 8 de janeiro de 2019. Segundo o trecho disponibilizado pelo Jornal BBC, coube ao Ministério das Relações Exteriores, por meio

<sup>148</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1082924268361519104/photo/1>>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

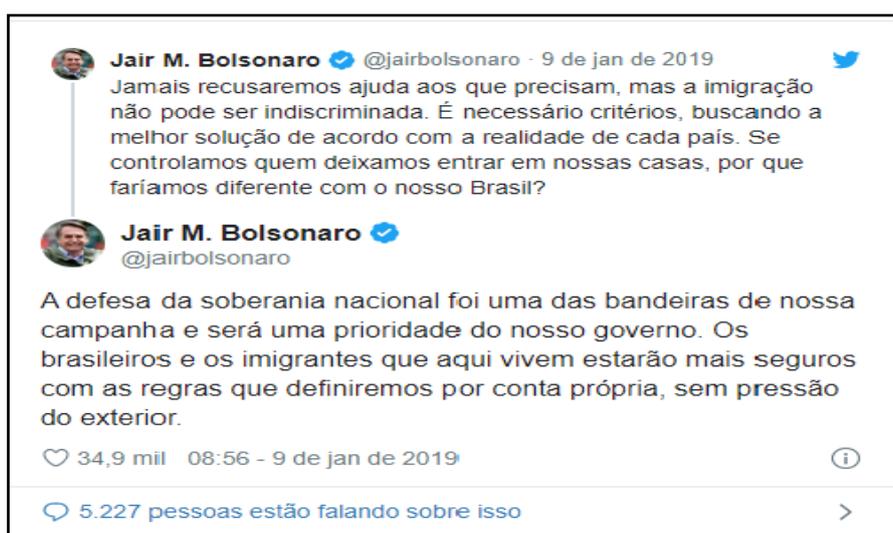
<sup>149</sup> O Pacto Global para Migração, é um acordo firmado entre 164 países que visa gerenciar a migração internacional identificando as motivações para os deslocamentos e minimizando-as. Entre outros objetivos busca assegurar aos migrantes, condições de deslocamento, realocação e possível regresso aos países de origem de forma digna, reconhecendo e garantindo seus direitos. Nas palavras do secretário- geral da ONU, António Guterres, o pacto “*reafirma os princípios fundamentais de nossa comunidade global, incluindo soberania nacional e direitos humanos universais, enquanto aponta o caminho em direção à ação humana e sensata para beneficiar países de origem, de trânsito e de destino, assim como os próprios migrantes*”. (NAÇÕES UNIDAS, 2018).

dos diplomatas brasileiros, tornar conhecido a todos os interlocutores relevantes, sobretudo ao Secretário-Geral das Nações Unidas e ao Diretor Geral da Organização Internacional de Migração, por meio de nota, a dissociação do Brasil do Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular. (BBC, 2019)<sup>150</sup>.

**Enunciado 9.** “Jamais recusaremos ajuda aos que precisam, mas a imigração não pode ser indiscriminada. É necessário [ter] critérios, buscando a melhor solução de acordo com a realidade de cada país. Se controlamos quem deixamos entrar em nossas casas, por que faríamos diferente com o nosso Brasil”?

“A defesa da soberania nacional foi uma das bandeiras de nossa campanha e será uma prioridade do nosso governo. Os brasileiros e os imigrantes que aqui vivem estarão mais seguros com as regras que definiremos por conta própria, sem pressão do exterior.”(ESTADO DE MINAS, 2019)<sup>151</sup>.

Figura 29- Twitter de Bolsonaro- 09 de janeiro de 2019



Fonte: Twitter

?

<sup>150</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46802258>>. Acesso em 07 de janeiro de 2020.

<sup>151</sup> Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/01/09/interna\\_politica,1019996/presidente-diz-que-brasil-jamais-se-recusara-a-ajudar-imigrantes.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/01/09/interna_politica,1019996/presidente-diz-que-brasil-jamais-se-recusara-a-ajudar-imigrantes.shtml)>. Acesso em 12 de janeiro de 2020.

O enunciado 9 ilustra fielmente dois aspectos fundamentais da política de imigração de Bolsonaro. Primeiro, sua acolhida condicional, restritiva; e depois a visão do estrangeiro como ameaça, maquiada pelo pretexto da manutenção da soberania.

Essa citação tem o mesmo teor de um trecho do pronunciamento feito na ONU, que, novamente apela para a questão da segurança e da insegurança causada por estrangeiros.

A história nos mostra que, já nos anos 60, agentes cubanos foram enviados a diversos países para colaborar com a implementação de ditaduras. Há poucas décadas tentaram mudar o regime brasileiro e de outros países da América Latina. Foram derrotados! Civis e militares brasileiros foram mortos e outros tantos tiveram suas reputações destruídas, mas vencemos aquela guerra e resguardamos nossa liberdade. Na Venezuela, esses agentes do regime cubano, levados por Hugo Chávez, também chegaram e hoje são aproximadamente 60 mil, que controlam e interferem em todas as áreas da sociedade local, principalmente na Inteligência e na Defesa.

Como pudemos analisar, por meio dos enunciados e de seus efeitos de sentido, a hospitalidade de Bolsonaro, bem como sua tolerância a alguns imigrantes, está condicionada as suas inclinações pessoais e suas convicções políticas. Suas decisões se pautam na crença ou na dissimulação de uma crença que coloca o imigrante como potencial criminoso.

O primeiro trecho do twitte de Bolsonaro, na figura 29, tem os seguintes dizeres:

Jamais recusaremos ajuda aos que precisam, mas a imigração não pode ser indiscriminada. É necessário critérios, buscando a melhor solução de acordo com a realidade de cada país. Se controlamos quem deixamos entrar em nossas casas, porque faríamos diferente com nosso Brasil

Quando Bolsonaro afirma “*Jamais recusaremos ajuda aos que precisam, mas a imigração não pode ser indiscriminada*” fica pressuposto que ele nega que haja critérios para a imigração, ignorando todas as leis que discorrem sobre esse tema no Brasil. O uso do *mas*, conjunção adversativa, é utilizado para negar a primeira proposição parcialmente ou totalmente, e, nesse caso, serve para mostrar que “*recusar ajuda aos que precisam*” é uma possibilidade concreta para o presidente, e que está condicionada a seus critérios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemos neste trabalho responder a uma questão central: o brasileiro continua cordial? Por meio da investigação dos enunciados, observamos as mudanças que se deram nas formas de cordialidade durante os três últimos governos, Dilma Rousseff (2º mandato), Michel Temer, e Jair Bolsonaro. Nossa proposta mais específica era destacar os enunciados que sustentam as políticas de cordialidade ou de sua ausência, através do cotejamento dos discursos produzidos nas sessões da Assembleia das Nações Unidas e de outros, produzidos em circunstâncias menos formais.

O período analisado (2015- 2019) caracterizou-se por grandes deslocamentos humanos, e em virtude dessa nova configuração, muitas políticas públicas foram criadas ou atualizadas. O Brasil aprovou A Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, que substituiu o Estatuto do Estrangeiro (Lei nº 6.815/1980), aderiu e se desligou do Pacto Migratório, criou a Operação Acolhida, criou Campanha de enfrentamento à xenofobia, Campanha do Dia Mundial do Refugiado – Tudo Começa Pelo Respeito, acampamentos para os imigrantes entre outras medidas.

Foi, portanto, conduzidos pelos momentos de maior ou menor expressão de cordialidade com os migrantes que empreendemos nossas discussões, ao nos debruçarmos sobre os discursos de acolhimento e repulsa expressos no discurso político. Observamos que, num curto período, especificamente entre os anos de 2015 e 2019, as mudanças foram intensas. E elas se deveram único e exclusivamente aos governos em atuação. O povo, em nenhum momento, foi consultado, por vias diretas, a respeito das políticas de acolhimento, embora elejam seus governantes relativamente cientes das convicções que esses defendem.

Notamos que muitas das políticas públicas, destinadas às demandas dos migrantes foram criadas ou embrionadas no governo de Dilma Rousseff. Um dos melhores exemplos foi o projeto de Projeto de Lei n.º 2.516, de 2015<sup>152</sup>, que culminou na Lei nº 13.445/2017, que substituiu o Estatuto do Estrangeiro. A lei diz em seu artigo primeiro a que se destina: “*Art. 1º - Esta Lei dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do*

---

<sup>152</sup> Disponível em:<

[https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=7F07E1F34F78828D48FD4921135501CF.proposicoesWeb1?codteor=1370312&filename=Avulso+-PL+2516/2015](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=7F07E1F34F78828D48FD4921135501CF.proposicoesWeb1?codteor=1370312&filename=Avulso+-PL+2516/2015)>. Acesso em 11 de janeiro de 2020.

*visitante, regula a sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante”*(PLANALTO.GOV, 2017)<sup>153</sup>. De acordo com especialistas o Estatuto do Estrangeiro era obsoleto, e tinha como tema central a prioridade da segurança nacional, supostamente ameaçada pela presença de imigrantes. A lei não estava em consonância com a política de acolhimento do Brasil. Seu texto favorecia a disseminação da xenofobia, já que apelava para o pressuposto de que o imigrante ameaçava o nacional. Esses discursos de ódio acabavam reforçando um imaginário e dificultando o acesso à regularização dos imigrantes no Brasil, ao mesmo tempo em que favoreciam a criminalização dessa categoria.

A lei migratória brasileira vigente, denominada Estatuto do Estrangeiro (Lei nº 6.815), data de 19 de agosto de 1980, período em que o Brasil vivia sob um regime militar, para o qual a imigração restringia-se a interesses estratégicos de segurança nacional, o que limitava o fluxo a grupos restritos de mão-de-obra capacitada (REIS, 2011). É possível observar desde o artigo 2º o caráter securitário, na qual a lei que define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil e cria o Conselho Nacional de imigração, expressa que: “na aplicação desta Lei atender-se-á precipuamente à segurança nacional, à organização institucional, aos interesses políticos, socioeconômicos e culturais do Brasil, bem assim à defesa do trabalhador nacional”(ALVES, L.A, 2015; FARIAS, N.B.C, 2015)<sup>154</sup>

Outra importante contribuição do governo de Dilma para a conscientização das demandas dos migrantes e para o combate à xenofobia foram as campanhas “*Para os refugiados o Brasil é uma oportunidade de viver*”, e “*Brasil, a imigração está no nosso sangue*”, lançadas no ano de 2015<sup>155</sup>. Dilma ainda destinou, no mesmo ano, uma verba de R\$ 15 milhões de crédito extraordinário com a finalidade de fortalecer a política de assistência a refugiados e imigrantes do Ministério da Justiça. (JUSTIÇA.GOV, 2015)<sup>156</sup>.

<sup>153</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13445.htm)>. Acesso em 11 de janeiro de 2020.

<sup>154</sup> Disponível em: <<http://sociologia-alas.org/acta/2015/GT-09/A%20pol%C3%ADtica%20migrat%C3%B3ria%20no%20brasil%20no%20governo%20rousseff%202010-2014%20uma%20reflex%C3%A3o%20sobre%20pr%C3%A1ticas%20e%20incongru%C3%A2ncias%20pol%C3%ADticas.docx>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2020.

<sup>155</sup> Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/news/mp-libera-credito-extra-de-r-15-milhoes-para-fortalecer-politica-de-refugio-e-migracao>>. Acesso em 11 de janeiro de 2020.

<sup>156</sup> Brasília, 9/10/15 – O Diário Oficial da União publicou hoje medida provisória (nº 697) assinada pela presidente da República Dilma Rousseff que destina R\$ 15 milhões de crédito extraordinário para o fortalecimento da política de assistência a refugiados e imigrantes do Ministério da. Acesso em 12 de janeiro de 2020.  
Disponível em: Justiça.<<https://www.justica.gov.br/news/mp-libera-credito-extra-de-r-15-milhoes-para-fortalecer-politica-de-refugio-e-migracao>>.

No governo Temer e no governo Bolsonaro não observamos ações semelhantes. As campanhas em vigor foram de iniciativa do ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas), órgão das Nações Unidas.

Mesmo com o golpe que resultou na destituição da presidenta Dilma Rousseff, no ano de 2016 e a ascensão de seu vice, Michel Temer, muitas políticas de Dilma permaneceram em andamento. Entre as propostas destacaram-se a nova Lei de Imigração e o *Programa Mais Médicos* (parceria entre o governo brasileiro e o cubano).

Os anos de governo de Temer foram marcados por uma escalada no número de venezuelanos que vieram para o Brasil. Dados demonstram que de 2016 a 2018 houve um aumento de 1.000% no número de pessoas, se comparado ao ano de 2015 (BBC, 2018)<sup>157</sup>, razão pela qual o parlamentar criou a *Operação Acolhida*. Durante seus anos de governo, Temer também aderiu ao *Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular*, proposta de iniciativa das Nações Unidas.

Com apenas um ano de governo, Jair Bolsonaro deixou claro seu posicionamento frente ao problema dos deslocamentos humanos. A postura não mudou muito com relação aos anos em que foi deputado e demonstrou sua parcialidade na acolhida dos migrantes. Já em seu primeiro ano à frente do Brasil, Bolsonaro se desligou do *Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular*.

Observamos que Dilma e Bolsonaro demonstraram uma aderência entre a política proposta no período eleitoral, proposição de governo e a enunciação na ONU. Temer, no entanto, demonstrou uma fragilidade nessa aderência, quando cogitou distribuir senhas que limitassem a entrada de venezuelanos no Brasil e quando, em sua presença na ONU, direcionou seu discurso para os dirigentes da ONU e demais políticos, sem falar de maneira mais direta ao cidadão. Essa oscilação pode dever-se ao fato de que ele, na condição de vice-presidente e depois de presidente enunciava de forma distinta a de seu partido, nem em coro com a extrema direita, nem com centro. Michel Temer é filiado ao PMDB desde a década de 1980, e assumiu no ano de 2010 o cargo de vice-presidente da república em decorrência da coligação partidária, entre seu partido e o partido de Dilma (PT). Essa

---

<sup>157</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45251779>>. Acesso em 12 de janeiro de 2020.

parceria não foi bem-sucedida, haja vista a carta que Temer enviou a presidente Dilma Rousseff no final de 2015, ano em que assumiram o segundo mandato.

Jair Bolsonaro foi coerente em suas declarações. Ele demonstrou a mesma postura, antes e depois de ser eleito presidente. Ele definiu bem quais os estrangeiros que desejava e que acolheria no Brasil. Esboçou as condições para essa acolhida em fina sintonia com suas manifestações pregressas. Consideramos que, embora eleito por vias democráticas, o presidente se filie a uma formação discursiva pró ditadura e que isso corrobore para que sua visão do imigrante esteja em consonância com aquela do antigo Estatuto do Estrangeiro. Tal proposição pode ser reforçada pela declaração do porta voz da presidência, Otávio do Rêgo Barros, que confirmou a ordem de Bolsonaro (na ocasião em Israel), para que se celebrasse o Golpe de 64, em 31 de março de 2019

O presidente não considera o 31 de março de 1964 golpe militar. Ele considera que a sociedade, reunida e percebendo o perigo que o país estava vivenciando naquele momento, juntaram-se civis e militares, e nós conseguimos recuperar e recolocar o nosso país num rumo que, salvo melhor juízo, se tudo isso não tivesse ocorrido hoje nós estaríamos tendo algum tipo de governo aqui que não seria bom para ninguém (O GLOBO, 2019)<sup>158</sup>

As políticas públicas ativadas bem como os pronunciamentos dos Chefes de Estado na ONU e sua afinidade com discursos anteriores e em diferentes ocasiões serviram-nos de embasamento para fazer algumas afirmações no que se refere à cordialidade do brasileiro, manifesta pelas práticas discursivas de seus representantes.

O governo Dilma demonstrou-se de fato cordial, seja por sua assistência aos migrantes, refugiados, ou por respeito mútuo aos países de origem dessas pessoas. O discurso direto ao cidadão migrante somado as ações práticas de seu governo evidenciam sua postura de real “Braços Abertos”. A legítima preocupação de Dilma com a causa das migrações é reforçada pela maneira como ela discursa, dialogando não somente com a audiência da ONU, os Chefes de Estado, mas também com o cidadão comum, e a sua militância.

O governo Temer oscila entre o momento em que deixa a presidência até quando se consolida como presidente. Essa instabilidade pode dever-se ao fato de, num primeiro momento, ainda estar mais atrelado ao governo Dilma, e, portanto, a uma ideologia que prima pelo acolhimento, e o momento no qual se desliga definitivamente do partido e

---

<sup>158</sup> Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-determina-que-militares-celebrem-golpe-de-64-23549592>>. Acesso em 12 de janeiro de 2020.

assume uma posição de centro-direita. Ele pode também ter adotado tal postura para sustentar o papel que desejava desempenhar, o de um presidente legítimo, apesar de todo o rumor internacional. Sua tolerância pode ser questionada se nos atentarmos ao teor de seu discurso eleitoreiro na ONU. Seus pronunciamentos soam como peças publicitárias, não tem altivez. É um discurso ouvido como parte de um protocolo, sem força simbólica e política. Temer dialoga apenas com os dirigentes da ONU e políticos, ou seja, naquele momento sua preocupação é afirmar-se como um governante legítimo, falando para os estrangeiros. Tal peculiaridade, somada a seus equívocos com relação aos migrantes fazem supor que sua cordialidade não é desinteressada, já que é possível capturar na materialidade do seu discurso as estratégias que tem como finalidade uma cadeira no Conselho de Segurança da ONU. Ousaríamos dizer que, assim como muitos afirmam, a postura de Temer é bem fiel a de seu partido, acusado de clientelismo, que está sempre do lado de quem detém o poder.

O governo Bolsonaro não demonstra traços de cordialidade. Sua postura é de um extremo nacionalista. Ele é parcial. Sua tolerância é condicionada às vantagens monetárias que pode receber, a exemplo de quando afirmou ter liberado os vistos aos turistas americanos, canadenses e japoneses por impulsionarem o turismo local. Além de se demonstrar intolerante, Bolsonaro se revela subserviente, pois se curva ao estrangeiro rico, como historicamente nos curvamos ao colonizador (ainda que forçados). Não se trata de um discurso pioneiro, suas declarações não se diferem em quase nada daquelas da extrema direita mundial. É o mesmo discurso que remonta ao passado mais próximo a ascensão política do nazismo na Alemanha. Uma retórica que se auto intitula como “sincera” e instrumentaliza o medo dos locais, em cenário de crise econômica, produzindo os inimigos de sempre, elegendo seu bode expiatório. Ele ignora a ONU, e fala exclusivamente para sua militância. O impacto que esse tipo de declaração rara e populista tem sobre o eleitorado é grande. Ele explora o desconhecimento e incita o ódio valendo-se da frustração de muitos. É contra esse tipo de discurso que as declarações de Dilma têm de lidar. Ela precisa, diante dessa representação populista baseada na exploração das emoções imediatistas, mostrar que o apoio dado aos refugiados é uma questão humanitária, inalienável, apelando para a racionalidade e senso de justiça.

A pergunta inicial “*O brasileiro continua cordial?*” não tem uma resposta simples. De início questionamos a ideia de o brasileiro ter de fato sido cordial em algum momento da história. Nossas análises levam-nos a considerar que houve um processo de subjetivação que criou e manteve essa imagem de cordialidade do brasileiro. Cordialidade

às vezes hospitaleira, às vezes interessada nos possíveis benefícios produzidos por essa mistura entre o público e o privado.

A complexidade que envolve os povos em deslocamento exige, como vimos, uma pluralidade de termos que os identifique. Para além da determinação semântica, apontamos como o emprego desses termos ((i)migrantes, refugiados, estrangeiros, dentre outros) provocam em suas ocorrências diferentes efeitos de sentido. Somado a isso, verificamos como a associação desses termos ao termo terrorismo intensifica a desqualificação e impõe à sociedade o medo produzido sob a égide da insegurança.

As relações de poder dadas na economia e na história definem quais grupos merecem respeito e atenção e quais restam à margem dependendo de políticas públicas que não são implementadas de forma igualitária por diferentes governos.

Observamos que contra o preconceito ao estrangeiro, resta, portanto, investir insistentemente em campanhas nacionais como a ACNUR tem feito de forma independente ao poder governamental e contar com a força da lei que penaliza a xenofobia. De nossa parte, essa pesquisa pretendeu contribuir para lançar luz sobre esse tema, de forma a compreender como os discursos contemporâneos atuam nas formas de manutenção e de resistência aos discursos sobre os povos em deslocamento.

Nossos resultados indicam que o estereótipo do homem cordial está cada vez mais no imaginário e na memória coletiva que nas práticas propriamente ditas. A cordialidade está condicionada às manobras de nossos líderes, às convicções de nossos representantes em diferentes esferas e segue sob o olhar espreito da xenofob

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz. **Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro**. São Paulo: Cortez, 2016.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **A identidade brasileira e o complexo de vira-lata**. Uma interpretação da psicologia simbólica junguiana. Jungiana, 2013.

Disponível em: < <https://www.semanticscholar.org/paper/A-identidade-brasileira-e-o-complexo-de-vira-lata%3A-Byington/950e385414e4cce588aa000c168c1c97efadc502>>.

Acesso em 01. out. 2017.

CAMPOS, Gustavo Barreto de. **Dois séculos de imigração no Brasil: A construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015** / Gustavo Barreto de Campos. Rio de Janeiro, 2015. 545 f. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: < [http://midiacidade.org/img/tese\\_final\\_GBC\\_final.pdf](http://midiacidade.org/img/tese_final_GBC_final.pdf)> Acesso em: 09 de agosto de 2019.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M., **Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2019**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

COUTO, Ribeiro. **Origem do conceito do homem cordial**. Carta a Alfonso Reyes, 7 mar. 1931. Disponível em: <https://www.correioims.com.br/carta/origem-do-conceito-de-homem-cordial/>> Acesso em: 29 de julho de 2019.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Intolerância e cordialidade nos modos de**

**subjetivação no Brasil.** in INFANTINI, J. A. (Org). Raízes da Intolerância. São Carlos: EdUFScar, 2014. p. 17-42.

\_\_\_\_\_. FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** Tradução de Luís Felipe Baeta Neves – 3 ° edição. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** 8° edição. Rio de Janeiro: Graal, 1989

\_\_\_\_\_. **"O sujeito e o poder"**.In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault- uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

\_\_\_\_\_. **A ordem do Discurso.** São Paulo, SP: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro:Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. **Sobre a História da sexualidade.** In:\_\_\_\_\_. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243

\_\_\_\_\_. **As manhãs cinzentas da tolerância.** In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Estética: literatura e pintura, música e cinema. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2.edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 371-373. (Coleção Ditos e Escritos III).

\_\_\_\_\_. Aula de 19 de janeiro de 1983 - primeira hora. **O governo de si e dos outros.** São Paulo: Martins Fontes, 2010ª

\_\_\_\_\_. **“O problema dos refugiados é um presságio da grande migração do século XXI”.** In: MOTTA, Manoel Barros da. Michel Foucault: Repensar a Política.

Ditos e Escritos. v. VI. Trad. Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 285-288.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos**: 2<sup>o</sup> edição. São Carlos: Editora Claralux, 2006.

GLOBAL TRENDS. *Forced Displacement in 2018*.

Disponível

em:

<[https://www.unhcr.org/globaltrends2018/#\\_ga=2.235108930.215323825.1565169714-539690476.1564095838](https://www.unhcr.org/globaltrends2018/#_ga=2.235108930.215323825.1565169714-539690476.1564095838)> Acesso em: 07 de agosto de 2019.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O homem cordial**. In: **Raízes do Brasil**: 26 edição. São Paulo: companhia das letras, 1995.

MELO, Luis Carlos Mucheroni de. **Bolsonaro fala sobre a nova lei de imigração de refugiados**, 12 abr. 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=YdITundTNwM>>. Acesso em 01. out. 2017.

PRADO FILHO, Kleber e TETI, Marcela Montalvão. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. *Barbaroi* [online]. 2013, n.38, pp. 45-49. ISSN 0104-6578.

ROCHA, Décio. **Perspectiva Foucaultiana**. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. (Org.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. **Dispositivo: um aporte metodológico para o estudo do discurso**. In: Katia Menezes de Sousa. (Org.). **Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade**. 1ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2015, v. 1, p. 19-36.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. **Ressonâncias Foucaultianas nos domínios da Linguística**. NAVARRO, P. / BARONAS, R. (Orgs.) **Sujeito, Texto e Imagem em Discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES, Guido Fernando Silva. (2004). **Os direitos humanos e a proteção dos estrangeiros**. Revista da Faculdade de Direito, Universidade De São Paulo, 99, 403-460. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67631> Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67631/70241>> Acesso em: 09 de agosto de 2019.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro**. Rio de Janeiro : LeYa, 2018. 288 p.